



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**Maria da Conceição Pereira Mesquita**

**Cuidar da Terra:**  
**“Para a cultivar e guardar” (Gn 2,15)**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
Prof. Doutor Armindo dos Santos Vaz  
Prof. Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

**Lisboa**  
**2014**

...olhem e contemplem a natureza como dom de Deus para toda a humanidade.  
Amem-na e respeitem-na, com gratidão e reverência, e dêem o seu contributo, para que a mãe  
terra seja casa acolhedora para todos,  
e os seus frutos sejam partilhados fraternalmente.  
(DG Art. 41 §1 da Confhlic)

... promovam e participem em projetos *cuidadores* da natureza e na educação  
para uma eco-espiritualidade, em colaboração com a Igreja,  
com a Família Franciscana ou com outras instituições.  
(DG Art. 41 §2 da Confhlic)

## **Agradecimentos**

A minha gratidão:

ao Prof. Doutor Armindo dos Santos Vaz,

ao Prof. Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio,

À minha Comunidade e

Congregação Religiosa (Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição).

A todos aqueles que de uma maneira ou de outra, neste percurso,

colaboraram para a minha formação,

os mais calorosos agradecimentos.

## Abreviaturas

<i>DG</i>	Diretório Geral
<i>CONFHIC</i>	Congregação das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
<i>EMRC</i>	Educação Moral Religiosa Católica
<i>PES</i>	Prática de Ensino Supervisionada
<i>EB</i>	Escola Básica
<i>PALOP</i>	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
<i>TEIP</i>	Território Educativo de Intervenção Prioritária
<i>UL</i>	Unidade Letiva
<i>Gn</i>	Livro do Génesis
<i>MA</i>	Mística Aliança (Sacrum commercium)
<i>2C</i>	Tomás de Celano, Vida Segunda
<i>Art.</i>	Artigo

# Índice

## INTRODUÇÃO

<b>I PARTE – A Prática Letiva .....</b>	<b>8</b>
1. Caraterização do contexto onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada.....	8
2. A EMRC na Escola .....	16
3. A turma onde se desenvolveu a PES .....	19
3.1 A turma e a disciplina de EMRC .....	20
3.2. A turma e o currículo de EMRC .....	21
3.2.1. UL 2 – Ecumenismo e confissões cristãs .....	22
3.2.2. UL 4 – Ecologia e Valores .....	22
4. A Ecologia na disciplina de EMRC .....	26
5. Refletir e ecologia a partir da perspetiva do cuidado .....	28
 <b>II PARTE - Fundamento bíblico-teológico da Ecologia .....</b>	 <b>30</b>
1. Um olhar pela crise ecológica .....	31
2. O judeo-cristianismo criticado por favorecer a poluição do ambiente .....	34
3. Respondendo às críticas: Um fundamento bíblico para a Eco(Teo)logia .....	37
4. Ecologia no magistério da Igreja e no pensamento teológico .....	48
 <b>III PARTE – Cuidado, um convite a fazer a diferença. ....</b>	 <b>53</b>
1. A exemplaridade do Cuidado na Carta da Terra.....	53
2. Proposta: um convite a fazer a diferença.....	61
3. Planificações .....	64
4. Clube Make the Difference – Regulamento.....	68
4.1. Caraterização.....	68
4.2 Objetivos.....	68
4.3. Destinatários.....	69
4.4. Responsáveis.....	69
4.5. Metodologia / Atividades.....	69
4.6. Avaliação.....	70
4.7. Regras de funcionamento.....	70
4.8. Hino do Grupo: Vai e Faz.....	71
5. Clube Make the Difference – Proposta.....	72
6. Carta da Terra – Plano de Ação.....	74
7. Conclusão .....	82

## CONCLUSÃO

## BIBLIOGRAFIA

**Apêndice 1** - Decálogo para um Ambiente à Medida do Homem

**Apêndice 2** - A Carta da Terra

**Apêndice 3** - Cântico das criaturas ou Cântico do Irmão Sol

## Introdução

O presente Relatório de Prática de Ensino Supervisionada (PES) está inserido no Mestrado de Ciências Religiosas especialização em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) da Universidade Católica Portuguesa.

Resultante da experiência/vivência da Prática de Ensino Supervisionada (PES) e da reflexão dos temas de estudo lecionados em EMRC bem como do currículo do mestrado surgiu o tema fulcral deste trabalho - *Cuidar da Terra: "Para a Cultivar e Guardar" (Gn 2,15)*, ou seja, a vivência radical de uma Ecologia sob a vertente do Cuidado.

O presente trabalho está dividido em três partes e tem como objetivo ‘assentar os pés na terra’, concretizando o sonho de incrementar novas atitudes e valores na vida quotidiana de todo o ser humano. Assim na I Parte do trabalho revisitamos a Prática letiva da PES, onde o leitor pode sucintamente vislumbrar o onde, quando e o como da mesma. Salientamos que a PES foi uma experiência muito enriquecedora, não só para adquirir novas competências e melhorar aptidões essenciais para o desempenho do serviço de docência, como também de grande crescimento a nível pessoal.

Na parte II apresentamos o que quer ser uma reflexão bíblico-teológica da Ecologia com a vertente do Cuidado. Esclarecer ideias, procurar respostas a quem acusa a Igreja de insensibilidade perante o tema e ajudar a interpretar, a iluminar os versículos do livro do Génesis em causa (Gn 1, 28) com todo o contexto integral do livro e da época em que foi redigido, embora de forma sucinta. Passaremos também por alguns documentos do Magistério para denotarmos as referências da Igreja sobre a Ecologia na atualidade e desde que o tema aflorou na sociedade científica.

No que concerne à III parte, são apresentadas sugestões/propostas para o estudo do *Cuidado* na Educação pela perspectiva da Carta da Terra.

Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Sabemos que a educação não transforma o mundo, mas muda pessoas e estas mudam o mundo. Assim, através da educação podemos potenciar a vivência do *Cuidado* sob os princípios da Carta da Terra, visto que estes se apresentam de forma integrais e concretos, livres de todos os antagonismos.

Seguidamente são ainda apresentadas três novas planificações como sequência das já existentes da unidade letiva 4 – Ecologia e Valores e presentes no portefólio da PES. É ainda apresentada a proposta da criação de um Clube que pretende fazer a diferença – *Make the Difference* – com o trabalho, reflexão e ação concreta dos seus elementos.

No fundo, este simples trabalho pretende refletir um tema complexo: a Ecologia sob a vertente do Cuidado, porque este depende de cada um de nós, da vontade política e pessoal e para tal de mentes abertas capazes de novas atitudes por esta e pelas futuras gerações.

## **I PARTE – A Prática Letiva**

Damos início a esta primeira parte com uma reflexão/descrição da Prática de Ensino Supervisionada (PES) na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), que decorreu na Damaia, na Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha, no ano letivo 2012/2013.

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) decorreu em contexto específico, que se descreve:

### **1. Caracterização do contexto onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada**

A caracterização da Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha foi elaborada tendo por base o Projeto Curricular do Agrupamento 2008/2009, Projeto Educativo do Agrupamento 2009/2010, e o relatório *“Um Amigo Hoje... Um Futuro Amanhã”* EB 2/3 Pedro D'Orey da Cunha, do Núcleo de Gestão e Investigação Comportamental (N.G.I.C.) de 27 de novembro de 2008.<sup>1</sup>

A Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha pertence ao Agrupamento de Escolas da Damaia, homologado, em regime de instalação, pelo despacho de 28/5/04. Situada na Damaia, a Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha pertence ao concelho da Amadora, fazendo parte do mesmo as freguesias de Alfovelos, Alfragide, Brandoa, Buraca, Fala-gueira, Mina, Reboleira, S. Brás, Venda Nova e Venteira, pertencendo, esta última, com a freguesia Damaia, ao Agrupamento de Escolas da Damaia.

Este Estabelecimento de Ensino tem como patrono Pedro D'Orey da Cunha, cuja divisa se encontra na sala de professores e norteia a comunidade educativa:

---

<sup>1</sup> Apesar de todas estas datas serem anteriores à PES, não tivemos acesso a outra documentação recente.



«Temos que ensinar muitas coisas e muito aos nossos alunos. Temos de os preparar para uma vida de rigor, de qualidade e de extrema complexidade. Quanto mais exigimos deles, contando que seja com respeito, com o devido encorajamento e compreensão, mais eles se sentem queridos, desejados e entusiasmados pela aprendizagem. O melhor que lhe podemos dar é a preparação necessária, para que eles sejam autónomos, empreendedores e ativos, possam estar aptos a lutar por uma vida de qualidade.»

A população escolar da Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha é oriunda das freguesias da Buraca e da Damaia, nomeadamente dos bairros da Cova da Moura, 6 de Maio, Estrela de África e do Zambujal. Estes bairros têm características diferentes mas têm em comum uma complexidade de vida/estrutura social associada, muitas vezes, ao crime e à violência. São bairros de grande densidade populacional e bastante heterogénea, tanto a nível social, como cultural e económico. A maioria da população residente é oriunda dos PALOP<sup>2</sup> à qual, ultimamente, se têm juntado cidadãos brasileiros e dos países da Europa de Leste e, mais recentemente, provenientes do continente asiático, nomeadamente da China.

As crianças destes bairros distribuem-se pelo Agrupamento de Escolas da Damaia e pelo Agrupamento Vertical Almeida Garrett.

A Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha tem alunos de catorze nacionalidades diferentes e é um estabelecimento classificado como Território Educativo de Intervenção Prioritária, TEIP2.

As escolas TEIP, surgiram

«... em 1996, com o governo de António Guterres, por força do Despacho nº 147 – B do Ministério da Educação. Esta medida, inspirada nas «zones d'action prioritaires» (ZEP) em França, tinha subjacente uma filosofia de discriminação positiva, para as escolas e as populações mais carenciadas, e de territorialização da ação educativa, porquanto reconhecia as dificuldades com que se deparam muitas escolas, quer em zonas de isolamento rural, quer nos meios

---

<sup>2</sup> Sigla de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

urbanos e suas periferias, e acreditava que os contextos sociais em que as escolas estão inseridas podem e condicionam muitas vezes o sucesso educativo.»<sup>3</sup>

Dez anos mais tarde, propriamente em

«... setembro de 2006, a ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, anunciou o relançamento do programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP2), dirigido às escolas ou agrupamentos de escolas localizados nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, com elevado número de alunos em risco de exclusão social e escolar, com o objetivo de promover o sucesso educativo dos alunos pertencentes a meios particularmente desfavorecidos, através da apropriação, por parte das comunidades educativas assim caracterizadas, de recursos que lhes permitam orientar a sua ação para a reinserção escolar dos alunos.

De acordo com o despacho normativo n.º 55/2008 que regulamenta a constituição dos TEIP 2, os agrupamentos assim considerados foram chamados a apresentar os seus projetos educativos envolvendo um conjunto diversificado de medidas e ações de intervenção na escola e na comunidade, explicitamente orientadas para a qualidade do percurso e dos resultados escolares dos alunos; a redução do abandono e insucesso escolar; a transição da escola para a vida ativa e intervenção da escola como agente educativo e cultural central na vida das comunidades em que se insere.»<sup>4</sup>

Sendo assim, a Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha está inserida num programa que é destinado a escolas localizadas em meios socioeconómicos desfavorecidos e com elevadas taxas de abandono e de insucesso escolar. Estabelecimentos de Ensino com esta tipologia têm como objetivo melhorar a escola, no seu conjunto, proporcionando igualdade de oportunidades, com exigência e rigor alargada a todos os elementos da comunidade educativa.

Esta Escola onde decorreu a prática de ensino supervisionada (PES) tem uma população multicultural que, também por isso, tem de ser atendida com respeito e tolerância, visto que ensinar neste contexto societário requer abertura dos nossos horizontes à diferença e ao acolhimento da mesma. Segundo Arens «viver numa sociedade multicultural é uma condição

---

<sup>3</sup> BENAVENTE, Ana, “Portugal, 1995/2001: reflexões sobre democratização e qualidade na educação básica” In *Revista Ibero Americana de Educación*, nº27, 2001, 99-123.

<sup>4</sup> SOARES, Margarida, “O que são Agrupamentos TEIP”. In *Ozafaxinars, e-revista* ISSN 1645-9180, nº22 TEIP, Matosinhos.

da nossa cultura»<sup>5</sup>. Para isso exige que nós, os professores, tenhamos um repertório de estratégias de ensino eficazes que permitam satisfazer as necessidades de cada criança. Temos, portanto, que estar aptos a adaptar os currículos e a instrução de modo a torná-los mais adequados para alunos que podem considerar a escola excessivamente difícil ou irrelevante para as suas vidas.<sup>6</sup>

As crianças e jovens da Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha trazem consigo uma enorme variedade de origens culturais, talentos e necessidades. A escola deve potenciar a sua aprendizagem, maximizando-a. É fundamental, para tal, compreender os alunos e a forma como estes aprendem em salas de aula diversificadas. Esta compreensão é urgente e é um dos mais importantes desafios do ensino. Para isso, é crucial utilizar a linguagem apropriada quando discutimos a diversidade ou descrevemos as origens e as capacidades dos alunos.

Sendo que um dos principais objetivos do «ensino é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados»<sup>7</sup>, os professores «de hoje são responsabilizados pelos seus métodos de ensino e pelo que os seus alunos aprendem.»<sup>8</sup>

O conhecimento não é completamente fixo e transmissível. Pelo contrário, é algo que se deve construir ativamente, através de experiências sociais e pessoais do indivíduo e, mais importante ainda, estruturado no sentido do indivíduo aprender *como aprender*, porque «estudar é muito, mas pensar é tudo!»<sup>9</sup>.

Consideramos que todas as crianças devem frequentar a Escola e, neste sentido, o que ela é e representa apresenta-se deveras importante visto que «muitas famílias entregam à Escola tarefas que lhe cabiam, e as escolas, invadidas por novas responsabilidades sociais, procuraram, em vão, responder a todos os problemas e exigências.»<sup>10</sup> Constatamos, então, que a

---

<sup>5</sup> ARENDS Richard I, *Aprender a Ensinar*, Ed. McGraw Hill, 7ª Edição, Madrid, 2008, 8.

<sup>6</sup> Cf. *Ibidem*, 10.

<sup>7</sup> *Ibidem*, 17.

<sup>8</sup> *Ibidem*, 14.

<sup>9</sup> SANTOS, José Carlos Ary dos, *Obra poética*, Editorial Avante, Lisboa, 1999.

<sup>10</sup> NUNES, Tomaz Silva, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*. Fórum de EMRC, SNEC, Lisboa, 2005, 85.

Escola terá que ter «a tarefa de promover todos os autênticos e perenes valores da civilização nas novas formas do nosso tempo (...) o que é primeiramente importante para a escola é a formação do homem, em totalidade e em plena maturidade das suas faculdades.»<sup>11</sup>

### A educação

«... cobre não apenas o ensino, mas toda a formação que recebemos desde o nascimento, em casa, na escola, nos clubes e nos movimentos de juventude, pelos amigos, através dos média, nos lugares de trabalho, num mundo onde os conhecimentos evoluem continuamente, como escalas de valor.»<sup>12</sup>

Assim, educar é «muito mais do que no passado, acompanhar para bem integrar uma mudança duradoura.»<sup>13</sup>

A educação é essencial para combater a «ignorância, os estereótipos e a incompreensão das religiões.»<sup>14</sup> A este exemplo o relatório da UNESCO para a Educação contempla uma educação para todos ao longo de toda a vida e pede que a mesma seja fundada sobre quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Estes quatro pilares devem constantemente estar em consonância.<sup>15</sup>

A educação deve, portanto, «contribuir para o desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade».<sup>16</sup>

As Escolas, como esta na Damaia, que dão um tratamento imparcial, justo e equitativo, assim como condições iguais para todos os alunos, demonstram uma política de equidade. Os docentes, diante de um mundo diversificado e multicultural, não têm outra escolha senão criar salas de aula recetivas e igualitárias. É da responsabilidade dos educadores assegurar que

---

<sup>11</sup> MAGALLI citado MOITA, Fernando, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”. In *Pastoral Catequética* nº26, SNEC, 2013, 60.

<sup>12</sup> KERKHOF, Jan, “Perspetivas ou tendências da educação na europa”. In *Pastoral Catequética*, VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar, 2. Edição SNEC e FTUCP, Lisboa (Linda-a-Pastora) 1998, 72.

<sup>13</sup> *Ibidem*, 71.

<sup>14</sup> Ponto 6 da Recomendação 1720 da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa - 04/10/2005.

<sup>15</sup> Cf. KERKHOF, Jan, “Perspetivas ou tendências da educação na europa”, 75.

<sup>16</sup> DELORS, Jacques et al. (Org.), *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília: UNESCO, 2010.

todos os jovens tenham iguais oportunidades de aprender, sendo que devem ter em conta a necessária distinção das diferenças entre experiências educacionais de grupos majoritários e minoritários no que diz respeito à etnia, classe, cultura ou género. A diferenciação tem lugar, em parte, porque os professores, consciente ou inconscientemente, têm expectativas diferentes para alguns alunos em relação a outros.

Na Damaia também existem alunos com dificuldades de aprendizagem, ou com um qualquer outro tipo de necessidade educativa especial. Alguns estão inseridos nas turmas, outros com necessidades mais profundas têm o seu próprio atelier, bem como instrumentos de locomoção para uma visita de estudo ao exterior da escola, como para a subida e descida de escadas. Estes alunos com estas necessidades educativas especiais devem ser atendidos com a sua própria diferença, mas de modo que possam ter um «desempenho eficaz, tanto dentro como fora da escola»<sup>17</sup>.

Como já referimos, «a diversidade a nível cultural, de etnia e de raça apresenta desafios difíceis aos professores, especialmente porque as desigualdades étnicas e raciais e as questões de intolerância que ainda existem na sociedade, se refletem nas escolas e nas salas de aula.»<sup>18</sup>

As diversas reuniões, festas convívio e os contactos com os encarregados de educação são a grande oportunidade, em que os professores buscam respostas para compreender os alunos e as suas diferenças culturais, nomeadamente dos alunos de grupos minoritários, pessoas diferentes que são, normalmente, postas de lado. É necessário conhecer para incluir e dar voz a quem não é dada voz, por sistema.

Assim sendo, «os professores devem ser recetivos às origens das diferenças culturais e à forma como estas podem afetar o comportamento de um aluno dentro da sala de aula»<sup>19</sup> visto que a «educação multicultural, em geral, é definida como o conjunto de abordagens cur-

---

<sup>17</sup> ARENDS Richard I, *Aprender a Ensinar*, 84.

<sup>18</sup> *Ibidem*, 60.

<sup>19</sup> *Ibidem*, 64.

riculares e pedagógicas que ensinam os alunos a respeitar e valorizar a diversidade.<sup>20</sup>» Estas abordagens curriculares e pedagógicas levam-nos à elaboração de programas que culturalmente se apresentam como transmissores de valores e desafios, por isso, «os professores devem despende algum tempo a compreender as culturas dos seus alunos e a avaliar o que estes sabem e não sabem.<sup>21</sup>»

Outro traço importante em que o professor se deve inserir para melhor servir é reconhecer que «a língua é um fator importante da escolarização e desenvolver formas de trabalhar com os alunos que têm línguas e dialetos diferentes como primeira língua»<sup>22</sup>. A aquisição de uma segunda língua é um processo longo e difícil para os alunos. A diversidade linguística deve ser respeitada, e as competências bilingues devem ser encorajadas e desenvolvidas nos alunos que estão a aprender a falar a língua do país onde residem, neste caso, o português.

Na Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha há um acompanhamento neste sentido, visto que muitos recém-chegados a Portugal precisam de muita ajuda para conseguir aprender na segunda língua, que é a nossa.

Os alunos, rapazes e raparigas, aprendem a tornar-se homens e mulheres na escola e junto das suas famílias, bem como de tudo o que socialmente os rodeia.

Muitas crianças são oriundas de famílias com um baixo estatuto socioeconómico, vivem na pobreza.<sup>23</sup> E muitas vezes a célula familiar é confusa e não ‘fornece’ às crianças a aquisição de competências para uma formação integral.

Com um corpo docente estável a escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha tenta trabalhar em cenários educacionais específicos para dar a todos os alunos experiências educacionais adequadas.

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, 65.

<sup>21</sup> ARENDS Richard I, *Aprender a Ensinar*, 67.

<sup>22</sup> *Ibidem*, 71.

<sup>23</sup> Cf. *Ibidem*, 79.

Hoje, como ontem, os professores devem ajudar os alunos a construir o seu próprio conhecimento e a envolverem-se ativamente na sua aprendizagem, porque a tarefa de ensinar é muito importante e complexa.

No que se refere às estruturas físicas da Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha, esta é constituída por cinco blocos com diversos serviços administrativos, académicos e sociais. Está ainda equipado com um campo exterior de jogos, um pavilhão gimnodesportivo com um campo polivalente, um pavilhão de carpintaria e jardinagem onde funcionam os Cursos de Educação e Formação de Jardinagem e Carpintaria.

Através da adesão a vários projetos, tal como “Escola Mais”<sup>24</sup>, do Programa Escolhas, a escola dispõe de um mediador, um monitor de informática e uma coordenadora do Projeto.

A escola EB 2/3 Professor Pedro d'Orey da Cunha desempenha muitas outras atividades/projetos, que não chegamos a mencionar, que fazem da escola uma referência para a formação integral do aluno. Queremos, no entanto, ainda frisar os “concertos” que acontecem numa interação com os alunos mais velhos do 9º ano, como mais uma maneira diversificada e intrínseca de promover o talento dos alunos e de aumentar a sua autoestima, promovendo o seu envolvimento no seu mundo escolar e do seu mundo cultural.

De referir ainda que uma das preocupações latentes do Agrupamento, é a *luta contra o insucesso e o abandono escolar*. Ciente deste desafio, o Projeto Educativo da Escola elege como principal objetivo a promoção do sucesso escolar. Para a sua concretização será necessário: - atualizar profissionalmente todos os intervenientes; - promover a relação comunidade/família/escola; - articular vertical e horizontalmente os currículos; - implementar medidas preventivas da exclusão escolar.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> O “Escola Mais” pretende a Integração escolar através de estratégias de Mediação aluno-família-escola, de diversas atividades de Educação Não-formal, Formação Cívica e Animação, do Apoio à Legalização e da Inclusão Digital. A intervenção é desenvolvida de forma integrada e em articulação com instituições locais e com outras estratégias educativas desenvolvidas pela Escola EB2,3 prof. Pedro d'Orey da Cunha. Este projeto é financiado pelo Programa Escolhas e resulta de uma parceria entre a Associação Mediar e a Escola EB2 Prof. Pedro d' Orey da Cunha e o Centro de Saúde da Reboleira Ext. Damaia. O “Escola Mais” tem como destinatários os alunos da Escola EB 2,3 prof. Pedro d'Orey da Cunha, que está inserida num TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária) e é local de implementação do Projeto.

<sup>25</sup> AGRUPAMENTO DE ESCOLAS da DAMAIA, “Projeto Educativo do Agrupamento”, 2009/2010, 24.

Também é fundamental a criação de um clima acolhedor e propiciador das aprendizagens e este passa pela redução e gestão adequada das situações de conflito<sup>26</sup>, problema que hoje afeta a grande maioria das escolas. Agir com justiça, sem discriminação e de forma a resolver os problemas relacionais do dia-a-dia, é um objetivo abrangente de onde derivam todos os que respeitam às aprendizagens.<sup>27</sup>

Uma das prioridades de intervenção educativa é dar contributos para a Integração Pessoal e Social consubstanciada na prática pedagógica, enfatizando o ensino da língua e da cultura portuguesa através do carácter transversal a todas as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares e da diversidade intercultural que caracteriza a população discente do Agrupamento.<sup>28</sup>

## **2. A EMRC na Escola**

A Escola EB 2/3 Professor Pedro D'Orey da Cunha, tendo em conta o dever de cooperação que o Estado tem para com os pais na educação dos filhos, bem como os seus deveres gerais em matéria de ensino, garante o ensino das ciências morais e religiosas (Decreto-Lei n.º 323/83 de 5 de Julho, art 1º). Neste contexto, assumem particular importância as proclamações de princípios emanados da Declaração dos Direitos do Homem, na qual expressamente se afirma que *«aos pais pertence a prioridade do direito de escolherem o género de educação a dar aos filhos»* e ainda os pactos das Nações Unidas, designadamente, o n.º 3 do artigo 13.º do Pacto sobre os Direitos Económico -Sociais e Culturais e o n.º 4 do artigo 18.º do Pacto sobre os Direitos Cívicos e Políticos (Decreto-Lei n.º 70/2013). A disciplina de EMRC faz parte do currículo escolar normal, no desenvolvimento do disposto no n.º 3 do artigo 2.º da

---

<sup>26</sup> Ver Relatório de 27 de novembro de 2008. *“Um Amigo Hoje... Um Futuro Amanhã”* EB 2/3 Pedro D'Orey da Cunha, do N.G.I.C.

<sup>27</sup> Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS da DAMAIA, “Projeto Educativo do Agrupamento”, 2009/2010, 24.

<sup>28</sup> Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS da DAMAIA, “Projeto Curricular do Agrupamento”, 2008/2009, 37.



Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada pela Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, e alterada pelas Leis n.ºs 115/97, de 19 de setembro, 49/2005, de 30 de agosto, e 85/2009, de 27 de agosto, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, sendo de frequência facultativa (Decreto-Lei n.º 70/2013 de 23 Maio, art. 4 e 5).

A disciplina de EMRC na escola EB 2,3 Professor Pedro d'Orey da Cunha apresentou neste ano letivo 2012/2013 a seguinte estatística: 1º Ciclo (Total de Alunos – 647; Alunos com EMRC- 185); 2º Ciclo (Total de Alunos – 331 Alunos; com EMRC- 311); 3º Ciclo (Total de Alunos – 316; Alunos com EMRC- 276); em suma, de um total de 1294 Alunos, 772 estão inscritos na disciplina de EMRC.

Na sua totalidade parece que o 59,66% é pouco, mas esta média desce por causa do 1º ciclo, onde os alunos ainda não estão muito motivados, nem conhecem a disciplina, porque a nível do 2º ciclo – 93,96% e do 3º ciclo – 87,34%, as médias são já muito mais elevadas.

Com a diversidade cultural e étnica, «os alunos também trazem para a Escola, tal como deve acontecer numa sociedade livre, uma grande variedade de crenças religiosas, que vão desde o ateísmo a uma fé profunda e cumpridora.»<sup>29</sup> E os professores devem ensinar a modelar «o respeito e a tolerância pelas várias crenças religiosas. Podem ensinar e discutir as ideias, crenças e tradições de várias religiões, desde que tal seja feito de forma justa, respeitosa e intelectualmente honesta.»<sup>30</sup>.

Assim, a disciplina de EMRC é de todo pertinente na escola porque contribui para a:

«... formação da consciência, ajudando o jovem a estruturar-se e a orientar-se por valores interiormente aceites. É um trabalho contínuo na formação da consciência que assenta, necessariamente, num itinerário progressivo e evolutivo de passagem da heteronomia para a autonomia, contribuindo para a evolução da consciência moral dos jovens, tornando-os cada vez mais conscientes, responsáveis e livres nas escolhas éticas. É o desejo que o jovem se torne apto a definir e assumir valores e princípios morais que tenham validade e aplicação universal. O jo-

---

<sup>29</sup> ARENDS Richard I, *Aprender a Ensinar*, 69.

<sup>30</sup> *Ibidem*, 71.

vem prepara-se, com o contributo da EMRC, para exercer a liderança e viver o seu compromisso na sociedade e ao serviço dos outros. (...) A EMRC apresenta-se como um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das várias dimensões e abertura à transcendência aos outros e ao mundo que é chamado a construir.»<sup>31</sup>

Ambrosio refere ainda que o participação de EMRC, deve contribuir,

«... de uma maneira específica, na formação do ser humano e na construção da história. Ela não esgota, certamente, a missão da educação, mas sem ela podemos correr o sério risco de que a própria educação não esgote todas as suas potencialidades, o que defendemos claramente é o contributo de um referencial de leituras, de sentido, aberto e pensado a partir da dimensão religiosa.»<sup>32</sup>

Tendo em conta que a procedência dos alunos é dos bairros Cova da Moura, 6 de Maio, Estrela de África, pensamos que a disciplina de EMRC se apresenta como alternativa, como proposta bem-faceja a nível pessoal e comunitário ao seu meio ambiente a todos os jovens que buscam respostas sociais e valores morais de cariz cristão.

A disciplina de EMRC é, assim, acolhida pelos alunos desta escola da Damaia do mesmo modo que as outras matérias lecionadas. De igual forma, os professores que a lecionam, são muito acarinhados e respeitados por toda a comunidade educativa. Eles colaboram para que o espaço escolar físico e humano sejam de comunhão, porque ser professor de EMRC «é uma vocação que possui muito de generosidade e doação, pois a sua tarefa é sobretudo dar.»<sup>33</sup>

São quatro os docentes a lecionar EMRC no Agrupamento das Escolas da Damaia, cuja atividade de leção vai do primeiro ao terceiro ciclos, sendo que na Escola Pedro

---

<sup>31</sup> Cf. MOITA, Fernando, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, 63-64.

<sup>32</sup> AMBROSIO, Juan. “Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Católica”. Fórum de EMRC, SNEC, Lisboa, 2005, 158. Esta afirmação foi feita no contexto da Escola Católica, mas também se aplica à Escola Pública.

<sup>33</sup> MOITA, Fernando, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, 67.

D'Orey da Cunha, sede do Agrupamento, com o 2º e 3º Ciclos, se encontra a maior frequência da disciplina.

### **3. A turma onde se desenvolveu a PES**

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi realizada numa turma do oitavo ano. Inicialmente a turma era constituída por vinte e sete alunos. Com o decorrer do ano letivo três alunos deixaram de pertencer à turma e, dos vinte e quatro alunos, quinze eram do sexo feminino e nove do sexo masculino. As idades dos alunos estavam compreendidas entre os catorze e os dezassete anos, sendo estes últimos, só dois elementos. De igual modo, dos vinte e quatro alunos, só dois é que não estavam inscritos na disciplina de EMRC, o que corresponde a uma frequência da disciplina de 88,60%.<sup>34</sup>

Em termos de apoio social existiam na turma sete alunos com escalão A e um com escalão B. Dos vinte e quatro alunos, um ficou retido e três alunos tinham necessidades educativas especiais<sup>35</sup>. Todos os elementos da turma tinham como língua estrangeira Inglês e Francês.

Exceto dois Alunos, que eram provenientes da Buraca, todos os restantes eram da Damaia. Em termos de transportes, embora se registassem casos de utilização do carro, a maioria fazia o percurso casa-escola a pé, três alunos vinham para a escola de autocarro e um de comboio. Nesta turma um aluno ia para a escola sem o pequeno-almoço.

A ocupação dos tempos livres dos alunos era muito diversificada mas, no que se refere às expectativas dos mesmos em relação à turma, a palavra dominante e o desejo forte era a “união”. Todos sonhavam com uma turma unida, mas também divertida, bem comportada, tranquila, educada, organizada, solidária e com espírito de equipa.

---

<sup>34</sup> Informações mais específicas encontram-se no portefólio da prática de ensino supervisionada.

<sup>35</sup> Alunos abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 3/2008, 7 de janeiro.

A turma conseguiu estar em primeiro lugar, semanas seguidas no concurso “Dream-Team”, em que era premiado o bom comportamento, o empenho, as classificações dos testes, os trabalhos de casa realizados e outros parâmetros avaliadores de desempenho académico e relacional em meio escolar. Mantinha também uma relação amistosa com o diretor de turma que, por sua vez, desde cedo investiu numa relação com os encarregados de educação, com encontros convívio extra-escola, num dia do fim de semana, com pais, alunos e professores do conselho de turma.

Outra das qualidades relevantes da turma era a solidariedade: entre todos os elementos da turma recolhiam géneros alimentares para doar a outros colegas mais carenciados.

### **3.1 A turma e a disciplina de EMRC**

Na disciplina de EMRC, os alunos fizeram, ao longo deste ano letivo, uma caminhada enriquecedora. Foi uma turma de comportamento exemplar nas aulas, revelando interesse pela disciplina.

Progressivamente, foi-se criando uma empatia entre nós, de tal modo que já fazíamos parte das saudações matinais da turma.

Manifestavam-se muito recetivos a todas as atividades, mas pouco participativos na intervenção oral, até mesmo com o professor titular de EMRC que, com mestria, tentava que os elementos da turma respondessem às suas questões. No entanto, são alunos que desejavam mais e com qualidade. Compreendiam o sentido das coisas, revelavam curiosidade no saber, mas precisavam de um esclarecimento preciso e concreto.

Os alunos da turma revelavam boa disposição, havia no entanto, um elemento que se mostrava um pouco quezilento. Outro ainda, no último mês de aulas, deixou de aparecer, revelando-se para o diretor de turma uma preocupação, porque o aluno é uma pessoa em «cres-

cimento constante, com dúvidas, conflitos e esperanças, que necessita de uma referência para se confrontar e aprender, necessita de ser interpelado e ajudado a optar pelo bem e pela verdade.»<sup>36</sup>

A disciplina de EMRC foi uma mais-valia para a turma e para a sua educação integral. A sua frequência ajudou os alunos a «encontrar razões de existir e de estar no mundo»<sup>37</sup>. A EMRC apresentou-se, assim, como «um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das várias dimensões e abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir»<sup>38</sup>. Para tudo isto, o testemunho do professor de EMRC é fulcral. É ele, o testemunho

«... que o identifica e lhe inspira confiança no conhecimento e compreensão dos outros, através do diálogo aberto e franco. Este diálogo fará com que se aproxime dos alunos e mantenha uma relação pessoal que facilite o desenvolvimento intelectual e moral dos mesmos, que depois chegará às famílias e à comunidade.»<sup>39</sup>

O professor de EMRC é um “servidor” que tem uma missão de diaconia à Escola, aos Alunos, a toda a Comunidade Educativa.

### **3.2. A turma e o currículo de EMRC**

Em termos de conteúdos lecionamos o programa do 8º Ano - *Livres para Amar*, onde consta na Unidade Letiva 1 – *O Amor Humano*, a Unidade Letiva 2 – *Ecumenismo e confissões cristãs*, Unidade Letiva 3 – *A Liberdade* e a Unidade Letiva 4 – *Ecologia e Valores*.

---

<sup>36</sup> MOITA, Fernando, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, 67.

<sup>37</sup> MOITA, Fernando, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, 65.

<sup>38</sup> *Ibidem*, 64.

<sup>39</sup> *Ibidem*, 66-67.

Coube-nos, na prática de ensino supervisionada (PES), lecionar de maneira particular a UL 2 e a UL 4 as quais passamos a descrever.

### **3.2.1. UL 2 – Ecumenismo e confissões cristãs**

Como já referimos a Unidade letiva 2 – *Ecumenismo e confissões cristãs*, faz parte do programa do 8º Ano - *Livres para Amar*. Esta unidade aparece pela sua pertinência numa interdisciplinaridade, nomeadamente com a disciplina de História, cujo estudo vai pautar pelo *tempo das reformas religiosas; a crise na Igreja: a contestação e rutura; a expansão das ideias reformistas: a Europa dividida; a reação católica: o caso peninsular*. Por isso, a quem afirma que estes conteúdos são demasiado exigentes para os alunos destas idades, nós frisamos que é necessário dar uma visão de perdão, de compreensão, a esta etapa difícil da vida da Igreja. E é urgente desdramatizar os conceitos dados pelo contexto histórico que muitas vezes são sublinhados com excessiva negatividade pelo professor que leciona a disciplina de História. Foi o que nos propusemos fazer durante esta unidade: informar e dar um ponto de vista diferente, iluminados pelos valores cristãos.

### **3.2.2. UL 4 – Ecologia e Valores**

De igual modo, a Unidade letiva 4 – *Ecologia e valores*, também fazendo parte do programa, apresenta-se como uma unidade pertinente e cheia de atualidade no seu estudo.

Esta unidade letiva, também pode ter uma ação interdisciplinar com as matérias lecionadas nas disciplinas de Ciências Naturais — com a *sustentabilidade da Terra: gestão sustentável dos recursos*; Educação Tecnológica — com o *impacto social e ambiental das tecno-*

logias. Francês — com o tema *Ecologia e Geografia — Ambiente e sociedade: alterações do ambiente global; grandes desafios ambientais; estratégias de preservação do património*.

Das duas unidades letivas lecionadas, escolhemos esta como motivo de estudo/reflexão para este Relatório Final. Nunca como antes, este tema foi importante e digno de referência por ser no momento atual urgente mudar a postura de vida, o que comporta mudar de mentalidade e por sua vez de ação.

Por diversas circunstâncias, decorrentes da vida de uma comunidade educativa alargada, tendo numerosos imprevistos (greves, provas de escola, etc.) da planificação inicial de sete aulas, só foram possíveis lecionar cinco.<sup>40</sup>

Numa primeira visão dos assuntos a lecionar diríamos que a disciplina não apresenta nenhuma novidade em relação a um projeto *eco-escolas*<sup>41</sup> ou a uma *missão up*<sup>42</sup>, ou mesmo propriamente à disciplina de Ciências Naturais. Contudo, das cinquenta e uma páginas da unidade, onze são dedicadas ao específico da disciplina, ou seja, aquelas páginas cujos conteúdos nos ajudam a fazer uma leitura crente da realidade.

Entretanto, como os alunos não fazem uma triangulação da informação, não se servem das aprendizagens de uma disciplina para outra, é necessário o docente de EMRC, fazer uma reflexão e optar por lecionar a matéria tal e qual está na Unidade Letiva, ou procurar saber em que ponto vão os docentes das outras disciplinas na leção do tema, para que haja reforço da aprendizagem e/ou haja uma chamada de atenção dos temas já lecionados nas respetivas áreas do saber e fomenta a participação dos alunos nos projetos de escola existentes sobre o mesmo assunto. Procurámos que a nossa leção seguisse a segunda opção e auscultamos os projetos a decorrer na Escola E.B. 2,3 Professor Pedro D' Orey da Cunha, visto que, o tra-

---

<sup>40</sup> Estas planificações encontram-se no Portefólio de PES, 2012-13, 27 - 35.

<sup>41</sup> O *Eco-Escolas* é um Programa Internacional que pretende encorajar ações e reconhecer o trabalho de qualidade desenvolvido pela escola, no âmbito da Educação Ambiental/EDS. Fornece fundamentalmente metodologia, formação, materiais pedagógicos, apoio e enquadramento ao trabalho desenvolvido pela escola. Mais de 1229 escolas foram premiadas pelo mérito na área ambiental. In *RTP Informação - Jornal das 19- 10-10-2012 — at Pavilhão Multiusos de Gondomar*. (<http://www.abae.pt/EcoEscolas/>). A escola da Damaia, começou este ano letivo (2012-2013) a trabalhar neste projeto.

<sup>42</sup> A *Missão UP | Unidos pelo Planeta* é um projeto educativo desenvolvido pela Galp Energia, de abrangência nacional, dedicado à temática do consumo de energia, especificamente enfocado nas áreas de Fontes de Energia, Eficiência Energética, Mobilidade Sustentável e Pegada Energética. Este projeto dirige-se às crianças dos 1.º e 2.º Ciclos, entre os 6 e os 12 anos, mas também aos seus Professores, Encarregados de Educação e Pais. (Ver <http://www.missaoup.com/projecto>)

balho em equipa é hoje uma necessidade pedagógica e a «educação ambiental revela-se uma temática propícia a que, na prática, as aprendizagens nas várias disciplinas e/ou áreas curriculares não disciplinares vão interagindo e sedimentando conhecimentos»<sup>43</sup>.

Procurámos ainda, que os conteúdos, fossem um relembrar de saberes já adquiridos noutras disciplinas, bem como da informação que circula pelos *media*, para que a disciplina EMRC desse uma visão positiva, reforçada nos valores, com um olhar crente, face à tarefa de cuidar da Terra, sempre com respeito ao ser humano porque, do ponto de vista ético, a relação da humanidade com o ambiente natural deve ser pautada pelo valor do respeito. É urgente que o Homem refreie a sua vontade de dominar o que degradou e suprimiu de toda uma herança legada pelos antepassados, sem sequer se questionar sobre as prováveis consequências que tais atitudes provocariam em si mesmo e, sobretudo, nas gerações vindouras.

A aprendizagem/informação já adquirida serviu de base para nos debruçarmos sobre Deus na Natureza. Esta é vista como local permeado pela presença de Deus e local onde se pode fazer a experiência do encontro com Ele. Uma experiência de gratidão a Deus que na Criação se dá e tudo nos oferece.

Primeiramente nesta unidade letiva, o aluno foi desafiado a conhecer o conceito de ecologia e a perspetiva da mesma nas diferentes confissões religiosas além do cristianismo. Assim como refere o manual do aluno, com o Islamismo é pedido ao Ser Humano que não desperdice o que lhe é oferecido pela Terra; com o Judaísmo que seja sensível aos problemas ambientais, o ensinamento dos rabinos vai contra os desperdícios e a destruição de tudo o que Deus criou; com o Budismo ao Ser Humano é recomendado a moderação na utilização dos recursos naturais; o Hinduísmo sugere que tudo, desde as rochas até ao cosmos, é casa de Deus, por isso, toda a criação tem um carácter sagrado. O corte de uma árvore, por exemplo, na perspetiva ética do Hinduísmo, implica que se plantem mais cinco. Seguidamente é apresentada aos alunos a visão cristã, visto que o cristianismo, além dos ensinamentos bíblicos, foi

---

<sup>43</sup> SILVA, Aida Guerra, “A Ecologia na Educação Moral”, In *Fórum* de EMRC, SNEC, Lisboa, 2005, 195.



pródigo, ao longo da história, em homens e mulheres que souberam amar a natureza e, através dela, o seu Criador. É o caso, no século XII, de São Francisco de Assis que tratou todas as criaturas com respeito e a todas chamou de *irmã*.

Todas as tradições religiosas exaltam a bondade de Deus manifestada nas obras da criação e o respeito que os seres humanos devem à natureza. Assim, fomos/somos desafiados a viver os valores da gratidão, do respeito, da responsabilidade e da solidariedade.

Ao ser humano “criado à imagem e semelhança de Deus”, é necessário que a sua vida seja pautada pelos valores da responsabilidade que exige que todos nos sintamos envolvidos na procura de soluções para os problemas ecológicos e que nos empenhemos em ações concretas, que estão ao alcance de cada um; do respeito pela natureza, como conjunto de elementos naturais de que também os seres humanos fazem parte, deriva do reconhecimento do seu valor intrínseco, bem como da consciência de que a nossa vida depende do ambiente natural. Destruir o ambiente, além de ser um ato de ingratidão em relação a Deus, é também uma atitude suicidária e da solidariedade que impede que vejamos a natureza sobretudo como um conjunto de possibilidades económicas ao serviço dos interesses pessoais e mesquinhos. O que cada um fizer do mundo em que vive tem repercussões sobre os outros, uma vez que todos estamos ligados à grande cadeia da vida. Somos responsáveis não apenas por nós próprios ou pelas gerações atuais, mas também pelos outros e pelas gerações vindouras. O ser humano não deve exercer violência sobre a Terra, como se fosse o seu senhor absoluto. Todo o ambiente natural pertence a Deus; degradá-lo é manifestar uma imensa ingratidão para com Deus. Este aspeto é fundamental que seja corrigido das nossas vidas quotidianamente.

Os alunos seguiram com interesse as aulas e as atividades nelas implementadas, embora este tema corresse o risco de perder o interesse, pelo facto de já ser muito conhecido e também pelo exíguo número de aulas para o explorar e reforçar os conceitos fundamentais à implantação dos valores da nossa vida.

#### 4. A Ecologia na disciplina de EMRC

Pedagogicamente devemos ver a vivência da atitude ecológica como *valor* que comporta outros *valores*. Valores como a gratidão, o cuidado, o respeito, a responsabilidade, a fraternidade e a solidariedade<sup>44</sup>, que implicam uma atitude ética do cidadão, do cristão. E todos sabemos que «os valores fazem parte da alma da educação.»<sup>45</sup>

A atitude ética<sup>46</sup> é formada por princípios e inspirações porque «sempre que surge outro diante de mim, aí surge o imperativo ético de tratá-lo humanamente. Sem tais valores, a vida se torna impossível.»<sup>47</sup>

Como já referimos, a temática da ecologia tem sido objeto de crescente interesse no mundo atual e é de referência diária nos meios de comunicação social e motivo de preocupação para consciências despertas para com a *oikos*, a *nossa casa*.

Os diferentes domínios do saber têm revelado preocupações, alertando para os direitos e deveres de todos numa responsabilização mundial, de forma a preservar, proteger e recuperar a saúde e a integridade do ecossistema terrestre.<sup>48</sup>

Se a escola é um meio privilegiado onde os saberes se cruzam, devemos desafiar o próprio campo educativo como espaço físico e humano propício para uma formação da educação ambiental, porque a melhor forma de solucionar problemas ambientais é evitá-los.

São necessários comportamentos assertivos e o papel da escola é também contribuir para a formação do caráter do aluno e reforçar ou levar à aquisição de hábitos e atitudes positivas benéficas para todos. Assim sendo, «a temática ecológica deverá estar presente nas planificações de todas as disciplinas curriculares que compõem cada ciclo de estudos»<sup>49</sup>. Tam-

---

<sup>44</sup> «A vacina da solidariedade combate um dos vírus mais contagiosos do nosso tempo: a indiferença em relação aos outros.» ESTANQUEIRO, António, *Boas práticas na educação. O papel do professor*. Editorial Presença, 2ª edição, Lisboa, 2012, 109.

<sup>45</sup> *Ibidem*, 99.

<sup>46</sup> «Toda ética no es, sin embargo, más que respeto por la vida.» LA TORRE, Antonieta, *Ecología y Moral*, Desclée de Brouwer, S.A., Bilbao, 1993, 89.

<sup>47</sup> BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2011, 11.

<sup>48</sup> Cf. SILVA, Aida Guerra, “A Ecologia na educação Moral”, 192.

<sup>49</sup> CUNHA, Pedro d’Orey, citado por SILVA, Aida Guerra, “A Ecologia na educação Moral”, 194.

bém na disciplina de EMRC. Como refere Cunha «é fundamental que a escola apetreche os estudantes para a aquisição de conhecimentos, sem descurar a sua formação, com o objetivo de promover uma vida saudável, global e de convergir para um processo de seleção-adesão-construção de valores»<sup>50</sup>.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica ao dar o seu contributo para a formação de crianças e jovens, conscientes e livres, numa perspetiva ecológica, considera que não basta que o trabalho formativo seja apenas transmissão de conceitos ou reflexão de valores. Como salienta Aida Guerra é preciso que:

«A partir da construção de valores, (...), o jovem vai desenvolver a apetência pela criação de hábitos e de atitudes, através de experiências concretas que, de uma forma responsável, desafie a formação religiosa, cultural, moral e cívica, também na vertente da educação ambiental, em todos os níveis de ensino.»<sup>51</sup>

Assim sendo,

«... a metodologia pedagógica de EMRC, assumindo a perspetiva integral da formação dos jovens, desafia-os ao encontro do transcendente na vida pessoal e social, ao prazer do cumprimento do dever, à complementaridade dos afetos com a razão, ao encontro do belo com a verdade, à abertura de novos horizontes, à maturidade moral, subjacente também à educação ambiental. Em simultâneo, desafia os professores a desenvolverem estratégias alternativas, introduzindo novos elementos e enriquecendo os programas existentes, para testemunharem a dádiva do Amor e da Criação, apresentando-se aos alunos e à comunidade educativa mais do que como docentes, como guias, conselheiros e amigos, obtendo, assim, mais fortes contributos para uma verdadeira educação ambiental»<sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> CUNHA, Pedro d'Orey, "A Formação Moral no Ensino". In *Brotéria*, 1, vol.138, 1994, 59-80.

<sup>51</sup> SILVA, Aida Guerra, "A Ecologia na educação Moral", 197.

<sup>52</sup> *Ibidem*, 199-200.

Ou seja, neste campo ou noutro, na educação, «se os educadores lançarem boas sementes, a sociedade colherá bons frutos»<sup>53</sup>. Urge pela educação formar para os valores do cuidado a todos, com tudo o que isso implica.

## 5. Refletir e ecologia a partir da perspectiva do cuidado

O nosso objeto de estudo, daqui em diante, consistirá na reflexão da ecologia sob a vertente do cuidado, porque, como já referimos anteriormente, todo o ambiente natural pertence a Deus e degradá-lo é manifestar a nossa ingratidão para com Ele. Este aspeto precisa de ser retificado nas nossas vidas e uma via para o fazer é através da educação. Assim, conscientes de que a educação muda pessoas e que estas podem mudar o mundo, é de todo pertinente formarmos os alunos, pela educação, para o cuidado, e neste caso, para comportamentos ecológicos. Educar para o cuidado com a Terra, para o cuidado de todos os Seres Humanos, é urgente.

É importante frisar que cuidar a Terra não é só importante por si mesma, mas porque cuidando dela, cuidamos do Humano.

Todos os nossos alunos têm em potência capacidades/dons a desenvolver. Estas/estes com a educação (*e* = exterior; *ducere* = conduzir para) devem surgir à luz do dia, ou seja, serem revelados e desenvolvidos para a sua consolidação. O docente deve cuidar para que este desenvolvimento se dê em cada aluno, visto que, os alunos passam muito tempo da sua vida na escola. É preciso que a docência seja um espaço cuidador, acolhedor, hospitaleiro, onde crie «um espaço livre e sem medo onde o desenvolvimento mental e emocional possa decorrer»<sup>54</sup>. O docente acolhedor/ hospitaleiro «deve revelar aos alunos que eles têm alguma coisa

---

<sup>53</sup> ESTANQUEIRO, António, *Boas práticas na educação. O papel do professor*, 99.

<sup>54</sup> NOUWEN, Henri J.M., *Crescer- Os Três Movimentos da Vida Espiritual. Vida no Espírito*. Paulinas, Lisboa, 2001, 105.

para oferecer»<sup>55</sup> como pessoas e como pessoas que constituem e constroem uma sociedade livre que busca verdadeiros valores. Um dos valores pode ser o da Ecologia e nela todos os outros que lhe são próximos. Cuidemos para que seja possível ensinar cada um a cuidar de todos os que o rodeiam, seja na escola, seja na rua ou em casa. Num acolhimento sem preconceitos de culturas e origens, sejamos hospitaleiros do respeito, da solidariedade, da paz, da gratidão, do serviço, do amor... então teremos «uns novos céus e uma nova terra, onde habite a justiça» (2Pe 3,13) para todos.

---

<sup>55</sup> NOUWEN, Henri J.M., *Crescer- Os Três Movimentos da Vida Espiritual. Vida no Espírito*, 105.

## II PARTE - Fundamento bíblico-teológico da Ecologia

Como referimos na primeira parte do nosso trabalho, o nosso objeto de estudo é uma reflexão da ecologia sob a vertente do cuidado. A Ecologia é um tema cheio de atualidade e com muitas ambivalências e pontos de vista bons, erróneos e/ou exagerados. Ou seja, há um reconhecimento das verdadeiras necessidades de comportamentos ecológicos, mas há também quem leve ao extremo estas evidências e submeta para segundo plano o ser humano em vez dos animais ou das plantas; ou seja, há quem dê mais importância ao ‘gato do que ao dono do gato’. Por conseguinte, há uma necessidade do justo equilíbrio e de respeito ético para com tudo e para com todos.

O termo *ecologia* teve a sua origem na biologia, onde se estudava o relacionamento de animais e plantas com seu habitat natural. O termo foi então cunhado pelo biólogo alemão Ernst Haeckel<sup>56</sup> na segunda metade do século XIX. Deriva do grego «oikos+logos»; «oiko = casa» e «logos = estudo» sugere o estudo do «lugar onde se vive», «a ciência da casa»<sup>57</sup>. Da “casa” como lugar onde moramos à ecosfera – este «lar» que compartilhamos com bilhões de outros seres vivos - e levando-se em conta toda a diversidade de aspetos materiais, biológicos, humanos e sociais. Seguidamente, a noção de ecologia ultrapassou as suas origens nas ciências biológicas e enveredou pelos domínios<sup>58</sup> das ciências sociais, exatas, naturais, humanas, políticas, económicas, bem como na cultura, nas artes, no pensamento filosófico e nas tradições, ou seja, em todos os campos do saber humano, atribuindo-lhe um novo ponto de vista, na medida em que as mesmas interferem e influem transversalmente em tudo o “tocam”.

---

<sup>56</sup> RIBEIRO, José de Jesus Lima, *Em busca de Harmonia Ecológica*, Paulinas, Prior Velho, 2009, 25 - 28; CREPALDI, Giampaolo, TOGNI, Paolo. *Ecologia ambiental e ecologia humana. Políticas do ambiente e a Doutrina Social da Igreja*. Diel, Lda. Lisboa, 2008, 80; MERINO, José António, *São Francisco e a ecologia*. Editorial Franciscana, Braga, 2007, 112.

<sup>57</sup> Cf. RIBEIRO, José de Jesus Lima, *Em busca de Harmonia Ecológica*, 27.

<sup>58</sup> Isto o confirma Isabel Varanda, «hoje, o conceito de ecologia cruza diversos domínios do pensamento e da investigação.» VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador.” In *Theologica*. Vol. XXXVIII, II série, Fac. 2, UCP, Braga, 2003, 287.

São vários os caminhos que nos podem conduzir a uma consciência ecológica,<sup>59</sup> num conceito de *Ecologia Integral*. Esta inclui a *ecologia do ser*, que se alarga em aspetos mentais e corporais, bem como psíquicos, emocionais e espirituais; e a *ecologia social*, que busca uma ecologia humana de integração do ser humano com a sociedade envolvente, no exercício da cidadania, da participação social, dos direitos e deveres humanos. Abarca, ainda, a justiça social, a simplicidade voluntária e o conforto essencial, a cultura da paz e não-violência, a ética da diversidade, dos valores universais, a inclusividade, a multi e a transdisciplinaridade. A ecologia social considera a crise ecológica como uma crise social que apela para a análise do papel do ser humano no mundo natural) e a *ecologia ambiental* (que incentiva a proteção do meio ambiente pela redução do consumo e do desperdício e incentiva à reutilização e à reciclagem dos recursos naturais, bem como à preservação e defesa do meio ambiente e de sociedades sustentáveis).

## 1. Um olhar pela crise ecológica

A questão ecológica é motivo de reflexão urgente, porque «outroa, a natureza parecia ser um poço sem fundo, uma riqueza inesgotável à disposição do humano e para benefício do humano. Hoje, olha-se o fundo do poço: uma natureza vulnerável, fragilizada, empobrecida e esgotada.»<sup>60</sup>

A ideia de ecologia, mesmo sem a definição surgida desde o século XIX ou a que lhe atribuímos hoje, foi ganhando admiradores, ainda que estes não lhe dessem uma definição científica. Há, ao longo dos tempos, intervenções pertinentes e significativas de personagens de vulto como Santo Agostinho, Bento de Núrsia, Francisco de Assis, Hildegarda de Bingen,

---

<sup>59</sup> Esta *consciência ecológica* «não deve ser reprimida mas antes favorecida, de maneira que se desenvolva e vá amadurecendo até encontrar expressão adequada em programas e iniciativas concretas». JOÃO PAULO II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, 1 de Janeiro de 1990, n. 1.

<sup>60</sup> VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador.”, 287.

Erasmus de Roterdão. Mais recentemente, no séc. XIX, debate-se a "ecologia profunda"<sup>61</sup>, com Teilhard de Chardin e depois, com Aldo Leopoldo (1940)<sup>62</sup>, Arne Naess (1970), o Clube de Roma(1972)<sup>63</sup>, Albert Arnold Gore (Al Gore), entre outros. Atualmente, o debate sobre a vida e a sustentabilidade está permanentemente visível nas Mensagens dos Santos Padres nos meios de Comunicação Social, nas reuniões da ONU, na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, nas suas várias conferências<sup>64</sup>.

No que respeita ainda à questão ecológica e sua urgência na atualidade, Carlos Borrego menciona que

---

<sup>61</sup> «A proposta mais radical, mais eclética e que mais profundamente encara os seres humanos numa relação de total horizontalidade com os entes naturais é, sem dúvida, a Deep Ecology, ou, Ecologia Profunda. Uma mundividência sustentada em pressupostos metafísicos, derivados da religião e da filosofia, que apela a um compromisso global do ser humano com a Natureza, através da adoção de uma maneira de viver simples e harmónica com o meio natural, e da participação ativa em atos locais ou internacionais que visem a preservação da vida terrena. Não reconhecendo distinção entre o Homem e Mundo a Deep Ecology afirma o igualitarismo biocêntrico e desenha um futuro de salvação para o Homem, uma ecotopia, que é o da recondução do ser humana à sua morada - o lar-planeta.» VARANDAS, M<sup>a</sup> José, *Ambiente: Uma Questão de Ética*, 14. Ver também, LA TORRE, Antonieta, *Ecologia y Moral*, Desclée de Brouwer, S.A., Bilbao, 1993, 84.

<sup>62</sup> VARANDAS, M<sup>a</sup> José, *Ambiente: Uma Questão de Ética*, 14 e 18. «Aldo Leopold, continuado por John Baird Callicott, apresenta ética da terra, uma ética holista já que o universo moral se dilata maximamente para nele incluir os solos, as águas, o ar. Callicott demonstra as implicações metafísicas da ecologia, retirando da ciência ecológica os conceitos que definem e justificam a integração do humano nas totalidades ecossistémicas, ou seja, os conceitos de inter-relação, função/habilitação, diversidade, complementaridade universalidade. O Todo não é entendido como uma mera soma de partes, mas como a unidade englobante da diversidade; uma unidade concreta que vive da diferenciação e das relações que as várias singularidades mantêm entre si. Se a ecologia provê o travejamento conceptual necessário à arquitetura do modelo holista, a biologia assumida por Callicott como o saber capaz de explicar a génese e expansão da consciência moral. Aqui, o sentimento que propicia fundamenta a moral é o amor, ou, a bio-empatia. *Ibidem*, 14.

<sup>63</sup> Foi em 1972, com o Clube de Roma que se começou a mencionar a questão ecológica. Esta organização fez os seus estudos, publicou-os e apresentou algumas estratégias à resolução dos problemas vislumbrados, entre os quais propunha limites ao crescimento e propunham um desenvolvimento sustentável. Com o despertar da consciência ecológica, surgiram várias ONGs, entre os quais o Greenpeace que desenvolveram um trabalho notável a favor do meio ambiente. Neste mesmo ano realizou-se o 1º encontro mundial da ONU sobre o meio ambiente. Cf. RIBEIRO, José de Jesus Lima, *Em busca de Harmonia Ecológica*, 28-29; e Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2011, 15 e 39.

<sup>64</sup> *Conferências internacionais das Nações Unidas sobre Mudança do Clima*: 1971 – A Academia de Ciências da Suécia organiza um Estudo do Impacto do Homem sobre o Clima (Study of Man's Impact on Climate-SMIC reeditado pela MIT Press). Pretendia-se que o relatório influenciasse a conferência da ONU no ano seguinte; 1972 – A Conferência de Estocolmo de 1972 (United Nations Conference on Man and the Environment) teve grande importância ao resultar na criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que, por sua vez, influenciou os países no estabelecimento de organismos de várias naturezas em suas estruturas executivas encarregados de temas ambientais; 1980 – Global 2000; 1987 – Comissão Brundtland, deu origem a um relatório com o mesmo nome de suma importância; 1988 – Criação do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (Intergovernmental Panel on Climate Change), pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e PNUMA, da ONU. O IPCC foi encarregado de realizar uma avaliação do estado do conhecimento sobre mudança do clima. O primeiro relatório de avaliação foi publicado em 1990. Novos relatórios foram publicados em 1995, 2001 e 2007; 1990 – Resolução da Assembleia Geral da ONU sobre a proteção do clima para as futuras gerações e mandato de negociação de uma Convenção sobre Mudança do Clima; 1992 – Adoção da Convenção - Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (United Nations Framework Convention on Climate Change-UNFCCC) e sua abertura a assinaturas por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92; 1994 – Entrada em vigor da Convenção, ao ser ratificada pelo número suficiente de Partes; 1995 – Primeira Conferência das Partes da Convenção (COP1). Adoção do Mandato de Berlim, o mandato de negociação de um Protocolo a Convenção. Estabelecimento do Grupo de Trabalho Ad-hoc sobre o Mandato de Berlim, encarregado da negociação daquele protocolo; 1997 – Adoção do Protocolo de Quioto e sua abertura a assinaturas. Criou-se a Comissão da Carta da Terra; 2005 – Entrada em vigor do Protocolo de Quioto, ao ser ratificado pelo número suficiente de Partes; 2009 – COP 15 - Conferência de Copenhague, Dinamarca; 2010 – COP 16 - Conferência de Cancun, México; 2011 – COP 17 – Conferência de Durban, África do Sul. Ver BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 15-18.



« ... o abuso da natureza, a degradação ambiental e, em particular, as alterações climáticas não são somente questões políticas a exigirem urgentes acordos entre nações. Elas constituem as questões éticas mais sérias que a humanidade e a religião enfrentam no século XXI. Por isso, muda-se a lógica de crescimento económico atual no “progresso sustentável” de Bento XVI, o qual não pode ser só material. “Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do ser humano, no crescimento do homem interior, então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para a humanidade e para o mundo”. A degradação ambiental precisa de ser conhecida para ser combatida.»<sup>65</sup>

Neste seguimento, Miguel Pañao refere que

« ... a crise ecológica é um facto. A forma de lidar com esse facto ainda não é clara. A crise pode ser entendida sob o ponto de vista de múltiplos contextos. Certamente não pode ser atribuída toda a responsabilidade à ciência ou à política pela poluição das águas e equidade na sua distribuição, a dependência energética de combustíveis fósseis, a desigualdade distribuição de alimentos, a desflorestação, a diminuição da biodiversidade e pelo aquecimento global, para nomear apenas alguns dos efeitos da crise ecológica. No entanto, lidar com estes efeitos a um nível mais pessoal implica repensar o nosso estilo de vida, o que significa que a crise ecológica pode ser também enfrentada de um ponto de vista social, económico, histórico, filosófico e religioso, uma vez que estes contextos influenciam substancialmente a forma como vivemos em comunidade e em sociedade.»<sup>66</sup>

A crise ecológica é grave.<sup>67</sup> Não é que não tenha saída, mas exige esforço para ser ultrapassada. Ela abala os fundamentos da vida<sup>68</sup> e é sinal de uma crise cultural.

Ribeiro refere que «a ecologia é um bem natural e é uma preciosa raridade: é única e é de todos.»<sup>69</sup> O seu estado de crise diz respeito a todos. Neste sentido, o clima, a natureza, a terra «é um bem a ser protegido e exige de todos o sentido da responsabilidade»<sup>70</sup>, porque são bens insubstituíveis.

---

<sup>65</sup> BORREGO, Carlos, “Alterações climáticas: a ética ambiental a fé cristã”, In *Brotéria* 172, 2011, 54.

<sup>66</sup> PAÑAO, Miguel Oliveira, “Crise ecológica: como enfrentá-la na interioridade da pessoa como comunhão”, In *Brotéria* - Vol. 166, IV, 2008, 389.

<sup>67</sup> BOFF, Leonardo, *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas, SP: Verus, 2002, 25.

<sup>68</sup> Cf. SCHAFER-GUIGNIER, Otto, *Ecologia e Cristianismo*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1999, 11e15.

<sup>69</sup> RIBEIRO, José de Jesus Lima, *Em busca de Harmonia Ecológica*, 19.

<sup>70</sup> *Ibidem*.

Antes de mais, queremos crer que a crise por que passamos é um convite a “fazer novas todas as coisas”, visto que, se tirarmos da palavra a letra “s” a palavra ganha dinâmica e criatividade – “crie!”. Pode ser o imperativo para todos os tipos de crise. Se a crise ecológica é também, sem dúvida, fundamentalmente uma crise dos nossos valores, é necessário

«... criar e promover valores portadores dum futuro viável, capaz de ser vivido e de continuar vivente, é por isso, uma tarefa tão urgente, do ponto de vista ecológico. Quando se trata das nossas referências últimas, os cristãos pensam inevitavelmente na vontade de Deus. Por isso, não é de admirar que a tomada de consciência da crise ecológica tenha desencadeado uma reflexão teológica renovada sobre Deus como Criador e Salvador do Universo, sobre o lugar do homem na criação e acerca da responsabilidade humana relativamente às outras criaturas.»<sup>71</sup>

É fundamental assim, impregnar de valores a ótica reflexiva do papel do homem como cocriador ativo e responsável no que respeita à prática quotidiana da sustentabilidade de todas as criaturas.

A tradição judaico-cristã é pautada por estes valores que de certa forma não eram, até há pouco tempo, visíveis de forma clara, o que originou alguns contrassensos, chegando mesmo a ser acusada de favorecer a não ecologia.

## **2. O judeo-cristianismo criticado por favorecer a poluição do ambiente**

Sobre a tradição judaico-cristã cai a sentença, que, segundo alguns pensadores interessados na questão ecológica, a indicia como responsável cultural do desrespeito pela natureza. Assim o indica um artigo do historiador americano Lynn White<sup>72</sup> da Universidade da Califórnia num debate público a 26 de Dezembro de 1966, aquando do encontro anual da Associação

---

<sup>71</sup> SCHAFER-GUIGNIER, Otto, *Ecologia e Cristianismo*, 8.

<sup>72</sup> WHITE, Lynn JR., “Historical Roots of our ecologic crisis”, In *Science Magazine*, Vol 155, 1967, 1203-1207. Ver sobre o mesmo tema a seguinte bibliografia: GAFO, Javier, *Ética y ecología*, UPCO Madrid, Madrid, 1991, 195; AA. VV., *Dicionário de Teologia Moral*, Paulus, S. Paulo, 1997, 280; VARANDA, Isabel. «Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador.», 298; SCHAFER-GUIGNIER, Otto, *Ecologia e Cristianismo*, 19; MERINO, José António, *São Francisco e a ecologia*, 46; VARANDAS, M<sup>a</sup> José, *Ambiente: Uma Questão de Ética*, 1 e 17.

Americana para o Progresso da Ciência, onde proferiu uma conferência. Para ele, a crise ecológica tem um fundo religioso e a sua solução passa pela religião. E tal facto é surpreendente, visto que, os naturalistas, que geralmente se declararam ateus ou agnósticos, recorrem agora ao fator religioso e solicitam apoio aos militantes das grandes religiões históricas para debelar tantos problemas ambientais.<sup>73</sup> Lynn White propõe então que Francisco de Assis<sup>74</sup>, o cristão mais radical, seja padroeiro dos ecologistas, o que irá acontecer treze anos mais tarde por Bula de João Paulo II de 29 de Novembro de 1979.

Lynn White critica o cristianismo ocidental, considerando-o como o responsável pela desmistificação da natureza e um antropocentrismo exagerado.<sup>75</sup>

A opinião de Lynn White criou um debate ainda não acabado: Richard Means (1967), como sociólogo diz concordar plenamente com White. Por sua vez, L. W. Moncrief (1970) refere que a tese de professor White é «demasiado simplista e não se ajustava aos factos»<sup>76</sup> e que «a tradição judeo-cristã seria apenas um dos fatores culturais que contribuíram para exacerbar a crise ecológica», pois não podemos esquecer a revolução industrial e a revolução francesa que potenciou o consumismo. Também Yi-fu Tuan, geógrafo ecólogo, discorda de White porque há agressões ao meio ambiente em zonas mundiais onde não chegou a mentalidade judeo-cristã. Ele sublinha «que em todas as culturas e religiões sempre houve uma certa rutura e incongruência, mais ou menos acentuada, entre os princípios professados e a sua expressão e incarnação na vida real»<sup>77</sup>.

Mas a crítica feita por Lynn White foi retomada e amadurecida pelo alemão Carl Amery, em 1972, que embora reconheça aspetos positivos no cristianismo, realça, no entanto, «as consequências funestas, capazes de converter a história da salvação em ‘história de terror fi-

---

<sup>73</sup> Cf. MERINO, José António, *São Francisco e a ecologia*, 45.

<sup>74</sup> «Il santo di Assisi è forse il testimone più radicale di un amore che sa guardare al povero senza dimenticare la totalità del mondo creato; che sa vivere il dono di sé al Signore senza fuggire la terra, ma amandola appassionatamente.» MORANDINI, Simone, *Nel tempo dell'ecologia*, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna, 1999, 144. «Ele é o patrono da Ecologia, pois reconciliou a ecologia exterior (a natureza) com a ecologia interior (o encontro com Deus).» BOFF, Leonardo, *São Francisco de Assis. Ternura e Vigor*. Editora Vozes, Petrópolis, 2009, 14.

<sup>75</sup> Cf. MERINO, José António, *São Francisco e a ecologia*, 46

<sup>76</sup> *Ibidem*, 47.

<sup>77</sup> *Ibidem*, 48.

nal'. Segundo Amery, a tradição judeo-cristã levou até ao limite último o versículo do Génesis (1, 18): 'Dominai a terra'.»<sup>78</sup>

Em 1973, numa conferência em Frankfurt, D. Meadows opõe-se abertamente «à 'imagem do ser humano onipotente', (...) forjada pela religião judeo-cristã.»<sup>79</sup>

Todos estes ataques foram proferidos por homens da ciência, nomeadamente nos Estados Unidos e na Alemanha, numa época em que se punham em causa as Instituições.

Estas ideias levaram os judeo-cristãos, bem como outros cientistas a debater a questão ecológica na perspetiva da religião.

Face aos ataques de maneira específica à religião judeo-cristã, despontaram reações em defesa da mensagem bíblica como impulsionadora da crise ambiental. Assim, o Conselho Mundial das Igrejas tomou a sério este problema e celebrou magnas assembleias nacionais e internacionais para debater o problema ecológico. A partir da década de setenta até hoje, «tanto as igrejas cristãs particulares como as assembleias ecuménicas internacionais tem-se reunido (...) para analisar o grande problema ambiental e as suas causas, e assim poderem oferecer uma resposta simultaneamente religiosa e científica.» Nestas assembleias<sup>80</sup>, Francisco de Assis emergia como um cristão modelar, relativamente aos problemas ambientais, porque para ele as criaturas não tinham uma relevância utilitarista, mas um valor simbólico e sacramental, que lhes é inerente. Ele tinha uma atitude religiosa diante da natureza, porque via nela a presença da Trindade Criadora. Por serem filhas de Deus, Francisco chama as criaturas de irmãs,<sup>81</sup> vê a Terra como mãe que sustenta e que nutre os seus filhos, mas também como uma irmã que requer cuidado, atenção e carinho.<sup>82</sup> Pelo seu exemplo, devemos promover um cuidado religioso do meio ambiente para a formação das consciências e da sensibilidade, uma cultura ecológica ligada à fé.

---

<sup>78</sup> MERINO, José António, *São Francisco e a ecologia*, 48.

<sup>79</sup> *Ibidem*.

<sup>80</sup> O Conselho Mundial das Igrejas (Amestardão, 1948) tem se reunido em NOVA Delhi (1961), de Genebra (1966), Bristol (1967), Upsala (1968), Canterbury (1969), Nairobi (1975), Massachussetts (1979), Vancouver (1983), Basileia (1989) e Seul (1990), onde além de tratarem sobre a unidade das igrejas produziram documentos sobre o meio ambiente. Cf. *Ibidem*, 49-50.

<sup>81</sup> Cf. ENGLEBERT, Omer, *Vida de São francisco de Assis*. EST, Porto Alegre, 2004, 152-153.

<sup>82</sup> Cf. LECKER, Eloi, *O Cântico das Criaturas ou Os Símbolos da União*. Vozes, Petrópolis, 1999, 145-147.

O Cristianismo não pactua com o mal, com o que é nocivo também à natureza, mas o Homem tem sobre os seus ombros, no que respeita à tutela e à gestão do ambiente, o binómio liberdade - responsabilidade que pode ser desenvolvido da seguinte forma: liberdade para o homem “gozar” e utilizar, para o seu crescimento e progresso, os recursos naturais e ambientais existentes; responsabilidade do homem por um fruir e uma utilização organizados e medidos com sobriedade e temperança, de maneira a permitir às gerações futuras pelo menos os mesmos níveis de vida e de consumo que existem atualmente.<sup>83</sup>

O Cristianismo nunca foi o fundamento da degradação do meio ambiente, embora houvesse sempre quem fizesse más interpretações dos textos bíblicos. Neste sentido seria oportuno fazer uma releitura/reflexão do texto que serve como justificativo a Lynn White para fundamentar a ação do homem e o panorama que vislumbramos hoje.

### **3. Respondendo às críticas: Um fundamento bíblico para a Eco(Teo)logia**

O texto de Gn 1, 28 – *‘Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra»’* - sobre o qual pesa o debate, encontra-se no primeiro livro da Bíblia e, portanto, do Pentateuco e tem o nome de Génesis (*berechit*), isto é, Livro das Origens.

Não podemos estudar/refletir só esse versículo, temos que ter em conta todo o seu contexto e época em que foi escrito, para apreendermos a Palavra na sua origem e essência.

O estudo é muito vasto, por isso, teremos por base a investigação de vários especialistas na matéria, de maneira particular o teólogo biblista Armindo Vaz, de modo a descobrir a

---

<sup>83</sup> Cf. CREPALDI, Giampaolo, TOGNI, Paolo, *Ecologia ambiental e ecologia humana. Políticas do ambiente e a Doutrina Social da Igreja*, 89.

intenção dos hagiógrafos, onde devemos ter em conta, também, entre outras reflexões, os “géneros literários”.

Lynn White e seguidamente Carl Amery não tiveram em conta toda a contextualização do livro do Génesis, os seus géneros literários e fizeram uma análise errónea, de tal modo que absolutizaram a palavra e se esqueceram do que queria dizer *A Palavra*. Consideramos assim que

«... as dificuldades em entender as narrações bíblicas da criação da terra. (...) têm diversas causas, a principal das quais encontra-se na chave de leitura adotada, que é literalista e historicista e entende tais narrações como se estivessem situadas em tempo histórico e descrevessem, como numa ata, algo objetivamente acontecido nos princípios do mundo.»<sup>84</sup>

E procura-se nas narrações bíblicas da Criação, a solução dos problemas, sem as iluminar suficientemente com a luz de textos paralelos do seu meio cultural e sem tirar todas as consequências desse conhecimento para a sua interpretação. É que, devendo nós saber que género de texto estamos a ler, o caminho mais seguro para conhecermos o seu género literário é confrontá-lo com textos análogos. Esta metodologia foi energicamente recomendada pelo magistério da Igreja, num desafio ainda hoje de toda a atualidade para a exegese bíblica.<sup>85</sup> Neste contexto as descobertas verificadas no campo das «literaturas do antigo Próximo Oriente demonstram que os primeiros onze capítulos do Génesis contêm numerosas correspondências significativas, materiais e concetuais, com essas literaturas vizinhas.»<sup>86</sup> Assim podemos verificar que

«... todos os motivos temáticos do Gn 1-11 encontram-se nesses *mitos de origem*, no mesmo contexto das origens, com a mesma organização lógica e com a mesma finali-

---

<sup>84</sup> VAZ, Armino dos Santos, “Origem da terra segundo a Bíblia – Mito e fê”, In *Bíblica* 50, nº 290, 2004, 36.

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*, 36-37.

<sup>86</sup> *Ibidem*, 37.

dade. A conclusão desse confronto é que esse conjunto bíblico está constituído por mitos de origem, com todas as consequências.»<sup>87</sup>

Mas então o que é um mito de origem?

«... é uma narração imaginária que intenta compreender, interpretar, ‘explicar’ as realidades humanas atuais (do tempo do narrador), contando as suas origens pela ação criadora da divindade “no princípio” de tudo. É essencialmente religioso. É um autêntico ato de fé contemplativo, que vê Deus em todas as coisas e apreende todas as coisas à luz de Deus. É um repositório e matriz de significações figuradas; faz pensar, penetra nas entranhas da realidade histórica e dá sentido global e profundo à vida: apreende-a no seu todo, vê a dimensão invisível que envolve as coisas, especialmente através do símbolo, sua linguagem favorita. Dá mais sentido àquilo que não é redutível ao visível (a vida e a morte, o nascimento, o amor, os sentimentos, o sofrimento, a afetividade, a sexualidade). Expressão de humanidade, dá a devida dimensão aos limites e à sede de transcendência da condição humana: dá suporte quase divino à existência do ser humano, enobrecendo de maneira insuperável a sua presença no mundo.»<sup>88</sup>

Assim entendemos que «o ‘mito’ é uma forma de comunicação, a tomar muito a sério.»<sup>89</sup>

Como referimos acima, o mito tem o símbolo como a sua linguagem favorita e o pensamento mítico, por sua vez, constrói uma representação tangível deste universo, uma história que quer ser o sentido dele, um sentido que facilita ao homem a existência nele.<sup>90</sup>

Os autores bíblicos, «produzindo novos mitos ou dilatando antigos mitos, exprimiram profundas intuições sobre Deus e sobre o relacionamento humano com Deus.»<sup>91</sup>

O primeiro capítulo (Gn1) é um mito de origem ou da criação<sup>92</sup>. Como podemos constatar não é uma ata<sup>93</sup> daquilo que aconteceu no princípio do universo e da humanidade.<sup>94</sup> É

---

<sup>87</sup> VAZ, Armindo dos Santos, “Origem da terra segundo a Bíblia – Mito e fé”, 37-38.

<sup>88</sup> VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*. 2ª Edição, Fundação ‘Ajuda à Igreja que sofre’ e Edições Carmelo; Lisboa – Marco de Canaveses, 2008, 134.

<sup>89</sup> VAZ, Armindo dos Santos, “Origem da terra segundo a Bíblia – Mito e fé”, 38. Ver também, VAZ, Armindo dos Santos. “No princípio da Bíblia está o mito: A espiritualidade dos mitos de criação”, In *Didaskalia* 37:1, 2007, 45-73.

<sup>90</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “Origem da terra segundo a Bíblia – Mito e fé”, 38.

<sup>91</sup> *Ibidem*, 39.

<sup>92</sup> Os mitos da criação, na Bíblia visam compreender a complexidade das realidades do mundo; são autênticos atos de fé; são narrativas reveladoras de sentido e repositório de sentido; Não relatam acontecimentos localizáveis no tempo e no espaço; Nem se entendem à letra, sob pena de obscurecer a transcendência de Deus; Não respondem a perguntas científicas

antes uma narrativa saída da «fé intuitiva do mitógrafo, limpa de qualquer especulação científica, em que o elemento patético está na adoração, na admiração contemplativa. É hermenêutica, uma visão interior do mundo que a gente via pelo exterior.»<sup>95</sup>

Como refere Armindo Vaz,

«Gn1 brotou de uma intuição contemplativa, que, a partir dos seres terrenos remontou até Deus, dizendo-o criador de tudo. Numa apreensão unitária, contemplou todo o mundo em Deus e Deus em todas as coisas. A fé, que é interpretativa, aprofundou a compreensão da natureza, vendo-a como criada pelo próprio Deus. É o que exprimem a metáfora da criação e as respetivas narrativas. Que a fé hebraica veja Deus a criar tudo por meio da palavra é significativo. Ao criar, revelava-se e dava-se a si próprio como pessoa. Mas continuava transcendente. O único ponto de ligação com as criaturas era a sua palavra, símbolo de comunicação mas também de alteridade e de distinção.»<sup>96</sup>

Então em Gn1 se «contempla não só a majestade de Deus criador, mas também o ser humano enquanto coroa da criação e elo intermédio entre Deus e as outras criaturas.»<sup>97</sup> Depois a fé do mitógrafo contempla o homem como

«... ‘criado à imagem e semelhança’ de Deus, significando que O representa na terra, quase como seu vigário, e que é o mais próximo e íntimo de Deus, único capaz de captar a sua existência pela fé. Dizê-lo ‘criado à imagem’ de Deus é apresentá-lo como capaz de manifestar Deus aos outros humanos. Deus é assim contemplado como Deus da pessoa e para a pessoa, o Deus que tem a ver com a pessoa. Vê-lo como criado por Deus é contemplá-lo como *querido* por Ele.»<sup>98</sup>

---

sobre as origens físicas do mundo e da vida; Não são históricos senão na medida em que implicam e explicam a história humana. Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “A imagem de Deus criador”, In *Bíblica* 55, nº 322, 2009, 396-398.

<sup>93</sup> «Os relatos da criação em Gn 1-11 não são a ata das origens materiais da terra ou a fotografia do que aconteceu fisicamente “no princípio” absoluto de tudo, mas sim uma radiografia da terra conhecida, projetada em negativo nas origens absolutas de tudo por meio do *mito*; são uma imagem da terra, vista à de Deus». VAZ, Armindo dos Santos, “Origem da terra segundo a Bíblia – Mito e fé”, In *Bíblica* 50, 41; Ver também VAZ, Armindo dos Santos, “No princípio da Bíblia está o mito: A espiritualidade dos mitos de criação”, 172.

<sup>94</sup> Cf. *Ibidem*, 166.

<sup>95</sup> VAZ, Armindo dos Santos, “Narrativa da criação: Mito e contemplação”, In *Humanística e Teológica* 33:2, 2012, 166.

<sup>96</sup> *Ibidem*.

<sup>97</sup> *Ibidem*, 168.

<sup>98</sup> *Ibidem*. Ver também VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 137.



Desde logo, a “imagem de Deus” «é o ser humano dual, o homem e a mulher em comunhão, na qual ambos se tomam fonte de mais vida humana: “crescei e multiplicai-vos”»<sup>99</sup> Assim «o ser humano dual ocupa no universo um espaço que o transcende, parecendo-se ao próprio Deus pela missão que Este lhe fixa: ser seu mandatário e vice-gerente.»<sup>100</sup> É imagem de Deus porque ser da relação a quem lhe foi atribuída uma

«... vocação à comunhão com Deus. (...) Diz-se feito para existir em relação a Deus e ao mundo. Assim, a sua existência em relação e comunicação com Deus aparece a fazer parte da sua definição, como se não se pudesse entender bem o ser humano sem se ver a sua relação com Deus; radicalmente dependente de Deus, diz-se ter capacidade de se pôr e de existir de frente d’Ele. Ao dizer-se “criado à imagem de Deus”, apresenta-se como capaz de manifestar Deus aos outros humanos.»<sup>101</sup>

Podemos ver que o mitógrafo com «a fé contemplou Deus a considerar – sete vezes – todas as coisas como ‘boas’ e ‘muito boas’, isto é, como conformes com o seu projeto do mundo.»<sup>102</sup>

Embora com discordância de outros autores, em Gn 1 a intuição contemplativa da fé desprega-se no quadro imagético da semana hebraica, pondo Deus a criar nos seis dias laborais e a descansar no sétimo, como fazia o povo hebreu. O narrador abarca toda a vida humana, o trabalho e o descanso, dando sentido último a tudo. Com essa estratégia narrativa, dava importância ao sábado como dia de culto a Deus.<sup>103</sup> Como ao ser humano Deus também “abençoou o sétimo dia” (Gn 2,3), enriquecendo-o duma força vital, e “santificou-o”. Mais, em Gn1 o melhor do tempo humano é o tempo da festa, o ‘tempo livre’: o tempo para Deus e para os outros. Um tempo privilegiado para uma releitura do mundo e da vida humana contemplada como dom de Deus.<sup>104</sup>

---

<sup>99</sup> VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 137.

<sup>100</sup> *Ibidem*, 137-138.

<sup>101</sup> *Ibidem*.

<sup>102</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “Narrativa da criação: Mito e contemplação”, 169.

<sup>103</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>104</sup> Cf. *Ibidem*, 169; «No sétimo dia repousa, (...) como se dissesse: eis que escrevo o prólogo que assino com o meu repouso. Continuai vós a História.» VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”, 301. «A

Portanto, o mito de Gn 1, ao contar que “Deus criou os céus e a terra”, sugere que o sentido de todas as coisas da terra é o único Deus dos céus e a perda de Deus do horizonte da vida é a perda do sentido. Deus é o ‘tudo’ de cada coisa e do ser humano.<sup>105</sup>

Dizer “Deus criou os céus e a terra” não é pensar que os arrancou do nada ou duma matéria preexistente, por evolução ou duma assentada; nem é pensar no momento ou no ato da sua construção. É, antes, perceber na terra uma abertura e uma relação diferente da que tem no plano material e vê-la como dependente de Deus. Afirmar que Deus criou a terra era, pois, um salto de pura mística: era ver todas as coisas em Deus e ver Deus em todas elas.<sup>106</sup>

E dizer “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra.” (Gn 1,28)? Por causa deste versículo, como já vimos, a tradição judeo-cristã foi considerada como responsável pela degradação ecológica do universo e pelas contínuas violações dos ecossistemas perpetradas pelo ser humano.<sup>107</sup>

Segundo Armindo Vaz a frase ‘dominai a terra’, posta na boca de Deus, não é um acrescento à criação do homem; é uma forma de interpretar a missão funcional do ser humano no lugar de primazia que ocupa entre os seres criados. Significa o empenho com que ele deve manter a ordem natural dos seres e torná-la mais harmoniosa ao serviço de todos. Isto requer que o homem se integre no mundo criado, que o encha de humanidade e administre racionalmente os seus recursos, dê sentido à sua vida.<sup>108</sup>

Em termos de síntese para a fé bíblica,

---

criação do “sábado” por separação relativamente aos seis dias laborais dava ao ser humano, distinguido em homem e mulher, a oportunidade de se distinguir das restantes coisas criadas, louvando o Criador de todas e cultivando a comunhão com Ele em descanso do corpo e do espírito. Através desta apresentação, o israelita, quando trabalhava e descansava, relacionava religiosamente o seu trabalho semanal e o seu descanso sabático com Deus e via o seu trabalho dignificado como continuação da obra criadora de Deus. Nesta narração o sábado impedia a identificação do ser humano com as suas funções vitais, sociais, produtivas, de consumista, de cidadão; tendo também uma dimensão espiritual, impedia a preocupação desmesurada do homem pelo trabalho, contrária à vida do espírito e à sua liberdade.» VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 139-140; «En el relato de la Creación, el Sabbat, el sábado, aparece descrito como el día en el que el hombre, en la libertad de la adoración, participa de la libertad de Dios, de la serenidad de Dios y así de la paz de Dios. Celebrar el Sabbat significa celebrar la alianza, volver al origen, limpiar todo de las impurezas que nuestro actuar ha introducido. Significa también, al mismo tiempo, avanzar hacia un mundo nuevo en el que ya no habrá esclavos y señores, sino hijos libres de Dios, hacia un mundo en el que el hombre, el animal y la tierra participarán todos juntos fraternalmente de la paz de Dios y de su libertad. RATZINGER, Joseph, *Creación y pecado*, pdf, 1985, 13. Ver também VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, In *Bíblica*, 49, 284, 2003, 37.

<sup>105</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “Narrativa da criação: Mito e contemplação”, 170.

<sup>106</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “Origem da terra segundo a Bíblia – Mito e fê”, 41.

<sup>107</sup> Neste ponto, referirei a reflexão feita por VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, In *Bíblica* 49, 284, 2003, 38-40.

<sup>108</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, 38.

«... só Deus pode “criar”. Só Deus é sujeito deste verbo, porque só o Deus transcendente pode ser visto como princípio absoluto de tudo e do ser humano. “Criação” é uma ação que a fé põe e vê em Deus, atribuindo-lhe ‘o novo’ absoluto do ser visto como criado, aquilo que o homem não pode dar e só Deus pode fazer, que é a nova relação das coisas com Ele.»<sup>109</sup>

Então o agir de Deus não é um agir qualquer.

«A Bíblia diz que Deus criou pela sua Palavra (“Deus disse” e as coisas existiram), o único traço de união com a própria obra. Desta forma, o Deus criador apresentado pela Bíblia permanece intocável, inteiramente Senhor, majestoso e transcendente, isto é, diferente de tudo o que Ele criou. A sua Palavra, além de dizer sua natureza e a sua essência, diz a sua senhoria, que o diferencia de tudo o que se diz ser criado. Dizer que Deus criou pela sua Palavra significa que na criação Deus não está substancialmente unido à sua obra, embora esta dependa d’Ele. Só através da sua Palavra podemos conhecer o criador sem manchar ou destruir a sua divindade misteriosa. Ele não está no mundo de outra forma senão para além deste.»<sup>110</sup>

Os dois primeiros capítulos do Génesis têm uma mensagem atual onde «a pessoa diz-se num encontro com a sua origem.»<sup>111</sup>; onde «Deus é captado como tendo relação com a vida humana, com o seu destino e a sua natureza: é sobretudo o *Deus da pessoa e para a pessoa*.»<sup>112</sup>; onde se sublinha a suprema dignidade do ser humano como coroação de tudo o que a fé via como obra de Deus e donde podemos retratar que o homem/mulher é vocacionado a existir numa relação com Deus, numa radical dependência d’Ele, dando esta relação de intimidade a determinação da sua dignidade como pessoa. Génesis 1 é um hino não só à majestade de Deus, mas também à dignidade humana que aqui aparece como coroa da criação e elo intermédio entre Deus e as criaturas.<sup>113</sup>; onde Deus é o ‘tudo’ de cada coisa e do ser humano<sup>114</sup> e o ser humano aparece como criado ao fim de tudo,

---

<sup>109</sup> VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 141.

<sup>110</sup> *Ibidem*, 144-145.

<sup>111</sup> VAZ, Armindo dos Santos, “No princípio da Bíblia está o mito: A espiritualidade dos mitos de criação”, 61.

<sup>112</sup> VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 143-144.

<sup>113</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, 37.

<sup>114</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “Narrativa da criação: Mito e contemplação”, 170.

«... como que a significar, neste mito de origem, que todas as coisas se orientam para ele e se destinam a ele. De acordo com esta espiritualidade, exige-se uma cultura do futuro do mundo em vista do melhor futuro das pessoas, em vez da cultura do progresso descontrolado e do consumismo galopante e desenfreado.»<sup>115</sup>

O primeiro capítulo do livro de Génesis é «um convite a pensar teologicamente. Sugere grandes interrogações à volta da natureza, meditando no lugar e sentido de cada coisa na ordem cósmica.»<sup>116</sup> Ele «remete-nos para a natureza, cuja criação ocupa o maior espaço da narração». Este relato propõe-nos fazer uma reflexão sobre a importância de *habitar* a Terra e não de *ocupar*, visto que muitas vezes há um défice de tratamento da natureza, da criação por parte do ser humano. O *habitar*, ao contrário do *ocupar*, implica cuidar com afeto e preservar de todo o mal para que seja grande a sua durabilidade.

Com cuidado, o homem foi construindo um habitat de acordo com o desejo das pessoas, no entanto, quando o uso se tornou abuso o descontrolo foi inevitável.

«É verdade que de Gn 1 transparece um antropocentrismo, segundo o qual os seres vistos como criados se ordenam para o homem, porque ele é que é capaz de perceber o sentido das coisas. Mas isso não quer dizer que a natureza circunstante só tem sentido enquanto satisfaz as ambições humanas.»<sup>117</sup>

Segundo os conhecimentos atuais das ciências, a fonte primária e original da vida não é o ser humano, mas a Terra. Assim, cientistas de vários saberes, unem as suas competências para encontrar soluções sustentáveis à crise mundial.

O nosso ser no mundo tem que ser um ‘ser’ holístico, capaz de uma mentalidade aberta a tudo e a todos.

A forma como nos posicionamos diante da Criação diz o nosso sentir porque

---

<sup>115</sup> VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, 38.

<sup>116</sup> VAZ, Armindo dos Santos, “No princípio da Bíblia está o mito: A espiritualidade dos mitos de criação”, 168.

<sup>117</sup> VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 163.

«o planeta Terra é a casa da humanidade e é preciso cuidar dele como uma casa comum. A falta de preocupação com a Terra mostra falta de amor ao próximo, e a falta de amor ao próximo significa falta de amor a Deus. Então quanto melhor se estiver na relação com o Criador, ter-se-á também uma melhor relação com o próximo e com a criação.»<sup>118</sup>

Podemos referir que, quando se cuida bem da Criação, está-se também a glorificar, a dignificar e a dizer *Bem* o Criador.<sup>119</sup>

O nosso ser crente deveria fazer-se notar no nosso agir. Não faz sentido celebrar a fé, louvando o Deus Criador de ‘tudo o que vive e respira’ (Sl 150) e destruir ou permitir a destruição da natureza. A forma como a pessoa se relaciona com a natureza também revela um pouco da qualidade da sua espiritualidade.

O material e a espiritualidade do ser humano não se opõem, visto que uma espiritualidade integral inclui simpatia e empatia para com a natureza. Este é um sentimento que gera o encanto perante a grandeza dos céus e suscita estima diante da complexidade da mãe-terra.<sup>120</sup>

«A visão espiritual da natureza, expressa na sabedoria dos mitos da criação, inculca espírito de fineza e delicadeza, respeito e até veneração por ela, reverência face à vida da Terra como face à vida humana: matar a ternura para com a natureza fere a própria essência humana.»<sup>121</sup>

Não podemos fazer o que nos apetece, mas só o que resulta em autêntico bem para o ser humano, para o presente e para o futuro. A não ser assim, atraçamos o que Gn 1 entende como vocação do homem e intenção do Criador. Uma *espiritualidade cósmica*<sup>122</sup> não pode ficar «indiferente ao facto de pessoas e animais serem atingidas com a degradação do meio

---

<sup>118</sup> LIMEIRA, Amélia e ANDRADE Maristela, “Eco(Teo)logia e Cristianismo: Um diálogo entre o discurso científico e o religioso” In *Fragmentos de Cultura, Giânia*, V.22, nº2, 2012, 193.

<sup>119</sup> Cf. LIMEIRA, Amélia e ANDRADE Maristela, «Eco(Teo)logia e Cristianismo: Um diálogo entre o discurso científico e o religioso», 194.

<sup>120</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 164.

<sup>121</sup> *Ibidem*.

<sup>122</sup> «A espiritualidade cósmica que abrange o universo tem preocupações concretas com o próprio nicho ecológico, cuidando do meio ambiente, usando os seus recursos de forma frugal, minimizando os desgastes e os detritos industriais, contribuindo para a reciclagem dos materiais, conservando a biodiversidade, cuidando da própria casa e não estragando/sujando os lugares públicos: respeitá-los é um gesto de atenção para com as pessoas que os usam. Este «sentido do outro» é questão de educação, que apura a espiritualidade e vice-versa.» VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 166-167.

ambiente (tantas espécies de animais se vão extinguindo!) e com a destruição da mancha verde da Terra». <sup>123</sup> É preciso ter um consumo sustentável, com os devidos limites, para que haja um equilíbrio multidimensional entre a sociedade e a natureza, reforçando o sentido de fraternidade humana e cósmica. Neste equilíbrio integra-se o cuidado com a herança recebida para que seja herança perpetuada, com respeito por todos os seres criados. Assim, cada gesto, por pequeno que seja, contribui para o bem do planeta Terra e é também um contributo para o bem-estar do ser humano. E a ecologia torna-se a arte das relações, onde a ciência do cuidado transcende o científico, invade corações e intelectos que despertam para o cuidado e a preservação de todas as formas de vida. «A Terra pode viver sem seres vivos, mas os seres vivos não podem viver sem a Terra. Destruir a Terra é cometer suicídio» <sup>124</sup>.

Afirmar que “todas as coisas existentes são boas” é colocar nelas o selo da beleza e da harmonia global. <sup>125</sup> Logo, uma atitude ecológica é uma provocação para os crentes. Crentes que vêm tudo como criado por Deus e, por isso, não podem colocar-se à margem dos movimentos que assumem a defesa da natureza. Impõe-se um tratamento do mundo e da natureza, não como um objeto de ensaio e de posse, mas como espaço vital e natural do ser humano. <sup>126</sup>

É de frisar que não estamos autorizados a fazer no mundo tudo o que nos apetece. «Se a fé vê a natureza como feitura de Deus, a postura humana não pode ser a de tratá-la como aterro do lixo que cada um produz.» <sup>127</sup> Logo, os crentes fiando-se num Deus Criador <sup>128</sup> sentem o dever de amar o mundo por Ele criado.

Os que crêem no Deus da vida, não podem permanecer à margem da sorte do planeta. Fazer a paz com a Terra não é um *slogan* oportunista, é a concretização do amor que trata de fazer do mundo um lar para a vida. <sup>129</sup>

---

<sup>123</sup> VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 165.

<sup>124</sup> MOLTSMANN, J. citado in VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 167.

<sup>125</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, 39.

<sup>126</sup> Cf. *Ibidem*, 38.

<sup>127</sup> VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 164.

<sup>128</sup> «E só quando a fé confessa um Deus Senhor do mundo é que é lógico procurar um mundo de Deus e tratá-lo como sendo de Deus.» VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, 40.

<sup>129</sup> Cf. *Ibidem*.

Prontamente a fé que vê tudo o que existe como criatura de Deus põe-lhe um selo: “respeitar”, “tratar com cuidado”. Imediatamente,

«... a relação de domínio do ser humano relativamente aos animais e à natureza, vista por Gn 1, 26-31, não é de estrago, esbanjamento, poluição e destruição, nem de agressividade, mas antes de convivência, responsabilidade e reconhecimento do valor intrínseco dela e de a pôr razoavelmente ao serviço do ser humano, como um valor complementar dele: um uso da natureza que completa o ser humano e enobrece a própria natureza. A visão da fé expressa no “enchei a terra e submetei-a” não se coaduna com o afã exacerbado do aumento de capital. Esta visão em profundidade dos elementos da natureza leva o ser humano a sentir-se envolvido nela, ligado e re-ligado a ela num todo orgânico, inclusivo, também na medida em que remete para o seu Criador, mistério que em tudo se vela e revela.»<sup>130</sup>

É com essa intervenção na sociedade e essa participação na vida pública que os

«... cristãos assumem a sua fé e reconhecem o combate pela ética ambiental. Este quadro não é uma conceção do mundo, é um caminho para o ser humano no mundo, é fruto de um pensamento centrado sobre o homem no mundo, na sociedade.

A fé em Jesus Cristo, que se definiu a Si mesmo como o ‘caminho, a verdade e a vida’, exige aos cristãos o esforço de se empenharem mais decididamente na construção de uma cultura humanista, inspirada no Evangelho, e que seja de defesa do ambiente. Com Ele, e em comunidade, podemos construir um progresso humano integral em benefício dos povos presentes e futuros. Para tal, os pequenos gestos cívicos são importantes para preservar o ambiente e, com isso, dar testemunho evangélico.»<sup>131</sup>

Um cristão deve respeitar o mundo que recebeu como um presente de Deus<sup>132</sup>.

Isabel Varanda refere que o «livro do Génesis não nos diz o que a criação é, mas o que ela pode vir a ser. Pertence à criatura, que Deus saudou como muito boa, continuar a obra do Criador. Deus chama o não ser a ser e o ser responde sendo.»<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> VAZ, Armino dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*, 164.

<sup>131</sup> BORREGO, Carlos, “Alterações climáticas: a ética ambiental a fé cristã”, 63.

<sup>132</sup> «Un Cristiano debe respetar um mundo que há recibido como don y regalo del Creador.» GAFO, Javier. *Ética y ecología*, 211.

<sup>133</sup> VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”, 301.

A essência do Ser Humano é ser um ser cuidador, um ser de missão. Isto é-nos revelado no segundo capítulo do Génesis - ‘o Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar’ (Gn 2,15).

Cultivar e guardar são dois aspetos importantes, é a missão de sermos cocriadores de tudo o que Deus disse que era muito bom, por isso, não podemos dominar a nosso belo prazer, mas cuidar e guardar, para todos o jardim que é de Deus. Portanto é «domínio sem dominação; domínio sem violência; domínio em doçura, que já inaugura a qualidade das relações que as criaturas são convocadas a entretecer.»<sup>134</sup> Assim, a natureza entregue a Adão deve ser «cultivada com a responsabilidade técnica de um jardineiro que haveria de melhorar até mesmo o Paraíso terrestre.»<sup>135</sup> Para que isso aconteça, deve haver uma cuidada distribuição de todos os bens da terra, porque a meta a atingir deverá ser a construção de uma sociedade justa e ecologicamente sustentável que funcione harmoniosamente como componente interativo do grande sistema – a Terra.<sup>136</sup>

#### 4. Ecologia no magistério da Igreja e no pensamento teológico

Há uma preocupação manifesta com os problemas suscitados pela degradação do meio ambiente. Mas, só há relativamente pouco tempo é que tal se manifestou no seio dos responsáveis pela Igreja Católica, não tendo, com efeito, sido alvo de alocações particularmente significativas até à década de setenta do século transato. Com efeito, recorde-se que nem a Carta Encíclica *Populorum Progressio* (1967), nem o próprio Concílio Vaticano II contemplaram tais questões de modo significativo. De facto, a primeira abordagem formal surge na

---

<sup>134</sup> VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”, 303; Ver ainda «L’uomo non può agire come dominatore e possessore della natura ponendosi al di sopra di essa, come se essa fosse un oggetto muto, vittima impotente della sua volontà di potere.» GOLSER, Karl, *Religioni ed ecologia*, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna, 1995, 11.

<sup>135</sup> HENRICI, Peter, “O Homem e a Natureza na era tecnológica”. In *Communio*. Ano IX, nº 5, 1992, 401.

<sup>136</sup> Cf. FERNANDES, José de A., “Desenvolvimento sustentável? Comentários de um ambientalista cético”, In *Communio*. Ano XX, nº 3, 2003, 268.



Carta Apostólica de Paulo VI, *Octogésima Adveniens* (1971), dirigida ao Cardeal Maurice Roy.<sup>137</sup>

Assim, o caráter histórico da Doutrina Social da Igreja obriga-a a enfrentar as problemáticas sociais, e neste caso a ecologia, à medida que estas se apresentam no horizonte. Assim Paulo VI no n. 21 da Carta Apostólica, refere que:

«À medida que o horizonte do homem assim se modifica, a partir das imagens que se selecionam para ele, uma outra transformação começa a fazer-se sentir, consequência tão dramática quanto inesperada da atividade humana. De um momento para outro, o homem toma consciência dela: por motivo da exploração inconsiderada da natureza, começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação. Não só já o ambiente material se torna uma ameaça permanente, poluições e lixo, novas doenças, poder destruidor absoluto; é mesmo o quadro humano que o homem não consegue dominar, criando assim, para o dia de amanhã, um ambiente global, que poderá tornar-se-lhe insuportável. Problema social de envergadura, este, que diz respeito à inteira família humana. O cristão deve voltar-se para estas perspectivas novas, para assumir a responsabilidade, juntamente com os outros homens, por um destino, na realidade, já comum.»

É legítimo que os Santos Padres chamem a nossa atenção para os deveres<sup>138</sup> que temos na relação com a natureza em que estamos inseridos e de que fazemos parte, ainda que com a capacidade de, pela inteligência e consciência, nos colocarmos fora dela. Na *Centesimus Annus*, (1991), nº 37, João Paulo II refere que o homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida. Na raiz da destruição insensata do ambiente natural, há um erro antropológico. O homem, que descobre a sua capacidade de transformar e, de certo modo, criar o mundo com o próprio trabalho, esquece que este se desenrola sempre sobre a base da doação originária das coisas por parte de Deus. Pensa que pode dispor arbitrariamente

---

<sup>137</sup> RODRIGUES, F. Barbosa, MALCATA, F. Xavier, “O Magistério da Igreja perante a crise ecológica atual – I”, In *Brotéria*, Vol. 166, II, 2008, 171.

<sup>138</sup> «Se pensarmos no ambiente como uma questão de dever e direito, pensamos em algo que é exigido a nós (dever) e em algo que nós podemos exigir (direito) e a palavra que me vem à consciência é reciprocidade. Ou seja, quando pensamos nas questões ambientais, deveríamos pensa-las como questões de reciprocidade e será sobre este ponto de vista que irei centrar esta síntese do pensamento ecológico na última Carta Encíclica do Papa Bento XVI, *Caritas in Veritate*.» PANÃO, Miguel Oliveira, “Pensamento ecológico a partir da *Caritas in Veritate*”, In *Brotéria* – Vol. 170, IV, 2010, 357.

da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade, como se ela não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver mas não deve trair. Em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus e, deste modo, acaba por provocar a revolta da natureza, mais tiranizada que governada por ele.

Como refere João Paulo II, a Sociedade Moderna não encontrará solução para o problema ecológico enquanto não olhar seriamente para o seu estilo de vida.<sup>139</sup>

Segundo Rodrigues e Malcata<sup>140</sup>, João Paulo II apresenta soluções para resolver a crise da ecologia, assim:

- apela a ‘uma verdadeira conversão das mentes, das vontades e dos corações’;
- integra, na Fé, os problemas económicos, sociais, de educação, de cultura e de desenvolvimento científico-tecnológico, articulando-os com a crise ambiental;
- lembra a vontade do Criador ‘que o Homem comunicasse com a natureza como ‘senhor’ e ‘guarda’ inteligente e nobre, e não como ‘desfrutador’ e ‘destruidor’;
- defende que o avanço do conhecimento científico e o desenvolvimento técnico sejam acompanhados por um desenvolvimento, essencial e adequado, da vida moral e da ética;
- convida os líderes sociais, e todos quantos se envolvem no desenvolvimento e no progresso, a concentrarem a sua atenção nas questões que afetam a matriz socioeconómica, incluindo as de ordem cultural; e
- coloca interrogações pertinentes a respeito do homem da atualidade – existe crescimento espiritual? O ser humano é mais atento/recetivo aos seus pares? É efetivamente mais solidário? É mais consciente da dignidade humana? Ao interrogar-se e ao confrontar-se com as suas conquistas, assume-se sempre com insofismável lealdade, objetividade e responsabilidade moral?

---

<sup>139</sup> Cf. RODRIGUES, F. Barbosa, MALCATA, F. Xavier, “O Magistério da Igreja perante a crise ecológica atual – II”, In *Brotéria* – Vol. 166, III, 2008, 171.

<sup>140</sup> *Ibidem*, 263.

Queremos ainda salientar que a referência à questão ecológica sobressai de maneira especial nas Cartas Encíclicas *Sollicitudo Rei Socialis* (1987), nn. 26, 28, 34 e 38 e *Centesimus Annus* (1991), no capítulo IV, cujo tema é ‘A propriedade privada e o destino universal dos bens’, dos n<sup>os</sup> 30 ao 40.

Tanto o Papa João Paulo II, como o Papa Bento XVI marcaram as suas comunicações/intervenções com uma preocupação ecológica. Destacamos de Bento XVI a Encíclica *Caritas in Veritate*, com o seu pensamento ecológico.

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja dedicou 36 parágrafos - do 451 ao 487- ao tema da salvaguarda do ambiente.<sup>141</sup> Enquanto, que,

«o Catecismo da Igreja Católica, apresenta os parágrafos 2415-2418 onde oferece alguns ensinamentos sobre a maneira como se deve entender a relação entre o homem e a natureza criada, detendo-se particularmente no tratamento dos animais. O parágrafo 2432 recorda os deveres ecológicos das empresas. Estas indicações são colocadas no interior da exposição doutrinal do sétimo mandamento. Para além destes pontos particulares, devemos-nos no entanto reportar ao Catecismo da Igreja Católica sobretudo no que tem a ver com a exposição da doutrina sobre a criação, nos parágrafos 279-301, no contexto da exposição dos conteúdos doutrinários da profissão de fé.»<sup>142</sup>

Queremos salientar aqui que, depois de João Paulo II ter manifestado as suas preocupações ecológicas, começaram a surgir posições desenvolvidas pelas Conferências Episcopais de vários países, com especial atenção à Nota Pastoral sobre a Preservação do Meio Ambiente, na Conferência Episcopal Portuguesa, 1988,<sup>143</sup> onde refere que «também a Igreja não quer deixar de contribuir, com os meios que lhe são próprios, para a busca de soluções justas e dignas.»<sup>144</sup> Assim, salientamos, da mesma nota pastoral, a referência à comunhão de destino humanidade/universo, lembrando os contornos éticos que, necessariamente, devem referenciar o

---

<sup>141</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compendio da Doutrina Social da Igreja da Católica*, S. João do Estoril, Principia, 2005, 287-307. Ver Apêndice 1 – O Decálogo para um Ambiente à Medida no Homem no Compêndio Da Doutrina Social Da Igreja, da autoria do Observatório Internacional Cardeal Van Thuân sobre a Doutrina Social Da Igreja.

<sup>142</sup> CREPALDI, Giampaolo, TOGNI, Paolo, *Ecologia ambiental e ecologia humana. Políticas do ambiente e a Doutrina Social da Igreja*, 24.

<sup>143</sup> Cf. RODRIGUES, F. Barbosa, MALCATA, F. Xavier, “O Magistério da Igreja perante a crise ecológica atual – II”, 249.

<sup>144</sup> CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “*Preservação do Meio Ambiente*”, Nota Pastoral, Secretariado Geral da CEP, 1988, n<sup>o</sup>1.

desenvolvimento e a definição da ecologia enquanto questão cultural. Estabelecem-se neste contexto, as bases de uma verdadeira missão pastoral; e o apelo à mobilização da Igreja Portuguesa, nomeadamente através das escolas católicas de todos os níveis de ensino e, bem assim, de outras organizações, num esforço coletivo inserido num processo educativo de formação valorativa das consciências.<sup>145</sup> Logo, podemos dizer que é demasiadamente manifesto que a Igreja fica atenta aos sinais dos tempos e se envolve na discussão e na partilha das preocupações, conforme é seu mister. Dessa constatação não constituem exceção, nas últimas décadas, a atenção pela busca de soluções às diversas questões ambientais emergentes.<sup>146</sup>

Seguidamente na terceira parte apresentaremos/proporemos ações concretas que poderão ser pequenos contributos personalizados, que podem marcar pela diferença no quotidiano das nossas vidas, mas que todos beneficiarão.

---

<sup>145</sup> Cf. RODRIGUES, F. Barbosa, MALCATA, F. Xavier, “O Magistério da Igreja perante a crise ecológica atual – II”, 265.

<sup>146</sup> Cf. *Ibidem*, 262.

### **III PARTE – Cuidado, um convite a fazer a diferença.**

Dando seguimento ao nosso trabalho, nesta terceira parte, damos continuidade à reflexão de cariz mais pedagógica, onde apresentaremos uma série de sugestões da vivência do cuidado e, para tal, privilegiaremos o estudo da Carta da Terra.

#### **1. A exemplaridade do Cuidado na Carta da Terra**

Quando vemos a ecologia sob a ótica do cuidado sentimos necessidade de nos pautarmos não só por uma ética que salve a Terra mas, também, tudo o que nela vive e respira, nomeadamente o Ser Humano que coloca um testemunho em tudo o que existe.

Exemplo disto é a *Carta da Terra* que, segundo Leonardo Boff, faz parte de uma visão ética integradora e holística. Considera as interdependências entre pobreza, degradação ambiental, injustiça social, conflitos étnicos, paz, democracia, ética e crise espiritual, representa um grito de urgência face às ameaças que pesam sobre a biosfera e sobre o projeto planetário humano e é também uma denúncia em favor da esperança e de um futuro comum da Terra e da humanidade.<sup>147</sup>

O documento é resultado de vários anos de diálogo civilizacional multicultural, em torno de objetivos e valores comuns. O projeto começou como uma iniciativa das Nações Unidas, em 1972, por altura do primeiro encontro mundial sobre o meio ambiente em Estocolmo, na Suécia, mas desenvolvendo-se em vários encontros mundiais, no decorrer de vários anos, e acabou por ser, em 1999, sob a orientação de Steven Rockfeller que se escreveu um segundo esboço da *Carta da Terra*, reunindo as principais ressonâncias e convergências mundiais. Em 2000 na Unesco, em Paris, incorporaram-se as últimas contribuições e ratificou-se a

---

<sup>147</sup> Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2011, 14.

*Carta da Terra*.<sup>148</sup> O texto é aglutinador, mas mesmo assim está aberto a discussões e a novas incorporações até que seja apresentado e discutido pela ONU e que terá o mesmo valor, depois de aprovada, que a Carta dos Direitos Humanos, como lei de referência mundial, em nome da qual os violadores da dignidade da Terra poderão ser levados às barras dos tribunais.<sup>149</sup>

A *Carta da Terra* tem o seu mérito principal no eixo articulador da «categoria da inter-retro-relação de tudo com tudo»<sup>150</sup>, o que lhe permite apoiar o destino comum da Terra e da Humanidade e reafirmar a convicção de que formamos uma grande Comunidade.<sup>151</sup> No seu texto está presente uma «nova consciência ecológica e ética da humanidade, em que a categoria do *cuidado*»<sup>152</sup> ocupa a centralidade.

Todo o documento da *Carta da Terra*<sup>153</sup> expressa confiança na capacidade regenerativa da Terra e na responsabilidade partilhada dos seres humanos de aprenderem a amar e a cuidar do Lar comum<sup>154</sup>. Pode-se dizer que tudo o que precisamos para o atual estado da Terra, encontramos nesta proposta de ética mundial. Sendo a *Carta da Terra* universalmente assumida, mudará o estado de consciência da humanidade que se responsabilizará pelo futuro e destino comum.<sup>155</sup>

Dos quatro pilares que sustentam esta *Carta da Terra* são-nos propostos dezasseis princípios, cada um com princípios de apoio, abrangendo, assim, todos os aspetos essenciais à vida e à vivência intercultural para a harmonia cósmica e universal.

Leonardo Boff, um dos elementos da comissão de redação com Mikhail Gorbachev, Maurice Strong, Steven Rockefeller, Mercedes Sosa entre outros, apresenta três pontos relevantes da Carta da Terra.

---

<sup>148</sup> Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 15 e 18.

<sup>149</sup> Cf. *Ibidem*, 18.

<sup>150</sup> *Ibidem*, 19.

<sup>151</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>152</sup> *Ibidem*, 40.

<sup>153</sup> Ver Apêndice 2.

<sup>154</sup> Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 22; «L'uomo deve cambiarei l suo rapporto com la natura. Deve pensare in modo nuovo il suo luogo di soggiorno nel mondo, il suo *óikos*.» AUER, Alfons, *Ética dell'ambiente*, Queriniana, Brescia, 1988, 16.

<sup>155</sup> Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 22.

Como primeiro ponto, aponta «a aura benfazeja» de todo o documento, ou seja, há consciência da gravidade do estado da Terra e da Humanidade, mas também há «lugar para a esperança, para a confiança na responsabilidade humana e há certeza» de um novo pacto sinérgico e amoroso entre a Terra e a Humanidade. Os valores da solidariedade, da inclusão e da reverência repassam todo o texto.

No segundo ponto, é salientado a superação do conceito fechado de desenvolvimento sustentável. Mais do que «buscar um desenvolvimento sustentável, importa construir uma vida sustentável, uma sociedade sustentável e uma Terra sustentável»<sup>156</sup>.

Nesta linha é pertinente investir na Educação das gerações mais jovens para lhes proporcionar o desenvolvimento de competências práticas que lhes permitam continuar a aprender depois de saírem da escola, visto que viver uma *vida sustentável* é um

«... estilo de vida que harmoniza as ecologias humana e ambiental, através de tecnologias adequadas, de uma economia cooperativa e de engenho individual. É um estilo de vida deliberado que se caracteriza pela responsabilidade pessoal, autoconfiança, sentido de serviço, e coisa da vida espiritual. Além disso, a vida sustentável é uma ética de administração para o ambiente e a economia em que as necessidades de hoje são condicionadas pelas necessidades das gerações futuras da Terra.»<sup>157</sup>

Finalmente, como terceiro ponto, Leonardo Boff refere que em toda a carta reside a *ética do cuidado*. Já em 1991, a união Internacional para a Conservação da Natureza (Uicn), o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) publicaram conjuntamente um dos textos mais articulados e práticos que levava como título programático “Caring for the Earth. A Strategy for Sustainable Living” [*Cuidar do planeta Terra. Uma estratégia para o futuro da vida*]. O *cuidado* era a categoria que unia

---

<sup>156</sup> BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 24.

<sup>157</sup> AA. VV. *Educação Para a cidadania. Guião de Educação para a Sustentabilidade. Carta da Terra*. Ministério da Educação, Lisboa, 2006, 55.

todas as práticas de preservação, regeneração e trato para com a natureza. O *cuidado* era apresentado como o valor principal de uma ética ecológica-social-espiritual.<sup>158</sup>

Novamente na *Carta da Terra* o *cuidado* é apresentado como um valor com sentido antropológico e ético, ligado a processos de vida. «Pelo *cuidado*, o ser humano, pessoal e coletivamente, supera as desconfianças, os medos e estabelece os fundamentos para uma paz duradoura»<sup>159</sup>, assim o refere o último parágrafo da *Carta da Terra*, «que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça e pela paz e pela alegre celebração da vida.» De facto, encontramos a palavra *cuidar* no Preâmbulo, «*cuidar* da Terra e uns dos outros»; no Princípio I. «respeitar e *cuidar* da comunidade de vida»; no Princípio II. 2 «*cuidar* da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor; e no Princípio IV. 13, f) «fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a *cuidar* dos seus próprios ambientes e definir responsabilidades ambientais a nível governamental onde possam ser cumpridas mais efetivamente.» e, onde não está presente a palavra *cuida*, na *Carta da Terra*, o *cuidado* é sinónimo de *modo de vida sustentável*, que implica uma mudança de vida (de mente e coração), de hábitos, de atitudes e valores, de formas de produção económica e relação com a natureza, porque:

«... a *escolha é nossa*: formar uma aliança global para *cuidar da Terra e uns dos outros*, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias *mudanças* fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, *o desenvolvimento humano é primariamente ser mais e não ter mais*. Temos o conhecimento e a tecnologia para abastecer a todos e reduzir os nossos impactos ao meio ambiente. O aparecimento de uma sociedade civil global está a criar novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Os *nossos desafios*, ambientais, económicos, políticos, sociais e espirituais *estão interligados*, e *juntos*, podemos forjar soluções includentes.» (Carta da Terra, Preâmbulo).

---

<sup>158</sup> Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 25.

<sup>159</sup>BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 25.



Como nos indica a *Carta da Terra* a «escolha é nossa» de juntos *cuidarmos* da Terra e de tudo o que nela habita. Para seguirmos em frente,

«... temos que *reconhecer* que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. *Devemos somar forças* para gerar uma sociedade sustentável global, baseada no *respeito* pela natureza, nos *direitos humanos* universais, na *justiça* económica e numa *cultura da paz*. Para chegar a este propósito é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos a *nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida e com as futuras gerações.*» (Carta da Terra, Preâmbulo).

Com sentido de responsabilidade universal *cuidaremos* «uns para com os outros, com a grande comunidade da vida e com as futuras gerações»,

«... identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com a nossa comunidade local. Somos ao mesmo tempo cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual as dimensões local e global estão ligadas. Cada um comparte *responsabilidade pelo presente e pelo futuro*, pelo bem estar da família humana e do grande mundo dos seres vivos. O espírito de *solidariedade* humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com *reverência* o mistério da existência, com *gratidão* pelo presente da vida, e com *humildade*, considerando o lugar que o ser humano ocupa na natureza.» (Carta da Terra, Preâmbulo).

Urge um ser humano novo, capaz de rasgar novos caminhos, diferentes dos trilhados até agora, que se paute pelo *cuidado*, ou seja, pelo *modo de vida sustentável*, numa caminhada conjunta com esperança de que *juntos podemos* criar novas soluções para novos desafios, porque temos «o dever sagrado de assegurar a vitalidade, a diversidade, a integridade e a beleza de nossa Casa Comum»<sup>160</sup>.

Optar pelo *cuidado* é dizer não à autodestruição e dizer sim à Vida nas suas diversas formas.

---

<sup>160</sup> BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 19.

O *cuidado* é ontológico, raiz frontal da constituição do ser humano. Sem *cuidado*, do nascer ao morrer não existiríamos. Tudo o que o ser humano fizer com *cuidado* revelará quem ele é. O *cuidado* é gesto amoroso para com a realidade, gesto que protege e traz serenidade e paz. O Ser humano, porque humano, é um ser essencialmente de *cuidado*. Sem *cuidado*, nada que é vivo sobrevive. Tudo o que *cuidamos* dura mais tempo. Precisamos resgatar esta atitude como ética para preservarmos a herança que recebemos do universo e da cultura e garantir o futuro comum.<sup>161</sup>

Leonardo Boff na sua reflexão sobre o «*cuidar* da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor» (Princípio II. 2), refere que «*cuidar* é envolver-se com o outro ou com a comunidade da vida, mostrando zelo e até preocupação. Mas é sempre uma atitude de benevolência que quer estar junto, acompanhar e proteger.»<sup>162</sup>

Esta atitude do *cuidado* implica cortesia e acolhimento do outro como tal. É a hospitalidade ao outro num ‘acalantar, iluminar e aquecer’ a sua identidade sem querer impor a sua pose de domínio, o que leva a uma atitude de serviço, de compreensão, de compaixão e de amor. A hospitalidade/acolhimento para com o OUTRO envolve abertura, coragem de enfrentar e superar a estranheza que provoca o medo, a desconfiança, o afastamento e até a rejeição do outro. Hospitalidade é acolher o estranho com cuidado desvelado, assim como se apresenta, sem logo querer enquadrá-lo nos esquemas válidos para a nossa comunidade.<sup>163</sup>

A hospitalidade/acolhimento no contexto da globalização exige-nos atitudes e comportamentos tais como: a boa vontade incondicional, o acolhimento generoso, a escuta atenta, o diálogo franco, o negócio honesto a renúncia desinteressada, a responsabilidade consciente, a relativização corajosa, a transfiguração para o positivo e de maneira inteligente.<sup>164</sup>

---

<sup>161</sup> Cf. *Ibidem*, 38-39.

<sup>162</sup> BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 40.

<sup>163</sup> Cf. BOFF, Leonardo, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e Dever de todos*, Editora Vozes, Vol. I, Petrópolis, RJ, 2005, 125.

<sup>164</sup> Cf. *Ibidem*, 163-174.

«Todos devemos alimentar a hospitalidade de uns para com os outros, pois, como dizem as Escrituras judaico-cristãs, todos somos hóspedes nesta Terra e não temos aqui morada permanente. Devemos, forçosamente, viver a convivência uns com os outros, porquanto moramos na mesma Casa Comum. E não temos outra para morar. Devemos incorporar a tolerância de uns para com os outros naquelas coisas que temos dificuldades de entender e de suportar. Importa ter respeito às diferenças. É necessário que exista a comensalidade, quer dizer, que nos sentemos juntos à mesa e celebremos a alegria de estarmos juntos, como família, como irmãos e irmãs, saboreando da generosidade da Mãe Terra.»<sup>165</sup>

*Cuidar* é servir. *Cuidar* é hospedar o outro no coração e, por sua vez, querer o seu bem-estar físico, psíquico e espiritual. Por isso, urge não usar do poder/dominação que possa prejudicar o outro ser vivo, ou seja, é necessário «tratar todos os seres vivos com respeito e consideração» (Carta da Terra, Princípio XV).

*Cuidar* é a expressão mais alta do amor, porque tudo o que amamos também cuidamos pelo amor que lhe temos. E quem ama dá-se, orienta-se pelo outro, está atento. É preciso que todos nos amemos para que o *cuidado* seja recíproco e porque nos amamos *cuidamos* do que nos rodeia porque o Bem da Terra é um Bem do outro. «*Amar* o outro, seja o ser humano, seja cada representante da comunidade de vida, é dar-lhe razão de existir. (...) O existir é pura *gratuidade*. *Amar* o outro é querer que ele exista porque o amor faz o outro importante. (...) O amor é a fonte dos *valores*»<sup>166</sup>. Podemos dizer que «somente esse *ethos* que ama está à altura dos desafios que nos vêm da comunidade da vida, devastada e ameaçada em seu futuro. Esse amor respeita a alteridade, abre-se a ela e busca uma comunhão que enriquece a todos. Faz dos distantes próximos e dos próximos, irmãos e irmãs.»<sup>167</sup>

E, no Ocidente, ninguém melhor que Francisco de Assis como exemplo de um ser *cuidador* de todas as Criaturas que tinha a irmã Terra como o seu claustro<sup>168</sup>. O que nos pode

---

<sup>165</sup> *Ibidem*, 14-15.

<sup>166</sup> BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 49.

<sup>167</sup> *Ibidem*, 49.

<sup>168</sup> Cf. AA.VV., *Fontes Franciscanas, I – São Francisco de Assis. Escritos, Biografias, Documentos*, Editorial Franciscana, Braga, 1982. MA 63.

ensinar Francisco de Assis quanto à forma de ver e viver a ecologia? Começemos por salientar que

«... o que impressiona mais o homem moderno ao confrontar-se com a figura de Francisco de Assis é a sua inocência, o seu entusiasmo pela natureza, a sua ternura para com todos os seres, a capacidade de compaixão pelos pobres e de confraternização com todos os elementos, até a própria morte»<sup>169</sup>.

Ele unia as duas ecologias: a interior, integrando as suas emoções e desejos, e a exterior, irmanando-se com todos os seres<sup>170</sup>.

Um dos primeiros ensinamentos de Francisco é que «quem celebra, respeita; e quem respeita, não destrói. Quem canta a vida não pode destruir a vida nem os seres que aí existem»<sup>171</sup>. Ou seja, *cuidar*, respeitar, em vez de explorar as coisas naturais, evitar a sua má utilização:

«... aos irmãos que cortavam lenha proibiam-lhes arrancarem as árvores completamente, impedindo-as de voltarem a rebentar. Ao cerqueiro mandava que, ao redor da cerca, deixasse uma faixa por cultivar, a fim de que, a seu tempo, o verdor das ervas e a beleza das flores apregoassem a beleza do pai de todas as coisas. Ordenava também que se destinasse uma porção da horta ao cultivo de flores e plantas aromáticas, a fim de evocarem em quantos as vissem a fragrância da vida eterna.»<sup>172</sup>

Neste e noutros textos, salientamos o respeito pela criação no seu todo, o que nos exige um comportamento exemplar para criar uma ecologia do espírito que por sua vez se repercutirá numa ecologia real. Com a visão de fé e de transcendência de Francisco de Assis, «difícilmente se conseguiria contaminar a mãe e irmã terra e, muito menos, destruí-la por razões

---

<sup>169</sup> BOFF, Leonardo, *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2003, 42.

<sup>170</sup> Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 48.

<sup>171</sup> MERINO, José António, *São Francisco e a ecologia*. Editorial Franciscana, Braga, 2007, 11.

<sup>172</sup> AA.VV., *Fontes Franciscanas, I – São Francisco de Assis. Escritos, Biografias, Documentos*, 2C 165.

egoístas e predadoras.»<sup>173</sup> O Pobrezinho de Assis que contemplava a natureza, não era egoísta, interesseiro ou dominador, instrumentalizando as coisas animadas e inanimadas. Antes, colocava-se no meio das criaturas, com elas e não acima delas e com isso estabelece uma relação fraterna dialógica e tem Deus como centro. Através de Francisco, todos os seres vivos, são *irmãos* e *irmãs*, numa fé profunda e vivida de que Deus é o Criador, e por tal é constituída fraternidade cósmica universal. Disto é exemplo *O Cântico das Criaturas ou o Cântico do Irmão Sol*<sup>174</sup>.

Como vimos acima, o cuidado é a ética que pertence à essência do humano, compreensível e praticável por todos. Leonardo Boff refere ainda que só o cuidado garantirá a sustentabilidade do sistema-Terra com todos os seres da comunidade da vida entre os quais se encontra o ser humano, um elo entre outros, dessa imensa corrente de vida.<sup>175</sup>

Se o Homem aceitar a missão de observar/viver a Carta da Terra nos seus quatro pilares [I. Respeitar e Cuidar da Comunidade de Vida; II. Integridade Ecológica; III. Justiça Social e Económica; IV. Democracia, Não Violência e Paz] com os seus dezasseis princípios, está a construir um Jardim do Éden onde ele, como responsável principal, cuida, cultiva e guarda. E então se cumprirá (Gn 2,15): “o Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar”.

## **2. Proposta: um convite a fazer a diferença.**

O trabalho que se segue é uma proposta que, livremente, o professor pode assumir fazendo ainda as suas adaptações segundo o ‘público-alvo’ que tiver para trabalhar.

---

<sup>173</sup> MERINO, José António, *São Francisco e a ecologia*, 15.

<sup>174</sup> Ver Apêndice 3.

<sup>175</sup> Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, 50.

A Proposta dá continuidade à Unidade letiva 4 – *Ecologia e valores*, do Programa do 8º ano, onde acrescentamos três planificações, sendo a última uma aula onde haverá uma apresentação do Clube *Make the Difference*, ou seja, um clube que quer ser um convite a fazer a diferença.

No que se refere ao Clube, este terá um Regulamento e um Plano de Atividades vasto, disponível à sua vivência concreta, mas também em sintonia com as atividades do Plano Educativo da Escola. Ou seja, um plano concreto, empenhado mas flexível, onde se experiencie o respeito e a tolerância. Estas atividades poderão ainda ser viáveis através da celebração dos dias comemorativos que a escola, ou o grupo de acordo com a mesma, pretendam celebrar, sendo o grupo ou o clube também autónomo para propor comemorações de dias oportunos à vivência dos princípios e valores da Carta da Terra.

Quanto às planificações<sup>176</sup>, queremos que elas sejam um acrescento à Unidade letiva 4 – *Ecologia e valores* e que os alunos vejam e sintam a ecologia como uma atitude de *cuidado*. E como tal, nada melhor que a Carta da Terra em que toda ela é repassada por este olhar tão concreto, o *cuidado*. Assim, ao aderir à Carta da Terra, estamos a fomentar o crescimento e a consciência a nível local, familiar e escolar de uma atitude ecologicamente cuidadora. E a promover a compreensão de sua visão ética inclusiva.

De igual modo, a utilização da Carta da Terra é um guia ético que nos leva, quotidianamente, à implementação dos seus princípios. É, por isso, fundamental apoiar o seu uso educativo, visto que «geralmente, a maioria dos currículos têm uma forte carga horária de matemática, línguas e ciências, mas não contemplam um único programa de “Ética e Valores”»<sup>177</sup>, é aqui que entra um dos contributos da disciplina de EMRC e, já agora, a proposta do Clube a seu cargo, pode ajudar a despertar de uma maneira especial, para os princípios e valores da Carta da Terra.

---

<sup>176</sup> As planificações anteriores estão situadas no portefólio de PES 2012/2013, 30-34.

<sup>177</sup> AA. VV. *Educação Para a cidadania. Guião de Educação para a Sustentabilidade. Carta da Terra*, 41.

As planificações, a proposta do clube, que se seguem pretendem induzir em todos os educandos ou outros uma atitude de cuidado por uma vida sustentável para todos.

### 3. Planificações

#### Planificação da Unidade Letiva 4 – ECOLOGIA E VALORES – 6ª Aula

**Competências:** 23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes;

24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação
1. Interpretar textos bíblicos sobre a relação Deus/natureza, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 23 e 24)		► <b>Acolhimento</b>	2m	Caderno diário	Observar se os alunos escrevem o sumário.
	⇒ <b>Habitar</b> um espaço é assumi-lo como seu: um local onde a felicidade é possível e a permanência desejável.  ⇒ <b>Ocupar</b> um espaço é apenas tomar posse dele, torná-lo propriedade nossa; mas nada disso implica a identificação com o mesmo.	► <b>Sumário:</b> Cuidar da Terra, cuidar uns dos Outros.  ● <i>Revisão da matéria lecionada nas aulas anteriores:</i> - A nossa casa comum:  ● <b>DIALOGO:</b> - Distinguir as palavras "habitar" e "ocupar" e as atitudes correspondentes. - Distinguir atitudes geradoras de "Vida" das geradoras de "morte". - A opção pela "Vida" implica compromisso do consigo mesmo e com os outros. - A opção pela "Vida" implica <i>cuidar de todos e da Terra</i> .	8m		
	⇒ "O SENHOR Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar.» (Gn 2,15)  ⇒ <b>Cultivar e guardar</b> são dois aspetos importantes, é a missão de sermos co-criadores de tudo o que Deus disse que era muito bom.  ⇒ <b>Cultivar e guardar</b> para que seja «domínio sem dominação; domínio sem violência; domínio em doçura, que já inaugura a qualidade das relações que as criaturas são convocadas a entretecer.» (Isabel Varanda, 2003)  ⇒ A experiência da gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece.	● <b>Texto Bíblico em CARTAZ ou em PPT:</b> "O SENHOR Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar.» (Gn 2,15)  ● <b>COMENTARIO/DIALOGO:</b> - <i>Cultivar e guardar</i> é a missão de cada um de nós. - <i>Cultivar e guardar</i> o espaço que queremos <i>Habitar</i> , um local onde a felicidade é possível e a permanência desejável. - Não podemos <i>ocupar/dominar</i> a nosso belo prazer, mas <i>cuidar e guardar</i> , para Todos. - <i>Para cultivar e guardar</i> somos convidados a usar dos valores do Respeito, da Solidariedade e da Responsabilidade, para bem do planeta e de toda a humanidade. - Reconhecer com gratidão o dom da criação, o valor e a beleza da natureza.	15m	Cartaz com o Texto Bíblico; Quadro; Giz.	Observação direta: Interesse, participação pertinente e provocada, atenção...
	⇒ A responsabilidade em relação às gerações vindouras  ⇒ Solidariedade ecológica (será) o valor mais adequado para combater os egoísmos que foram ferindo o nosso ambiente.	● <b>ELABORAÇÃO DE UM MARCADOR:</b>  - São dados aos alunos sugestões de varias frases/convidites a cuidar da Terra e dos Outros. Cada aluno escolherá a que mais gostar. - Cada aluno fará pelo menos um; - Posteriormente os marcadores serão oferecidos a elementos da comunidade educativa como convite e um alerta para Cuidar e guardar a Terra e tudo o que nela existe.	15m	Pedaços de cartolina; Marcadores; Cola para colar alguns enfeites alusivos ao tema; Plástico autocolante...	Observar o empenho na execução dos marcadores.
<b>Síntese:</b> <i>Cuidar e guardar a Terra e tudo o que nela habita. Vivenciar o valor da solidariedade e da gratidão.</i>			5m	Caderno diário	Observar se os alunos registam a síntese da aula



## Planificação da Unidade Letiva 4 – ECOLOGIA E VALORES – 7ª Aula

**Competências:** 4. Organizar uma visão coerente do mundo.

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação
1. Organizar um universo de valores que inclua a responsabilidade do ser humano em relação ao ambiente natural e aos que dele dependem. (comp. 4 e 9)		► <b>Acolhimento</b>	2m	Caderno diário	Observar se os alunos escrevem o sumário.
	⇒ <i>Cultivar e guardar, é a missão de sermos co-criadores de tudo o que Deus disse que era muito bom.</i>	► <b>Sumário:</b> Cuidar uns dos Outros. ● <b>DIALOGO:</b> <i>Revisão da matéria lecionada na aula anterior:</i>  Cuidar e guardar a Terra e tudo o que nela habita.  Vivenciar o valor da solidariedade e da gratidão.	5m	PPT; Projeto; Computador; Puzzles	Observação direta: Interesse, participação pertinente e provocada, atenção...
	⇒ <i>«Quero-lhes pedir um favor. Quero pedir que todos nós caminhemos juntos, cuidemos uns dos outros; cuidem-se entre vocês, não se machuquem, cuidem-se, cuidem da vida. Cuidem da família, cuidem da natureza, cuidem das crianças, cuidem dos idosos; que não exista ódio, que não exista briga. Deixem a inveja de lado, não prejudiquem ninguém. Dialoguem. Vivam o desejo de cuidar uns dos outros.» (Papa Francisco, 19.03.2013)</i>	● <b>Mensagem do Papa Francisco em PPT:</b>  Um favor: - que todos nós caminhemos juntos, - que cuidemos uns dos outros; - que cuidemos da vida. - que cuidemos da família, - que cuidemos da natureza, - que cuidemos das crianças, - que cuidemos dos idosos; - que cuidemos para que não exista ódio, a guerra - que cuidemos em não prejudicar ninguém. - Dialoguem. - Vivam o desejo de cuidar uns dos outros.	30m		
	⇒ <i>«O cuidado é aquela relação que se preocupa e se deixa envolver com a vida e o destino do outro, que mostra solidariedade e compaixão. Vê os contextos concretos dos problemas, e não apenas sua fidelidade a princípios e a deveres.» (Boff, 2006).</i>	● <b>PUZZLE:</b> Montagem: cada puzzle tem a montagem de um pedido do Santo Padre com a palavra CUIDAR.  ● <b>DIALOGO:</b> Sobre o significado da palavra cuidar e a sua pertinência quotidiana.			
	⇒ <i>Experiência refere-nos que todos necessitamos de ser cuidados, acolhidos, valorizados e amados e desejamos cuidar, acolher e valorizar e amar. (Cf. Boff, 2006).</i>	● <b>TRABALHO PARA CASA, PARA A PRÓXIMA AULA:</b> Entrevistar pessoas que se ocupam do <i>cuidado dos outros</i> .	5m	Ficha com modelo/sugestão de entrevista.	Observar o empenho e atenção no trabalho que vão realizar.
<b>Síntese:</b> <i>Cuidar uns dos outros é deixa-se envolver pela vida preocupando-se com o outro, mostrando solidariedade e compaixão.</i>			3m	Caderno diário	Observar se os alunos registam a síntese da aula

## Planificação da Unidade Letiva 4 – ECOLOGIA E VALORES – 8ª Aula

**Competências:** 4. Organizar uma visão coerente do mundo.

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação
1. Organizar um universo de valores que inclua a responsabilidade do ser humano em relação ao ambiente natural e aos que dele dependem. (comp. 4 e 9)		<p>► <b>Acolhimento</b></p> <p>► <b>Sumário:</b> Carta da Terra.</p>	2m	Caderno diário	Observar se os alunos escrevem o sumário.
	⇒ <i>Todos necessitamos de ser <b>cuidados</b>, acolhidos, valorizados e amados e desejamos <b>cuidar</b>, acolher e valorizar e amar. (Cf. Boff, 2006).</i>	<p>● <b>Dialogo:</b> <i>Revisão da matéria lecionada na aula anterior:</i></p> <p>● <b>Partilha das entrevistas feitas como trabalho de casa:</b> Entrevistar pessoas que se ocupam do <i>cuidado dos outros</i>.</p> <p>● <b>Conclusão:</b> <i>Cuidar uns dos outros é deixa-se envolver pela vida preocupando-se com o outro, mostrando solidariedade e compaixão.</i></p>	10m		
	<p>⇒ <b>Princípios da Carta da Terra</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Respeitar a Terra e a Vida em toda a sua diversidade.</li> <li>2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.</li> <li>3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.</li> <li>4. Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.</li> <li>5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.</li> <li>6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método da proteção ambiental, e quando o conhecimento for limitado, tomar o caminho da prudência.</li> <li>7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.</li> <li>8. Avançar no estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação do conhecimento adquirido.</li> <li>9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, económico e ambiental.</li> <li>10. Garantir que as atividades económicas e institucionais em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.</li> <li>11. Afirmar a igualdade e a equidade de género como pré-</li> </ol>	<p>● <b>PowerPoint</b> Apresentação dos princípios da Carta da Terra, com ilustrações.</p> <p>Se o tempo for pouco apresentar antes um PPT, com as devidas ilustrações dos quatro pilares da Carta da Terra:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>I. Respeito e Cuidado pela Comunidade de Vida</li> <li>II. Integridade Ecológica</li> <li>III. Justiça Social e Económica</li> <li>IV. Democracia, Não-violência e Paz</li> </ol>	20m	PPT; Projeto; Computador; Música Letra Colunas de som	Observação direta: Interesse, participação pertinente e provocada, atenção

	<p>requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades económicas.</p> <p>12. Apoiar, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, dando especial atenção aos povos indígenas e minorias.</p> <p>13. Reforçar as instituições democráticas em todos os níveis e garantir-lhes transparência e credibilidade no exercício do governo, a participação inclusiva na tomada de decisões e no acesso à justiça.</p> <p>14. Integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.</p> <p>15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.</p> <p>16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.</p>				
	<p>⇒ <b>Vai e faz</b></p> <p>Vai e faz - Dá um pouco de ti Pensa em ti pensa em mim E nos outros também</p> <p>Vai e faz - Basta um pouco de ti Tu vais ser mais feliz E os outros também</p> <p>Vai e faz - É de livre vontade Que este mundo há-de Ir sempre mais além</p> <p>Vai. que tu mereces e eu mereço Faz. Que tu conheces e eu conheço. Vai. Eu canto aquilo que fizeres. Faz. Eu quero o mesmo que tu queres.</p> <p>Vai. E dá antes que te peçam. Faz. Para que os outros não te impeçam. Vai. Eu canto aquilo que fizeres. Faz. Eu quero o mesmo que tu queres.</p>	<p>● <b>HINO: Vai e Faz</b> Texto – Joaquim Pessoa Música – Paulo de Carvalho Voz – Paulo de Carvalho Vozes – Coral Luísa Todi Direção – Paulo Lourenço Eng.º de som – Fernando Abrantes <a href="http://www.voluntariado.pt/left.asp?01.06.04">http://www.voluntariado.pt/left.asp?01.06.04</a></p>			
	<p>«O cuidado é aquela relação que se preocupa e se deixa envolver com a vida e o destino do outro, que mostra solidariedade e compaixão. Vê os contextos concretos dos problemas, e não apenas sua fidelidade a princípios e a deveres.» (Boff, 2006).</p>	<p>● <b>Apresentação</b> do Clube <b>MAKE THE DIFFERENCE</b> com os seus objetivos e finalidades.</p> <p>● <b>Convite</b> à inscrição</p>	<b>10m</b>	Ficha de inscrição	Observar da aceitação, entusiasmo ou adesão.
<p><b>Síntese:</b> <b>A Carta da Terra:</b> É uma declaração de princípios fundamentais de construção de uma sociedade justa, sustentável e global no século XXI.</p>			<b>3m</b>	Caderno diário	Observar se os alunos registam a síntese da aula

**A Carta da Terra:** É uma declaração de princípios fundamentais de construção de uma sociedade justa, sustentável e global no século XXI. Procura transmitir a todos os povos um sentido global de interdependência e responsabilidade partilhada pelo bem-estar da família humana e do mundo vivo mais abrangente. É uma expressão de esperança e um apelo à criação de uma parceria global numa conjuntura crucial da nossa história.

## 4. Clube *Make the Difference* - Regulamento

### 4.1. Caraterização

*Make the Difference* é um projeto desenvolvido pelo grupo de EMRC no âmbito da Carta da Terra, na vertente do CUIDADO e da responsabilidade social. Pretende sensibilizar a comunidade educativa e familiar para temáticas relacionadas com os valores de Carta da Terra e alertar as crianças para o conceito de mobilidade sustentável, relacionando-o com o de eficiência no consumo de energia e outros recursos naturais. Este projeto promove o envolvimento das crianças, bem como a sua responsabilização para a tomada de atitudes e mudança de comportamentos em prol de uma melhoria da eficiência no consumo e no tratamento de tudo o que nos rodeia.

Para tal, serão desafiados a organizarem-se em equipas, salvo se o n.º dos participantes for inferior a seis, que, sob a supervisão dos professores, têm a responsabilidade de criar e concretizar pequenas missões/tarefas com efeitos reais sobre o cuidado com o Planeta e com os Outros.

### 4.2. Objetivos

*Make the Difference* tem como objetivos:

- Consciencializar, segundo a Carta da Terra para o *cuidado*, e também segundo a *proposta cristã*, sendo este o sinónimo de *modo de vida sustentável*, que implica uma mudança de vida (de mente e coração), de hábitos, de atitudes e valores, de formas de produção económica e relação com a natureza;
- Informar e sensibilizar a comunidade escolar e famílias sobre as diversas fontes de energia existentes, as suas aplicações e as consequências da sua utilização nos dias de hoje;
- Explorar temas como a eficiência energética, explicando qual a sua importância e dando conselhos e dicas;



- Contribuir para a formação de uma opinião esclarecida nas nossas crianças e a incentivá-las para a adoção de comportamentos em benefício da sustentabilidade ambiental;
- Desenvolver o espírito crítico e criativo dos alunos;
- Desenvolver atitudes de persistência, rigor, gosto pela pesquisa, autonomia, cooperação e respeito pelos outros;
- Estimular a cooperação, o trabalho de grupo, a prática da autodisciplina, o prazer de aprender e de comunicar, elevando a autoestima dos alunos;
- Promover a interdisciplinaridade;
- Desenvolver os Valores da solidariedade, da responsabilidade, da gratidão, da não-violência (paz), da tolerância, do cuidado, da inclusão e da reverência inspirados no primeiro capítulo dos Génesis, que repassam também todo o texto da Carta da terra.
- Desenvolver um olhar grato em relação ao Deus de toda a Criação, cuidar de tudo e de todos os seres criados.

### **4.3. Destinatários**

O Projeto *Make the Difference* é dirigido aos alunos dos 2.º e 3.º Ciclos, entre os 10 e os 15 anos, ou seja destina-se a alunos do 5º ao 9º ano de escolaridade que frequentem a disciplina de EMRC.

### **4.4. Responsáveis**

A coordenação do Clube e sua dinamização está a cargo do(a) professor(a) EMRC, correspondendo a 45 minutos semanais, na componente não letiva.

### **4.5. Metodologia / Atividades**

Depois de um período de divulgação nas aulas de EMRC, em todas as turmas, na primeira sessão, será feita a inscrição e apresentação dos alunos. De seguida, o(a) professor(a)

explorará com os alunos o regulamento e funcionamento geral do Clube, bem como todas as características do *Make the Difference*, além do Hino – *Vai e faz!*

De seguida, os alunos organizar-se-ão em grupos, para reflexão e realização de diversas atividades.

Cada grupo definirá a sua missão, relacionada com os temas da Carta da Terra, que se dividirá no seu estudo, procurando desenvolver temas próximo de dias comemorativos, como, em anexo, se propõe criando um nome específico para a mesma. Cada grupo estruturará a sua missão/tarefa, definindo objetivos e atividades a desenvolver durante o ano letivo, ou outro período de tempo, onde se incluirão os alunos da escola, encarregados de educação, comunidade educativa e população local.

#### **4.6. Avaliação**

A avaliação do clube será feita através dos seguintes meios:

- Preenchimento (pelos alunos) de um inquérito sobre a avaliação do funcionamento do Clube no final do ano letivo. Tratamento estatístico e divulgação dos resultados do inquérito.
- Assiduidade dos alunos;
- Interesse manifestado pelos alunos;
- Elaboração de um relatório no final do ano letivo, que deverá ser apresentado em Conselho Pedagógico pelo Coordenador do departamento de EMRC ou Formação Pessoal e Social.

#### **4.7. Regras de funcionamento**

- O acesso ao Clube é livre e gratuito para todos os alunos de EMRC, sendo a admissão dos seus membros feita por inscrição prévia (máximo de 30 alunos).
- O local e horário de funcionamento do Clube será em função da distribuição de ser-

viço por parte da direção no que concerne ao docente de EMRC.

- O horário de funcionamento do Clube será à 4ª feira, com duração de 45 minutos semanais.

- Os membros do Clube deverão assinar uma folha de presença em todas as sessões.

- A participação de um membro no Clube poderá ser suspensa no caso de:

- registar 3 faltas de presença injustificadas;
- o comportamento perturbar o normal funcionamento do clube;
- manifestar desinteresse pelas atividades;
- não cumprir as regras definidas no clube.

#### **4.8. Hino do Grupo: *Vai e Faz***

Texto – Joaquim Pessoa

Música – Paulo de Carvalho

Voz – Paulo de Carvalho

Vozes – Coral Luísa Todi

Direção – Paulo Lourenço

Eng. de som – Fernando Abrantes

<http://www.voluntariado.pt/left.asp?01.06.04>

O(A) coordenador(a) do Clube *Make the Difference*,

## 5. Clube Make the Difference – Proposta

Tema Central	Ações	Objetivos	Atividades/ materiais desenvolvidos	Dinamizadores	Destinatários	Calendarização
<b>Cuidar uns dos outros: ao jeito da Carta da Terra.</b>  <b>Princípios:</b>  <i>1. Respeitar a Terras e a Vida em toda a sua diversidade.</i>  <i>2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.</i>  <i>3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.</i>  <i>4. Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.</i>  <i>5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.</i>  <i>6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método da proteção ambiental, e quando o conhecimento for limitado, tomar o caminho da prudência.</i>  <i>7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.</i>  <i>8. Avançar no estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação do conhecimento adquirido.</i>  <i>9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, económico e ambiental.</i>  <i>10. Garantir que as atividades económicas e institucionais em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.</i>  <i>11. Afirmar a igualdade e a equidade de género como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades económicas.</i>	- Apresentação do Projeto	- Dar a conhecer a Mais-valia que é a Carta da Terra para toda a Comunidade Educativa.	- Sessão de apresentação do Clube Make the Difference, numa aula de EMRC, com recurso aos sites: <a href="http://www.earthcharterinaction.org/content/">http://www.earthcharterinaction.org/content/</a> <a href="http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/index.html">http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/index.html</a> e a uma apresentação multimédia;	Professores de EMRC/prof. Responsável pelo clube.	Alunos do 5º ao 9º ano	23/09 a 4/10/2013
	- Organização do Clube	- Sensibilizar a Comunidade Educativa para a importância do papel ativo dos cidadãos para o cuidado na defesa do ambiente e da humanidade;	- Início do funcionamento do Clube, a.  - Preenchimento de uma ficha de inscrição no clube.  - Análise do regulamento do Clube.	Professor responsável pelo projeto e alunos do clube	Alunos do 5º ao 9º ano	4/10/2013 a 4/06/2014
	- Elaboração de uma auditoria ambiental na escola e em casa	- Envolver os alunos do 5º ao 9º ano de escolaridade que frequentam a disciplina de EMRC e encarregados de educação, no desenvolvimento de missões/trabalhos significativos;	- Diagnosticar comportamentos/problemas ambientais na escola e em casa para que sejam trabalhados, ao longo do ano letivo, pelos alunos do Clube, segundo a Carta da Terra.	- Preenchimento de uma auditoria ambiental e tratamento estatístico dos dados recolhidos.	Comunidade educativa e outros interessados	Comunidade educativa e outros interessados
	- Criação de um blog	- Envolver a Comunidade Educativa na procura de estratégias e atitudes	- Criação de um <i>blog</i> para acesso de toda a comunidade educativa e outras pessoas interessadas nas atividades a desenvolver			



Tema Central	Ações	Objetivos	Atividades/ materiais desenvolvidos	Dinamizadores	Destinatários	Calendarização
<p><i>12. Apoiar, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, dando especial atenção aos povos indígenas e minorias.</i></p> <p><i>13. Reforçar as instituições democráticas em todos os níveis e garantir-lhes transparência e credibilidade no exercício do governo, a participação inclusiva na tomada de decisões e no acesso à justiça.</i></p> <p><i>14. Integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.</i></p> <p><i>15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.</i></p> <p><i>16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.</i></p>	Outras Atividades dadas como sugestão na Tabela em anexo sobre a Carta da Terra.	de cuidado que visem a melhoria ambiental do nosso planeta e o bem-estar das pessoas.	pelo clube. Também para motivar a participação em projetos/atividades e dar sugestões de estratégias cuidar de todos os elementos da natureza e da humanidade.			

### NOTA:

Segue-se a tabela *Carta da Terra – Plano de Ação* com sugestões a desenvolver com os princípios da mesma. As sugestões apresentadas atingem o nível reflexivo e pratico mas não se esgotam nas mesmas.

O(a) professor(a) orientador(a) do clube pode escolher os aspetos mais pertinentes que tenham haver com outros dia comemorativos não salientados na tabela que se segue. Como por exemplo o dia de São Francisco de Assis, que para muitos o seu dia, 4 de outubro é só o dia do animal. Há medida que o(a) professor(a) tiver assuntos relevantes a tratar, mesmo que não diretamente pode consultar a *Carta da Terra – Plano de Ação* que se segue e adaptar a ‘si’ as atividades.

## 6. Carta da Terra – Plano de Ação

Texto da Carta da Terra	Perspetivas derivadas da Carta da Terra	Atitudes/Atividades Pedagógicas	Dias comemorativos (onde podem ser desenvolvidas atividades de maneira especial)
<p><b>Preâmbulo</b></p> <p>Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, temos que reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça económica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos a nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida e com as futuras gerações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estamos diante de um momento crítico na história da Terra.</li> <li>• Temos que reconhecer que, <b>no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum.</b></li> <li>• <i>Devemos somar forças</i> para gerar uma sociedade sustentável global baseada no <b>respeito</b> pela natureza, nos <b>direitos humanos universais</b>, na justiça económica e numa cultura da paz.</li> <li>• Declaremos a nossa <b>responsabilidade uns para com os outros.</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Analisar de gráficos do crescimento da população;</li> <li>➤ Analisar de números sobre imigração ilegal de países em desenvolvimento para países desenvolvidos. (Ex. Ilha de Lampedusa);</li> <li>➤ Analisar pequenos clips ou imagens da situação atual do nosso planeta;</li> <li>➤ Somar forças: colaborar com outros clubes que tenham por objetivo o bem-estar da Comunidade Humana e da Terrestre (Missão Up; Ecoescolas, etc.);</li> <li>➤ Colocar “<i>dizeres</i>” de apelo ao bom uso da luz (junto de interruptores), da água (junto das torneiras), etc.</li> <li>➤ Elaborar um desenho/pintura com o tema “<i>A nossa Responsabilidade</i>”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>10 Dezembro</b> – Dia Internacional da Declaração dos Direitos Humanos.</li> <li>• <b>16 Setembro</b> – Dia Internacional para a Proteção da Camada do Ozono.</li> <li>• <b>16 Março</b> – Dia da Cidadania.</li> <li>• <b>04 Julho</b> – Dia Internacional do Cooperativismo.</li> <li>• <b>06 Julho</b> – Dia Mundial da Cooperação.</li> <li>• <b>11 Julho</b> – Dia Mundial da População.</li> <li>• <b>31 Agosto</b> – Dia Internacional da Solidariedade.</li> </ul>
<p><b>A Terra, Nosso Lar</b></p> <p>A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com os seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A humanidade é parte de um vasto universo em evolução.</li> <li>• A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única.</li> <li>• <b>A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Colaborar com iniciativas do Município, da Freguesia, de todas as outras parcerias, se estas se pautarem pelos valores da Carta da Terra.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>16 Setembro</b> – Dia Internacional para a Proteção da Camada do Ozono.</li> <li>• <b>23 Setembro</b> – Dia Mundial do Mar.</li> <li>• <b>01 Outubro</b> - Dia Nacional da água.</li> <li>• <b>04 Outubro</b> - Dia Mundial do Animal.</li> <li>• <b>16 Novembro</b> – Dia Nacional do Mar.</li> <li>• <b>11 Dezembro</b> - Dia Internacional das Montanhas.</li> <li>• <b>02 Fevereiro</b> – Dia Mundial das Zonas Húmidas.</li> <li>• <b>21 Março</b> – Dia Mundial da Árvore e da Floresta.</li> <li>• <b>22 Março</b> – Dia Mundial da Água.</li> <li>• <b>22 Abril</b> – Dia Mundial da Terra.</li> <li>• <b>20 Maio</b> – Dia Europeu do Mar.</li> <li>• <b>22 Maio</b> – Dia Internacional da Diversidade Biológica ou Biodiversidade.</li> <li>• <b>24 Maio</b> – Dia Europeu dos Parques Naturais.</li> <li>• <b>05 Junho</b> – Dia Mundial do Ambiente.</li> <li>• <b>08 Junho</b> – Dia Mundial dos Oceanos.</li> <li>• <b>28 Julho</b> – Dia Nacional da Conservação da Natureza.</li> <li>• <b>06 Agosto</b> – Dia do Ar.</li> </ul>
<p><b>A Situação Global</b></p> <p>Os padrões dominantes de produção e consumo estão a causar devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão a ser arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão a ser divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está a aumentar. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os padrões dominantes de produção e consumo estão a causar devastação.</li> <li>• Os benefícios do desenvolvimento <b>não estão a ser divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está a aumentar.</b></li> <li>• A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Investigar: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Detetar o que vai mal na e com a ação do Humana;</li> <li>- Descobrir o que o Homem faz de bom e belo;</li> <li>- Descobrir soluções para que a riqueza seja distribuída equitativamente.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>17 Outubro</b> - Dia Mundial para a Erradicação da Pobreza.</li> <li>• <b>24 Outubro</b> - Dia Mundial da Informação sobre o Desenvolvimento.</li> </ul>

<h2>Desafios Para o Futuro</h2> <p>A escolha é nossa: formar uma aliança global para <b>cuidar</b> da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano é primariamente ser mais e não ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia para abastecer a todos e reduzir os nossos impactos ao meio ambiente. O aparecimento de uma sociedade civil global está a criar novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Os nossos desafios, ambientais, económicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções includentes.</p>		<ul style="list-style-type: none"><li>• A escolha é nossa: <b>Cuidar</b> da Terra e uns dos outros.</li><li>• São necessárias mudanças fundamentais dos nossos <b>valores</b>, instituições e modos de vida.</li><li>• O desenvolvimento humano é primariamente <b>ser mais e não ter mais</b>.</li><li>• Temos o conhecimento e a tecnologia para abastecer a todos e <b>reduzir os nossos impactos ao meio ambiente</b>.</li><li>• Criar novas oportunidades para construir um <b>mundo democrático e humano</b>.</li><li>• Os nossos <b>desafios</b>, ambientais, económicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e <b>juntos podemos</b> forjar <b>soluções</b> includentes.</li></ul>	<p>➤ Discernimento sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Os valores da solidariedade, da responsabilidade, da gratidão, do respeito, e do cuidado de todos a todos;</li><li>- A prioridade do Ser em relação ao ter.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>17 Outubro</b> – Dia Mundial para a Erradicação da Pobreza.</li><li>• <b>24 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência.</li><li>• <b>05 Dezembro</b> – Dia Mundial do Voluntariado.</li><li>• <b>01 Janeiro</b> – Dia Mundial da Paz</li><li>• <b>21 Janeiro</b> – Dia Mundial da Religião.</li><li>• <b>23 Janeiro</b> – Dia Mundial da Liberdade.</li><li>• <b>22 Março</b> – Dia Mundial da Água.</li><li>• <b>21 Março</b> – Dia Mundial da Árvore e da Floresta.</li><li>• <b>22 Abril</b> – Dia Mundial da Terra.</li><li>• <b>05 Junho</b> – Dia Mundial do Ambiente.</li><li>• <b>08 Junho</b> – Dia Mundial dos Oceanos.</li><li>• <b>28 Julho</b> – Dia Nacional da Conservação da Natureza.</li><li>• <b>31 Agosto</b> – Dia Internacional da Solidariedade.</li></ul>
<h2>Responsabilidade Universal</h2> <p>Para realizar estas aspirações devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com a nossa comunidade local. Somos ao mesmo tempo cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual as dimensões local e global estão ligadas. Cada um comparte responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e do grande mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo presente da vida, e com humildade considerando o lugar que o ser humano ocupa na natureza.</p> <p>Necessitamos com urgência de uma visão de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à emergente comunidade mundial. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas de negócios, governos e instituições transnacionais será guiada e avaliada.</p>		<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Viver com um sentido de responsabilidade universal.</b></li><li>• Somos ao mesmo tempo cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual as dimensões local e global estão ligadas.</li><li>• <b>Cada um é dada a responsabilidade</b> pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e do grande mundo dos seres vivos.</li><li>• Espírito de <b>solidariedade</b> humana, <b>Gratidão e Humildade</b> considerando o lugar que o ser humano ocupa na natureza.</li><li>• <b>Juntos na esperança e todos interdependentes</b>, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas de negócios, governos e instituições transnacionais será guiada e avaliada.</li></ul>	<p>➤ <b>Cuidar</b> dos mais pobres, a melhor forma de gratidão pelo que temos;</p> <p>➤ Fazer um cordão humano, de mãos dadas pelo <b>cuidado</b> da VIDA, no recinto da escola. Anúncio da Carta da Terra.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>17 Outubro</b> – Dia Mundial para a Erradicação da Pobreza.</li><li>• <b>24 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência.</li><li>• <b>05 Dezembro</b> – Dia Mundial do Voluntariado.</li><li>• <b>01 Janeiro</b> – Dia Mundial da Paz</li><li>• <b>21 Janeiro</b> – Dia Mundial da Religião.</li><li>• <b>23 Janeiro</b> – Dia Mundial da Liberdade.</li><li>• <b>17 Maio</b> – Dia Mundial da Internet</li><li>• <b>31 Agosto</b> – Dia Internacional da Solidariedade.</li></ul>
<h3>PRINCÍPIOS fundamentais da CARTA DA TERRA</h3>		<h3>Perspetivas derivadas da Carta</h3>	<h3>Atitudes/Atividades Pedagógicas</h3>	<h3>Dias comemorativos</h3> <p>(onde podem ser desenvolvidas atividades de maneira especial)</p>
<h3>I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DE VIDA</h3>				
<i>1. Respeitar a Terra e a Vida em toda a sua diversidade.</i>	a) Reconhecer que todos os seres estão interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente do uso humano.	Todos os seres são independentes.	Análise: - O efeito que a extinção de um animal pode causar; - A diferença de 20% da população que consome 80% dos recursos, e 80% da população que só tem a seu uso 20%. Reflexão.	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>22 Maio</b> – Dia Internacional da Diversidade Biológica ou Biodiversidade.</li></ul>
	b) Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.	Fé na dignidade inerente de todos os seres.	Exposição em diversos materiais, de preferência reciclados que representem todas as capacidades possíveis do ser humano.	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>10 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência ao Serviço da Paz e do Desenvolvimento. (UNESCO)</li><li>• <b>20 Novembro</b> – Dia Universal dos Direitos Internacionais da Criança.</li><li>• <b>05 Dezembro</b> – Dia Mundial do Voluntariado para o Desenvolvimento Económico e Social.</li><li>• <b>10 Dezembro</b> – Dia Internacional da Declaração dos Direitos Humanos.</li></ul>
<i>2. Cuidar da comunidade da vida</i>	a) Aceitar que com o direito de possuir, administrar e usar os	Depois de administrar e usar os recursos naturais	Felicitar através de gestos concretos, à escolha do	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>23 Janeiro</b> – Dia Mundial da Liberdade.</li><li>• <b>25 Abril</b> – Dia Nacional da Liberdade.</li></ul>

<i>com compreensão, compaixão e amor.</i>	recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger o direito das pessoas.	vem o dever de impedir o dano causado.	grupo, as instituições que procuram o bem-estar de bens e pessoas.	
	b) Afirmar que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder comporta responsabilidade na promoção do bem comum.	Responsabilidade na promoção do bem comum.	Construção de um cartaz que seja fruto da reflexão dos aspetos de liberdade que correspondem a mais responsabilidade.	
<b>3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.</b>	a) Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e dar a cada uma a oportunidade de realizar o seu pleno potencial.	O aumento de conhecimento e de poder implica aumento de responsabilidade.	Observar a execução dos direitos humanos no quotidiano das nossas vidas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>20 Novembro</b> – Dia Universal dos Direitos Internacionais da Criança.</li> <li>• <b>02 Dezembro</b> – Dia Internacional da Abolição da Escravatura.</li> <li>• <b>10 Dezembro</b> – Dia Internacional da Declaração dos Direitos Humanos.</li> <li>• <b>11 Dezembro</b> – Dia Internacional da UNICEF</li> <li>• <b>23 Janeiro</b> – Dia Mundial da Liberdade.</li> <li>• <b>25 Abril</b> – Dia Nacional da Liberdade.</li> <li>• <b>21 Maio</b> – Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento.</li> </ul>
	b) Promover a justiça económica propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.	Promover a justiça económica, que seja ecologicamente responsável.	Elaborar um conjunto de sugestões para uma justiça económica e ecologicamente responsável. Enviar as sugestões à secretaria de Estado do Meio Ambiente.	
<b>4. Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.</b>	a) Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração com referência ao meio ambiente é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.	As necessidades das gerações futuras não podem ser ignoradas.	Elaborar pequenas frases <i>slogans</i> a convidar a uma mudança de atitude e comportamento ecológicos. Ex. «Prevenir a poluição está na sua mão.»; «Bem-estar e segurança da Humanidade; uma responsabilidade de todos.» Na distribuição dos mesmos adicionar a simbologia do rebuçado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>24 Outubro</b> – Dia Mundial da Informação sobre o Desenvolvimento.</li> <li>• <b>10 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência ao Serviço da Paz e do Desenvolvimento.</li> <li>• <b>21 Maio</b> – Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento.</li> </ul>
	b) Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, a longo termo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.	Transmitir às futuras gerações valores.	Levar uma mensagem com os valores da Carta da Terra às crianças da escola do 1º ciclo. Mensagem em pequenos postais ou marcadores feitos em papel reciclado ou entrega de uma fita de pulso com valores e/ou princípios da carta da terra, em pequenas frases.	
<b>II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA</b>		<b>Perspetivas derivadas da Carta</b>	<b>Atitudes/Atividades Pedagógicas</b>	<b>Dias comemorativos</b> (onde podem ser desenvolvidas atividades de maneira especial)
<b>5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.</b>	a) Adotar planos e regulações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação integral sejam parte de todas as iniciativas de desenvolvimento.	Os sistemas da terra têm de ser protegidos.	Observar os efeitos a longo prazo da devastação de floresta da Amazônia para a extração de petróleo ou de madeira, colocarem em perigo muitas espécies vegetais animais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>22 Maio</b> – Dia Internacional da Diversidade Biológica ou Biodiversidade.</li> <li>• <b>29 Maio</b> – Dia Mundial da Energia.</li> </ul>
	b) Estabelecer e proteger uma natureza viável e as reservas da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de apoio à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar a nossa herança natural.	Os padrões de produção e de consumo não podem exceder.	Análise de entrevistas sobre o assunto: produção consumo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>22 Maio</b> – Dia Internacional da Diversidade Biológica ou Biodiversidade.</li> <li>• <b>29 Maio</b> – Dia Mundial da Energia.</li> </ul>
	c) Promover a recuperação de espécies e ecossistemas em perigo.	Possibilidades de regeneração de terra.	Ação de <i>recolha de plásticos</i> , visto que demora 100 a 400 anos a decompor e pode impedir de regeneração do local onde estiver, mesmo que parcialmente. Ex. Recolha de tampinhas de plástico para apoiar projetos para a angariação de equipamentos para as crianças com necessidades educativas especiais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>22 Maio</b> – Dia Internacional da Diversidade Biológica ou Biodiversidade.</li> <li>• <b>29 Maio</b> – Dia Mundial da Energia.</li> </ul>
	d) Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio	Renunciar a todos os processos químicos e transgénicos.	Optar pelo consumo de comida biologia, sem químicos. Fomentar o canteiro da <i>Hortinha</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>22 Maio</b> – Dia Internacional da Diversidade Biológica ou Biodiversidade.</li> <li>• <b>29 Maio</b> – Dia Mundial da Energia.</li> </ul>

	ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.			
	e) Manejar o uso de recursos renováveis como a água, solo, produtos florestais e a vida marinha com maneiras que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.	Promover as Energias verdes.	Procurar patrocinadores para que a escola tenha um painel solar para fornecimento de energia. Se preciso for participar em concursos a nível local e nacional.	<b>•22 Maio</b> – Dia Internacional da Diversidade Biológica ou Biodiversidade. <b>•29 Maio</b> – Dia Mundial da Energia.
	f) Manejar a extração e uso de recursos não renováveis como minerais e combustíveis fósseis de forma a que diminua a exaustão e não cause sério dano ambiental.	Deve promover-se o estudo da sustentabilidade ecológica.	Estudo do conceito e da prática diária da sustentabilidade ecológica.	<b>•22 Maio</b> – Dia Internacional da Diversidade Biológica ou Biodiversidade. <b>29 Maio</b> – Dia Mundial da Energia.
<b>6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método da proteção ambiental, e quando o conhecimento for limitado, tomar o caminho da prudência.</b>	a) Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica seja incompleta ou não conclusiva.	Evitar problemas sérios irreversíveis para o meio ambiente.	Pesquisa: como Cuidar do <i>Ar</i> e evitar a sua poluição?	<b>•05 Junho</b> – Dia Mundial do Ambiente.
	b) Impor o ônus da prova àqueles que afirmam que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que os grupos sejam responsabilizados pelo dano ambiental.	Haver responsáveis pelos danos no ambiente.	Pesquisa: como Cuidar da <i>Água</i> e evitar a sua poluição?	<b>•05 Junho</b> – Dia Mundial do Ambiente.
	c) Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas consequências humanas globais, cumulativas, de longo termo, indiretas e de longa distância.	A decisão a ser tomada se oriente pelas consequências humanas globais.	Pesquisa: como Cuidar da <i>Terra</i> e evitar a sua poluição?	<b>•05 Junho</b> – Dia Mundial do Ambiente.
	d) Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou perigosas.	Impedir a poluição...	Pesquisa: como Cuidar dos <i>Oceanos</i> e evitar a sua poluição?	<b>•29 Maio</b> – Dia Internacional dos Soldados da Paz das Nações Unidas. <b>•22 Setembro</b> – Dia Europeu sem Carros.
	e) Evitar que atividades militares causem dano ao meio ambiente	Evitar danos ao meio ambiente.	Pesquisa: como Cuidar da <i>Paz</i> e evitar a guerra?	<b>•29 Maio</b> – Dia Internacional dos Soldados da Paz das Nações Unidas.
<b>7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.</b>	a) Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.	Reduzir, reutilizar e reciclar.	Cooperar com o clube Missão Up e Ecoescolas.	<b>•15 Março</b> – Dia Mundial dos Direitos do Consumidor
	b) Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e confiar-se de forma crescente nos recursos energéticos renováveis como a energia solar e o vento.	Uso recursos energéticos renováveis.	Exposição de cartazes com as diferentes energias renováveis.	<b>•29 Maio</b> – Dia Mundial da Energia.
	c) Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais saudáveis.	Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais saudáveis.	Solidariedade: Proporcionar encontros de ensino de computadores a pessoas idosas ou a pessoas com dificuldades de aprendizagem, nomeadamente a crianças com necessidades educativas especiais.	<b>•24 Outubro</b> – Dia Mundial da Informação sobre o Desenvolvimento. <b>•10 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência ao Serviço da Paz e do Desenvolvimento. <b>•24 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência. <b>•01 Maio</b> – Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento.
	d) Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e permitir aos consumidores identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.	Identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.	Pesquisar: Identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.	<b>•15 Março</b> – Dia Mundial dos Direitos do Consumidor.
	e) Garantir acesso universal ao cuidado sanitário que fomenta a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.	Garantir cuidado sanitário que fomenta a saúde.	Visita a um bairro social integrados em equipas de voluntariado já existentes.	<b>•11 Outubro</b> – Dia Mundial da Luta Contra a Dor. <b>•01 Novembro</b> – Dia de Luta Contra o Cancro. <b>•11 Fevereiro</b> – Dia Mundial do Doente.
	f) Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e o	Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade	Lançar convite a estilos de vida saudável. Mas o	<b>•7 Novembro</b> – Dia Nacional do Não Fumador. <b>•01 Dezembro</b> – Dia Mundial da SIDA.

	suficiente material num mundo finito.	de vida.	grupo terá primeiro que analisar quais as sugestões que irá propor.	
<b>8. Avançar no estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação do conhecimento adquirido.</b>	a) Apoiar a cooperação científica e técnica internacional com respeito à sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.	Apoiar a cooperação científica e técnica internacional.	Fomentar o apadrinhamento de alunos mais velhos a alunos mais novos que precisam de estímulo e orientação no meio escolar.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>10 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência ao Serviço da Paz e do Desenvolvimento.</li> <li>• <b>04 Julho</b> – Dia Internacional do Cooperativismo.</li> <li>• <b>06 Julho</b> – Dia Mundial da Cooperação.</li> </ul>
	b) Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuem para a proteção ambiental e o bem-estar humano.	Reconhecer e preservar os conhecimentos que contribuem para a proteção ambiental e o bem-estar humano.	Visita ao Pavilhão da Ciência na Expo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>24 Outubro</b> – Dia Mundial da Informação sobre o Desenvolvimento.</li> <li>• <b>24 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência.</li> <li>• <b>21 Maio</b> – Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento.</li> </ul>
	c) Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.	Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental.	Campanha do SNS: - «Não dê boleia às infeções.» - «A higiene das mãos é essencial.» - «Vamos prevenir e controlar a infeção.» - «Prevenir a infeção está nas suas mãos.» - «Adira às boas práticas de higiene.» - «Segurança do doente. Uma responsabilidade partilhada.» - «Medidas simples salvam vidas»	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>07 Abril</b> – Dia Mundial da Saúde.</li> </ul>
<b>III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÓMICA</b>		<b>Perspetivas derivadas da Carta</b>	<b>Atitudes/Atividades Pedagógicas</b>	<b>Dias comemorativos</b> (onde podem ser desenvolvidas atividades de maneira especial)
<b>9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, económico e ambiental.</b>	a) Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não contaminados, ao abrigo e à higiene segura, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos.	A pobreza representa uma injustiça social, ética e ambiental.	Visualizar algumas imagens de pobreza no nosso país	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>01 Outubro</b> – Dia Nacional da Água.</li> <li>• <b>16 Outubro</b> – Dia Mundial da Alimentação.</li> <li>• <b>22 Março</b> – Dia Mundial da Água.</li> <li>• <b>06 Agosto</b> – Dia do Ar.</li> </ul>
	b) Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e dar seguro médico e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se a si mesmos.	As instituições, a todos os níveis, devem responsabilizar-se pela promoção de um desenvolvimento humano equitativo. Todos devem ter acesso à educação, aos cuidados de saúde e ao trabalho de pares.	Recolha de livros infantis para formar e enriquecer bibliotecas, mas sobretudo para as crianças com mais dificuldades terem acesso por sistema de empréstimo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>08 Setembro</b> – Dia Internacional da Alfabetização.</li> <li>• <b>05 Outubro</b> – Dia Mundial do Professor.</li> <li>• <b>21 Fevereiro</b> – Dia Internacional da Língua Materna.</li> <li>• <b>24 Março</b> – Dia do Estudante.</li> <li>• <b>02 Abril</b> – Dia Internacional do Livro Infantil.</li> <li>• <b>23 Abril</b> – Dia Mundial do Livro.</li> </ul>
	c) Reconhecer o não instruído, proteger o vulnerável, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver as suas capacidades e alcançar as suas aspirações.	Reconhecer o analfabeto, proteger o frágil, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver as suas capacidades e alcançar as suas aspirações.	Promover o analfabeto e dar-lhe os recursos necessários para a mudança a sua alfabetização. Aprender com a sua experiência ao jeito de Paulo Freire: «Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.»	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>17 Outubro</b> – Dia Mundial para a Erradicação da Pobreza.</li> <li>• <b>31 Outubro</b> – Dia Mundial da Poupança.</li> <li>• <b>05 Dezembro</b> – Dia Mundial do Voluntariado para o Desenvolvimento Económico e Social.</li> </ul>
<b>10. Garantir que as atividades económicas e institucionais em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.</b>	a) Promover a distribuição equitativa da riqueza dentro e entre nações.	Distribuir equitativamente a riqueza dentro e entre nações.	Educar para a solidariedade justa. «Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção do mundo.» (Paulo Freire)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>18 Dezembro</b> – Dia Internacional das Migrações.</li> <li>• <b>10 Agosto</b> – Dia do Emigrante.</li> </ul>
	b) Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e aliviar as dívidas internacionais onerosas.	Incrementar os recursos diversos para aliviar as dívidas internacionais onerosas.	Educar para o esforço, o compromisso e sacrifício. «Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.» (Paulo Freire)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>21 Maio</b> – Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento.</li> </ul>

	c) Garantir que todas as transações comerciais apoiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas laborais progressistas.	Garantir que todas as transações comerciais usem recursos sustentáveis.	Apelar para as grandes empresas usarem recursos sustentáveis.	•09 Dezembro – Dia Internacional Contra a Corrupção.
	d) Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício da população e responsabilizá-las pelas consequências das suas atividades.	Corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais devem atuar com transparência em benefício da população.	Visualização de extratos do filme “Erin Brockovich, uma Mulher de Talento”	•04 Julho – Dia Internacional do Cooperativismo. •06 Julho – Dia Mundial da Cooperação.
<b>11. Afirmar a igualdade e a equidade de género como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades económicas.</b>	a) Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com a violência contra as mesmas.	A igualdade de género é um pré-requisito para o desenvolvimento sustentável.	Reflexão sobre o papel da mulher na família, no trabalho e na sociedade.	•25 Novembro – Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. •08 Março – Dia Internacional da mulher.
	b) Estabelecer a participação ativa das mulheres em todos os aspetos da vida económica, política, civil, social e cultural como parceiros plenos e paritários, formadores de opinião, líderes e beneficiários.	Estabelecer a participação ativa das mulheres.	Estabelecer uma reflexão sobre estereótipos referentes à mulher.	
	c) Reforçar as famílias e garantir a segurança e a amorosa criação de todos os membros da família.	Tornar significativa e significante a Família.	Encontro de família dos alunos, em que estes teriam uma participação ativa, dando aso às suas diferentes capacidades e talentos.	•15 Maio – Dia Internacional da Família.
<b>12. Apoiar, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, dando especial atenção aos povos indígenas e minorias.</b>	a) Eliminar a discriminação em todas as formas, como as baseadas na raça, cor, sexo, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, ética ou social.	Não há discriminação.	Ecofestival de música das diferentes nacionalidades dos alunos presentes na escola. Partilha gastronómica das diferentes nacionalidades. Tenda com as religiões professadas pela maioria dos alunos da escola.	•09 Novembro – Dia Mundial Contra o Racismo. •01 Dezembro – Dia Mundial da SIDA. •03 Dezembro – Dia Internacional das Pessoas com Deficiência. •10 Dezembro – Dia Internacional da Declaração dos Direitos Humanos. •21 Janeiro – Dia Mundial da Religião. •21 Março – Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial.
	b) Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas com as formas sustentáveis de vida.	Afirmar o direito dos povos indígenas.	Pesquisa sobre os povos indígenas.	•09 Agosto – Dia Internacional das Populações Indígenas.
	c) Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os para cumprir o seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.	Formar os jovens de forma integral.	Reflexão sobre os direitos e deveres dos adolescentes e dos jovens de Hoje.	•28 Março – Dia Mundial da Juventude. •12 Agosto – Dia Internacional da Juventude.
	d) Proteger e restaurar lugares notáveis, de significado cultural e espiritual.	Proteger as raízes de um povo, em todo o seu contexto.	Motivar os alunos para preservar tudo o que é de domínio público. Cuidar do património físico, estético e espiritual.	•01 Outubro – Dia Mundial da Música. •07 Abril – Dia Nacional dos Moinhos. •18 Abril – Dia Internacional do Monumentos. e Sítios •18 Maio – Dia Internacional dos Museus.
<b>IV. DEMOCRACIA, NÃO-VIOLÊNCIA E PAZ</b>		<b>Perspetivas derivadas da Carta</b>	<b>Atitudes/Atividades Pedagógicas</b>	<b>Dias comemorativos</b> (onde podem ser desenvolvidas atividades de maneira especial)
<b>13. Reforçar as instituições democráticas em todos os níveis e garantir-lhes transparência e credibilidade no exercício do governo, a participação inclusiva na tomada de decisões e no acesso à justiça.</b>	a) Garantir o direito a todas as pessoas de receber informação clara e em tempo hábil sobre assuntos ambientais e desenvolvimento de todos os planos e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tivessem interesse.	Direito à informação.	Um exemplo recente de participação política/cívica. Análise de jornais diários e busca de notícias com valores.	•13 Abril – Dia Mundial da Imprensa. •25 Abril – Dia Nacional da Liberdade. •23 Janeiro – Dia Mundial da Liberdade.
	b) Apoiar sociedades locais, regionais e globais e promover a participação ativa de todos os indivíduos e organizações na tomada de decisões.	Deve incentivar-se a participação política/cívica.	Exercícios de participação cívica. (escolher qual)	•25 Abril – Dia Nacional da Liberdade.
	c) Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de	Liberdade de expressão e de associação.	Análise de programas de televisão e radiofónicos	•21 Novembro – Dia Mundial da Televisão. •23 Janeiro – Dia Mundial da Liberdade.



	assembleia pacífica, de associação e de oposição.		numa perspectiva crítica.	<ul style="list-style-type: none"> <li>•13 Fevereiro – Dia Mundial da Rádio.</li> <li>•13 Abril – Dia Mundial da Imprensa.</li> <li>•25 Abril – Dia Nacional da Liberdade.</li> <li>•03 Maio – Dia Internacional da Liberdade de Imprensa.</li> </ul>
	d) Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo mediação e retificação dos danos ambientais e da ameaça de tais danos.	Educar para medidas concretas de alerta em danos ambientais.	Fomentar um <i>tour de bicicleta</i> num dia de fim de semana aberta a toda a comunidade educativa, com o tema “Está nas tuas mãos dizer não à poluição”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>•05 Junho – Dia Mundial do Ambiente.</li> <li>•22 Abril – Dia Mundial da Terra.</li> </ul>
	e) Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.	Eliminar a corrupção.		<ul style="list-style-type: none"> <li>•09 Dezembro – Dia Internacional Contra a Corrupção.</li> </ul>
	f) Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a <b>cuidar</b> dos seus próprios ambientes e definir responsabilidades ambientais a nível governamental onde possam ser cumpridas mais efetivamente.	Todos devemos cuidar dos ambientes e definir responsabilidades ambientais.	«Cuidar da Criação está na tua Mão» - faixa para ser colocada na escola.	<ul style="list-style-type: none"> <li>•05 Junho – Dia Mundial do Ambiente.</li> </ul>
<b>14. Integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.</b>	a) Oferecer a todos, especialmente a crianças e a jovens, oportunidades educativas que os ajude a contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.	Deve garantir-se o acesso à educação para uma subsistência sustentável.	Promover sessões de debate sobre a importância da educação/estudo no meio escolar. Dizer não a motivações/interesses divergentes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>•28 Abril – Dia Mundial da Educação.</li> </ul>
	b) Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências na educação sustentável.	Diligenciar a contribuição das artes e humanidades, das ciências na educação sustentável.	Construção de um mural na escola com alusão a todas as áreas das ciências e das artes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>•10 Novembro – Dia Mundial da Ciência ao Serviço da Paz e do Desenvolvimento.</li> <li>•15 Abril – Dia Mundial da Arte</li> <li>•12 Agosto – Dia Nacional das Artes.</li> </ul>
	c) Maximizar o papel dos meios de comunicação de massas no sentido de aumentar a consciencialização dos desafios ecológicos e sociais.	Colaboração dos <i>Mass Media</i> para educação ecológica.	Envio de Mensagens para as rádios e jornais locais, com dicas para uma educação ecológica e sustentável.	<ul style="list-style-type: none"> <li>•21 Novembro – Dia Mundial da Televisão.</li> <li>•13 Fevereiro – Dia Mundial da Rádio.</li> <li>•13 Abril – Dia Mundial da Imprensa.</li> </ul>
	<b>d) Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.</b>	Constatar a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.	Frequência facultativa da disciplina de EMRC e do Clube – convite e apresentação dos mesmos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>•21 Janeiro – Dia Mundial da Religião.</li> </ul>
<b>15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.</b>	a) Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e diminuir o seu sofrimento.	Todos os seres vivos merecem o nosso respeito e consideração.	Visualização de extratos de alguns destes filmes: <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Caninos brancos</i> (1991),</li> <li>- <i>A marcha dos pinguins</i> (2005),</li> <li>- <i>Happy feet</i> (2006)</li> <li>- <i>Resgate abaixo de zero</i> (2006),</li> <li>- <i>Uma Aventura no Ártico</i> (2008),</li> <li>- <i>Home</i> (2009),</li> <li>- <i>Loup – Uma amizade para sempre</i> (2009),</li> <li>- <i>Meu querido vira lata</i> (2010),</li> <li>- <i>O grande milagre</i> (2012),</li> <li>- <i>Planeta – Oceano</i> (2013),</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 04 Outubro – Dia do Animal</li> </ul>
	b) Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento externo, prolongando o evitável.			
	c) Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies ameaçadas.			
<b>16. Promover uma cultura de tolerância, não-violência e paz.</b>	a) Estimular e apoiar os entendimentos mútuos, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro e entre nações.	Solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro e entre nações.	Elaboração de Regras da sala de aula. Ser solidário dentro e fora de sala de aula.	<ul style="list-style-type: none"> <li>•12 Fevereiro – Dia Internacional contra a Utilização das Crianças-Soldado.</li> <li>•01 Janeiro – Dia Mundial da Paz</li> <li>•30 Janeiro – Dia da Não-Violência nas Escolas.</li> <li>•20 Fevereiro – Dia da Resistência Não-Violenta.</li> <li>•22 Fevereiro – Dia Europeu da Vítima do Crime.</li> <li>•11 Março – Dia Europeu das Vítimas do Terrorismo.</li> <li>•29 Maio – Dia Internacional dos Soldados da Paz das Nações Unidas.</li> <li>•04 Junho – Dia Internacional das Crianças</li> </ul>



				<p>Vítimas da Agressão.</p> <p>• <b>21 Setembro</b> – Dia Internacional da Paz.</p> <p>• <b>10 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência ao Serviço da Paz e do Desenvolvimento. (UNESCO)</p> <p>• <b>15 Novembro</b> – Dia Internacional da Tolerância.</p>
	b) Implementar estratégias combinadas para prevenir conflitos violentos e animar a colaboração de todos para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.	Precaver conflitos violentos e animar à colaboração, resolver conflitos ambientais e outras disputas.	Fomentar estratégias de diálogo e de paz.	<p>• <b>01 Janeiro</b> – Dia Mundial da Paz</p> <p>• <b>23 Janeiro</b> – Dia Mundial da Liberdade</p>
	c) Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.	Desmilitarização.	Largada de pombos... Reflexão «A Paz é possível!»	• <b>01 Janeiro</b> – Dia Mundial da Paz.
	d) Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição de massa.	Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição de massa.	Fomentar estratégias de diálogo e de paz.	• <b>01 Janeiro</b> – Dia Mundial da Paz.
	e) Afirmar que o uso de espaços orbitais e exteriores apoiam a proteção ambiental e a paz.	Apoiar a proteção ambiental e a paz.	Fomentar estratégias de diálogo, de paz e de tratamento do meio ambiente.	<p>• <b>01 Janeiro</b> – Dia Mundial da Paz.</p> <p>• <b>05 Junho</b> – Dia Mundial do Ambiente.</p>
	f) Reconhecer que a paz é a integridade criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com o grande Todo do qual somos parte.	Admitir que a paz é a integridade criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com o grande Todo do qual somos parte.	Paz com tudo e com todos.	• <b>01 Janeiro</b> – Dia Mundial da Paz
COMO CONTINUAR		Perspetivas derivadas da Carta	Atitudes/Atividades Pedagógicas	Dias comemorativos (onde podem ser desenvolvidas atividades de maneira especial)
<p>Como nunca antes na história, o destino comum nos conchama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa dos princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que comprometer-nos a adotar e promover os valores e objetivos da Carta.</p> <p>Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável a nível local, nacional, regional e global. A nossa diversidade cultural é uma herança preciosa e diferentes culturas encontrarão as suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender da continuada busca de verdade e de sabedoria.</p> <p>A vida, muitas vezes, envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo o indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresa é essencial para uma governabilidade efetiva.</p> <p>Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar o seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com as suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra junto com um instrumento legal vinculante com referência ao ambiente e ao desenvolvimento.</p> <p>Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça e pela paz e pela alegre celebração da vida.</p>		<p>É importante que se tome um compromisso para com a sustentabilidade.</p> <p>É necessária uma mudança de mentalidade e de sentimentos para alcançar a sustentabilidade.</p> <p>Todos têm um papel vital a desempenhar.</p> <p>Os governos têm de renovar o seu compromisso com as Nações Unidas.</p> <p>Um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça e pela paz e pela alegre celebração da vida.</p>	<p>Pesquisar o que é o <i>protocolo de Quioto</i>. Perceber porque há países que não o subscreveram.</p> <p>Mudar de Atitude!</p> <p>Fazer a minha parte! Faz a tua parte! Começa tu!</p> <p>Renovar o compromisso da nossa participação para termos todos uma vida sustentável.</p>	<p>• <b>24 Outubro</b> – Dia Mundial da Informação sobre o Desenvolvimento.</p> <p>• <b>24 Outubro</b> – Dia da Nações Unidas.</p> <p>• <b>24 Novembro</b> – Dia Mundial da Ciência.</p> <p>• <b>01 Janeiro</b> – Dia Mundial da Paz.</p> <p>• <b>16 Março</b> – Dia da Cidadania.</p> <p>• <b>20 Março</b> – Dia da Agricultura.</p> <p>• <b>21 Maio</b> – Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento.</p> <p>• <b>29 Maio</b> – Dia Internacional dos Soldados da Paz das Nações Unidas.</p> <p>• <b>05 Junho</b> – Dia Mundial do Ambiente.</p> <p>• <b>31 Agosto</b> – Dia Internacional da Solidariedade.</p>

### Notas:

- A tabela *Carta da Terra – Plano de Ação*, serve como suporte que pode ser sempre utilizado numa perspectiva pedagógica interdisciplinar.
- Na tabela *Carta da Terra – Plano de Ação*, as datas dos dias comemorativos estão colocadas de setembro a agosto por causa do tempo letivo.
- Os *Dias Comemorativos* são apenas motivos para o desenvolvimento dos Valores e Princípios da Carta da Terra.
- Todas as atividades sugeridas podem ser substituídas por outras, respeitando os mesmos Princípios e Valores.

## 7. Conclusão

A Ecologia, sob a ótica do cuidado, adquire atitudes de serviço e apresenta-se a todos como um desafio. Sendo o cuidado «aquela relação que se preocupa e se deixa envolver com a vida e o destino do outro, que mostra solidariedade e compaixão. Vê os contextos concretos dos problemas, e não apenas sua fidelidade a princípios e a deveres.»<sup>178</sup>. A experiência quotidiana infere-nos que todos necessitamos de ser cuidados, acolhidos, valorizados e amados e desejamos cuidar, acolher e valorizar e amar. Por isso, atendamos ao pedido do Papa Francisco:

«Quero pedir-lhes um favor. Quero pedir que todos nós caminhemos juntos, cuidemos uns dos outros; cuidem-se entre vocês, não se machuquem, cuidem-se, cuidem da vida. Cuidem da família, cuidem da natureza, cuidem das crianças, cuidem dos idosos; que não exista ódio, que

---

<sup>178</sup> BOFF, Leonardo, *Virtudes para um outro mundo possível. Comer & Beber Juntos & Viver em Paz*, Editora Vozes, Vol. III, Petrópolis, RJ, 2006, 115.

não exista briga. Deixem a inveja de lado, não prejudiquem ninguém. Dialoguem. Vivam o desejo de cuidar uns dos outros.»<sup>179</sup>

Cuidemos uns dos outros. Eis a missão do cristão. O que crê tem todos os motivos para ter comportamentos ecológicos. O seu ser solidário faz desejar cuidar de tudo o que o rodeia e de todos, para que cada um seja feliz.

---

<sup>179</sup> *Roma, 19 de Março de 2013 (Zenit.org)*. Discurso do Papa Francisco por telefone, aos fiéis reunidos em Buenos Aires às 4 da manhã para acompanhar o início do seu pontificado.

## Conclusão

*Cuidar da Terra: "Para a Cultivar e Guardar" (Gn 2,15)* é um trabalho que exigiu uma análise e reflexão minuciosa do cuidar, em termos ecológicos, de todo o ser humano e das criaturas que conosco habitam à face da Terra. Cuidar é uma maneira de ser ecologia.

Cuidar para preservar, cultivar para fomentar e guardar para proteger.

Cuidar exige uma vida conduzida por princípios e valores. Esta conduta adquire-se com uma educação integral e humanizante. Sabemos que a educação não muda o mundo, mas muda as pessoas e estas mudam o mundo, mesmo que este processo seja longo e árduo. A educação é o processo pelo qual se treina para a vida permitindo a aquisição de competências que darão a preparação necessária para que as crianças, os adolescentes e os jovens, sejam autônomos, empreendedores, proativos e aptos para lutar por uma vida de qualidade, uma vida de cuidado.

A educação deve promover desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, etc.

Como refere o Papa Francisco no seu discurso aos *Estudantes e Professores das Escolas Italianas*, de 10 de Maio de 2014, a escola é sinónimo de abertura à realidade. Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspetos, das suas dimensões. Aprender a aprender, é um segredo que permanece para sempre e torna aquele que aprende numa pessoa aberta ao real. Por isso, a educação é essencial para combater a ignorância, os estereótipos e até a incompreensão das religiões. Os professores são os primeiros que devem permanecer abertos à realidade e com a mente sempre aberta para aprender!

«Pois, se um professor não está aberto para aprender, não é um bom professor, e nem sequer é interessante; os jovens compreendem, “farejam”, e são atraídos pelos professores que têm um pensamento aberto, “incompleto”, que procuram “um mais”, e assim contagiam os estudantes com esta atitude.» (Discurso aos *Estudantes e Professores das Escolas Italianas*, 2014)

Professores assim buscam uma educação baseada nos valores. Pois, na escola não só aprendemos conhecimentos, conteúdos, mas aprendemos também hábitos, valores que ‘valorizam’ a diversidade na tolerância formando consciências. Para que a aprendizagem seja eficaz, aquele que aprende, deve assumir, fazer seu o que aprende, nomeadamente no que refere aos valores, no meio de conteúdos importantes que vai adquirindo nas muitas disciplinas do seu currículo com o objetivo de promover uma vida saudável, global e de convergir para um processo de seleção-adesão-construção de valores. Não podemos esquecer que os valores fazem parte da alma da educação.

A escola é um lugar de encontro no caminho que nos educa para o verdadeiro, para o bem e o belo. Porque todos nós estamos a caminho, iniciando um processo, empreendendo um caminho. Numa sociedade multicultural precisamos desta cultura do encontro para nos conhecer, para nos amar, para caminhar juntos. E isto é fundamental

«... precisamente na idade do crescimento, como um complemento da família. A família é o primeiro núcleo de relações: Mas na escola nós “socializamos”: encontramos pessoas diferentes de nós, diversas por idade, cultura, origem, capacidade. A escola é a primeira sociedade que integra a família. A família e a escola (...) são complementares, e por conseguinte é importante que colaborem, no respeito recíproco.» (Discurso aos *Estudantes e Professores das Escolas Italianas*, 2014)

A missão da escola/educação é desenvolver o sentido do verdadeiro, o sentido do bem e o sentido do belo. Deste modo cultivamos em nós o verdadeiro, o bem e o belo; e aprendemos que estes três aspetos nunca podem estar separados.

A verdadeira educação faz-nos amar a vida, e abre-nos para a plenitude da vida! Ajuda-nos a pensar o que se sente e o que se faz; sentir bem o que se pensa e o que se faz; e fazer bem o que se pensa e o que se sente, como refere o Papa Francisco.

A disciplina de EMRC, inserida no currículo escolar dos alunos, oferece àquele que aprende uma visão positiva, reforçada nos valores. Um olhar crente e/ou rico de sentido da

História da Humanidade e da quotidianidade da vida, contribui para a formação de crianças e jovens, conscientes e livres. Considera-se, por isso, que não basta um trabalho formativo que seja apenas transmissão de conceitos ou reflexão de valores, visto que o jovem vai desenvolver a apetência pela criação de hábitos e de atitudes, através de experiências concretas que, de uma forma responsável, desafie a formação religiosa, cultural, moral e cívica, em todos os níveis de ensino.

A metodologia pedagógica de EMRC, assumindo a perspetiva integral da formação dos jovens, desafia-os ao encontro do transcendente na vida pessoal e social, ao prazer do cumprimento do dever, à complementaridade dos afetos com a razão, ao encontro do belo com a verdade, à abertura de novos horizontes, à maturidade moral, subjacente também à educação ambiental.

A educação ambiental revela-se uma temática propícia a que, na prática, as aprendizagens das várias disciplinas e/ou áreas curriculares não disciplinares vão interagindo e sedimentando conhecimentos. Simultaneamente, os professores vão desenvolvendo estratégias alternativas para, que no caso da educação ambiental, um valor a ser vivido, testemunharemos a dádiva do Amor e da Criação.

Se a escola é um lugar de encontro no caminho, ao perspetivar-se uma educação ambiental, pode levar-se os estudantes a experimentar a natureza como um local permeado pela presença de Deus e onde se pode fazer a experiência do encontro com Ele. Uma experiência de gratidão a Deus que na Criação se dá e tudo nos oferece. Assim, devemos ter a vivência ecológica como uma educação dos valores da gratidão, do cuidado, do respeito, da responsabilidade, da fraternidade e da solidariedade que implicam uma atitude ética do Homem perante a Terra. Logo, é de todo pertinente ensinar o cuidado para a existência de comportamentos ecológicos, ou seja, educar para o cuidado com a Terra, para o cuidado de todo o Ser Humano e de tudo o que o rodeia.

Degradar o ambiente natural é faltar ‘ao amor ao próximo’. É preciso que o Homem refreie a sua vontade de dominar, deixe de exercer violência sobre a Terra, como se fosse o seu senhor absoluto. Se todo o ambiente natural pertence a Deus, degradá-lo é manifestar uma imensa ingratidão para com Deus. É necessário a justa distribuição dos bens da terra e a não exploração dos mesmos, nos países pobres onde a matéria-prima predomina. É preciso justiça com as gerações de hoje e com as futuras, respeitando toda a diversidade das criaturas e a dignidade do Ser Humano, criado “à imagem e semelhança de Deus”, um ser *querido* por Deus, capaz de captar a sua existência pela fé, capaz de manifestar Deus aos outros humanos.

É preciso união para encontrar soluções sustentáveis para ‘*cultivar e guardar a Terra*’.

Cuidar da Terra é o imperativo, uma atitude necessária! Portanto, cuidar implica repensar o nosso estilo de vida, nos diferentes contextos que influenciam substancialmente a forma como vivemos em comunidade e em sociedade. Cuidar exige esforço para ser ultrapassada a crise ecológica. Neste sentido, é necessário que bens como o clima, a natureza, a terra, sejam responsavelmente protegidos, porque são bens insubstituíveis. Somos todos chamados a fazê-lo: as diferentes religiões, as diferentes políticas e os diferentes pontos de vista da ciência e da cultura. É fundamental, assim, impregnar de valores a ótica reflexiva do papel do Homem como cocriador ativo e responsável no que respeita à prática quotidiana da sustentabilidade de todas as criaturas.

A tradição judaico-cristã é pautada por estes valores que, de certa forma, não eram, até há pouco tempo, visíveis de forma clara, o que originou alguns contrassensos, chegando mesmo a ser acusada de favorecer a não ecologia. Mas, depois deste estudo, podemos provar pela reflexão teológica que não há culpa ou participação da tradição judaico-cristã na degradação do ambiente natural, embora transpareça um antropocentrismo, segundo o qual os seres, vistos como criados, se ordenam para o Homem, porque ele é que é capaz de perceber o sentido das coisas.

Quando o argumento apresentado para a degradação do ambiente é o texto de Gn 1, 28 – *Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.»* - aprez-nos referir que Gn. 1 é o primeiro capítulo do livro de Génesis, por conseguinte, um mito de origem ou da criação, e entenda-se mito como uma forma de comunicação e não como uma ata daquilo que aconteceu no princípio do universo e da humanidade. É uma narrativa saída da fé intuitiva do mitógrafo, sem qualquer especulação científica. É um hino à majestade de Deus e à dignidade humana que aqui aparece como coroa da criação e elo intermédio entre Deus e as criaturas.

De forma alguma esta perícopa é motivo/credencial ou licença para fazer o que bem nos apetece com a Terra e tudo o que nela habita. Como nos ensina Armindo Vaz, o ‘dominai a terra’, posta na boca de Deus, não é um acrescento à criação do homem; é uma forma de interpretar a missão funcional do ser humano no lugar de primazia que ocupa entre os seres criados. Significa o empenho com que ele deve manter a ordem natural dos seres e torná-la mais harmoniosa ao serviço de todos. Isto requer que o homem se integre no mundo criado, que o encha de humanidade e administre racionalmente os seus recursos, dê sentido à sua vida. Mais, a relação de domínio do ser humano relativamente aos animais e à natureza, vista por Gn 1, 28, não é de estrago, esbanjamento, poluição e destruição, nem de agressividade, mas antes de convivência, responsabilidade e reconhecimento do valor intrínseco dela e de a pôr razoavelmente ao serviço do ser humano, como um valor complementar dele: um uso da natureza que completa o ser humano e enobrece a própria natureza. A visão da fé expressa no “enchei a terra e submetei-a” não se coaduna com a exploração, o consumismo, o lucro.

O agir de Deus não é um agir qualquer e com Ele devemos aprender que a essência do Ser Humano é ser um ser cuidador, um ser de missão. Isto é-nos revelado no segundo capítulo do Génesis - ‘o Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar’ (Gn 2,15). Cultivar e guardar, é a missão de sermos cocriadores



de tudo o que Deus disse que era muito bom, por isso, não podemos dominar a nosso belo prazer, mas cuidar e guardar, para todos o jardim que é de Deus. Para que isso se realize, deve haver uma justa e cuidada distribuição de todos os bens da terra, para que se construa uma sociedade equitativa e ecologicamente sustentável. Imediatamente a fé que vê tudo o que existe como criatura de Deus põe-lhe um selo: “respeitar”, “tratar com cuidado”.

E o cristão assume esta fé e ‘põe mãos à obra’ por uma ética ambiental. Ele deve respeitar o mundo que recebeu como um presente de Deus. É exigido aos cristãos esforço para se empenharem mais decididamente na construção de uma cultura humanista, inspirada no Evangelho, e que seja de defesa do ambiente. Para tal, é importante fomentar pequenos gestos cívicos para preservar o ambiente e, com isso, dar testemunho evangélico. E mais ainda, os cristãos têm o dever de utilizar criteriosamente as coisas que Deus criou com o propósito de dar-lhes vida, sustento e alegria.

A Igreja Católica começou a preocupar-se de forma clara, pelo cuidado ecológico, aquando da apresentação das conclusões da comunidade científica. E aos poucos a Igreja Católica, como toda a sociedade, foi alvo de inúmeras alocações, orais e escritas, particularmente significativas feitas pelos Papas, Bispos, Presbíteros e Fieis Leigos das diferentes Dioceses do mundo. Todas as Mensagens, Discursos e Cartas são uma mais-valia para todos os cristãos, porque os motiva para o cuidado integral da Criação. Toda a documentação da Igreja faz apelo aos deveres que temos em relação à natureza, realizando o nosso papel de colaboradores de Deus na obra da Criação. Pela fé em Jesus Cristo, é exigido aos cristãos audácia para se empenharem mais decididamente na construção de uma cultura humanista, inspirada no Evangelho e que seja de defesa e preservação do ambiente.

No decorrer da nossa reflexão foi ainda apresentada a exemplaridade do cuidado na Carta da Terra. Todo este documento, depois de um vasto estudo, expressa confiança na capacidade regenerativa da Terra e na responsabilidade partilhada dos seres humanos de aprende-

rem a amar e a cuidar do ‘lar comum’. Tudo o que precisamos, para o atual estado da Terra, encontramos nesta proposta de ética mundial.

No trabalho que finalizamos foram apresentadas propostas de estudo/reflexão para a vivência da Carta da Terra. Cabe a cada um dar vida às planificações, aos projetos arquitetados e ao *make the difference*, visto que, ao aderir à Carta da Terra, estamos a favorecer o crescimento e a consciência a nível local, familiar e escolar de uma atitude ecologicamente cuidadora.

Podemos terminar, sintetizando que cuidar é servir, Cuidar é hospedar o outro no seu coração e, por sua vez, querer o seu bem-estar físico, psíquico e espiritual. Por isso, urge não usar do poder/dominação que possa prejudicar o outro ser vivo. É necessário «tratar todos os seres vivos com respeito e consideração». (Carta da Terra).

E, como Francisco de Assis, contemplemos a natureza numa fé profunda e vivida de que Deus é o Criador e, por tal, é constituída fraternidade cósmica e universal, em que o Homem é chamado a cuidar, cultivar e guardar a Terra.

*Cuidar* é uma maneira de ser ecologia.

# Bibliografia

## 1. Bibliografia Referida:

### 1.1 Documentos da Igreja

AA. VV., *Catecismo da Igreja Católica*, 2ª edição, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000, [nn. 299-301; 307; 339-341; 344].

BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, Paulus Editora, Lisboa, 2009, [Cap. IV, 43-52].

BENTO XVI, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, 1 de Janeiro de 2010.

BÍBLIA SAGRADA, 2ª edição, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2006.

CONCILO ECUMENICO VATICANO II, *Documentos Conciliares e Pontifícios*, Editorial A. O., Braga, 1992.

CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, " *Preservação do Meio Ambiente*", Nota Pastoral, Secretariado Geral da CEP, 1988.

CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compendio da Doutrina Social da Igreja da Católica*, S. João do Estoril, Principia, 2005.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Centesimus Annus*, Edições Rei dos livros, Lisboa, 1991, [Cap. IV, 30-39].

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, Edições Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1988, [Cap. IV, n. 29, 34].

JOÃO PAULO II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, 1 de Janeiro de 1990.

PAULO VI, Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, 1971, n.º 21.

PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio*, 1967, n.º 22,23-24,69.

### 1.2 Livros

AA.VV., *Educação Para a cidadania. Guião de Educação para a Sustentabilidade. Carta da Terra*. Ministério da Educação, Lisboa, 2006.

AA.VV., *Fontes Franciscanas, I – São Francisco de Assis. Escritos, Biografias, Documentos*, Editorial Franciscana, Braga, 1982.

ARENDT Richard I, *Aprender a Ensinar*, Ed. McGraw Hill, 7ª Edição, Madrid, 2008.

AUER, Alfons, *Ética dell'ambiente*, Queriniana, Brescia, 1988.

BOFF, Leonardo, *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas, SP: Verus, 2002.

BOFF, Leonardo, *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2003.

BOFF, Leonardo, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e Dever de todos*, Editora Vozes, Vol. I, Petrópolis, RJ, 2005.

BOFF, Leonardo, *Virtudes para um outro mundo possível. Comer & Beber Juntos & Viver em Paz*, Editora Vozes, Vol. III, Petrópolis, RJ, 2006.

- BOFF, Leonardo, *São Francisco de Assis. Ternura e Vigor. Uma leitura a partir dos pobres*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2009
- BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2011.
- CREPALDI, Giampaolo, TOGNI, Paolo, *Ecologia ambiental e ecologia humana. Políticas do ambiente e a Doutrina Social da Igreja*. Diel, Lda. Lisboa, 2008.
- ENGLEBERT, Omer, *Vida de São francisco de Assis*. EST, Porto Alegre, 2004.
- ESTANQUEIRO, António, *Boas práticas na educação. O papel do professor*. Editorial Presença, 2ª edição, Lisboa, 2012.
- GAFO, Javier,(ed), *Ética y ecologia*, UPCO Madrid, Madrid, 1991.
- GOLSER, Karl, *Religioni ed ecologia*, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna, 1995.
- LA TORRE, Antonieta, *Ecologia y Moral*, Desclée de Brouwer, S.A., Bilbao, 1993.
- LECRERC, Eloi, *O Cântico das Criaturas ou Os Símbolos da União*. Vozes, Petrópolis, 1999.
- MERINO, José António, *São Francisco e a ecologia*. Editorial Franciscana, Braga, 2007.
- MORANDINI, Simone, *Nel tempo dell'ecologia*, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna, 1999.
- NOUWEN, Henri J.M., *Crescer- Os Três Movimentos da Vida Espiritual. Vida no Espírito*. Paulinas, Lisboa, 2001.
- RATZINGER, Joseph, *Creación y pecado*, pdf, 1985.
- RIBEIRO, José de Jesus Lima, *Em busca de Harmonia Ecológica*, Paulinas, Prior Velho, 2009.
- SANTOS, José Carlos Ary dos, *Obra poética*, Editorial Avante, Lisboa, 1999.
- SCHAFER-GUIGNIER, Otto, *Ecologia e Cristianismo*, Edutorial Perpétuo Socorro, Porto, 1999.
- TOGNI, Paolo, *Ecologia ambiental e ecologia humana. Políticas do ambiente e a Doutrina Social da Igreja*. Diel, Lda. Lisboa, 2008.
- VARANDAS, Mª José, *Ambiente: Uma Questão de Ética*, Esfera do Caos, 1ª edição, Lisboa, 2009.
- VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*. 2ª Edição, Fundação ‘Ajuda à Igreja que sofre’ e Edições Carmelo; Lisboa – Marco de Canaveses, 2008.

### **1.3 Artigos de Revistas/Cadernos de Estudo**

- AMBROSIO, Juan, “Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Católica”, In *Forum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005, 151-161.
- BENAVENTE, Ana, “Portugal, 1995/2001: reflexões sobre democratização e qualidade na educação básica”, In *Revista Ibero Americana de Educación*, nº27, 2001, 99-123.
- BORREGO, Carlos, “Alterações climáticas: a ética ambiental a fé cristã”, In *Brotéria* 172, 2011, 53-64.
- CUNHA, Pedro d'Orey, “A Formação Moral no Ensino”, In *Brotéria* - Vol.138, I, 1994, 59-79.
- FERNANDES, José de A., “Desenvolvimento sustentável? Comentários de um ambientalista cético”, In *Communio*. Ano XX, nº 3, 2003, 259-268.
- HENRICI, Peter, “O Homem e a Natureza na era tecnológica”, In *Communio*. Ano IX, nº 5, 1992, 389-401.

- KERKHOF, Jan, “Perspetivas ou tendências da educação na europa”, In *Pastoral Catequética*. VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar, 2. Edição SNEC e FTUCP, Lisboa (Linda-a-Pastora) 1998, 91-105.
- LIMEIRA, Amélia e ANDRADE Maristela, “Eco(Teo)logia e Cristianismo: Um diálogo entre o discurso científico e o religioso”, In *Fragmentos de Cultura, Giânia*, V.22, nº2, 2012, 193-206.
- MARQUES, V. Soromenho, “Crise do ambiente e globalização”, In *Communio*. Ano XXIII, nº 1, 2006, 63-72.
- MOITA, Fernando, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, In *Pastoral Catequética* nº26, SNEC, 2013, 53-74.
- NUNES, Tomaz Silva, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, In *Fórum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005, 83-88.
- PAÑAO, Miguel Oliveira, “Crise ecológica: como enfrentá-la na interioridade da pessoa como comunhão”, In *Brotéria* - Vol. 166, IV, 2008, 389-401.
- PAÑAO, Miguel Oliveira, “Pensamento ecológico a partir da Caritas in Veritate”, In *Brotéria* – Vol. 170, IV, 2010. 357-370.
- RODRIGUES, F. Barbosa, MALCATA, F. Xavier, “O Magistério da Igreja perante a crise ecológica atual – I”, In *Brotéria*, Vol. 166, II, 2008, 171-185.
- RODRIGUES, F. Barbosa, MALCATA, F. Xavier, “O Magistério da Igreja perante a crise ecológica atual – II”, In *Brotéria*, Vol. 166, III, 2008, 249-265.
- SILVA, Aida Guerra, “A Ecologia na educação Moral”, In *Forum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005, 191-200.
- SOARES, Margarida, “O que são Agrupamentos TEIP”, In *Ozarfaxinars, e-revista* ISSN 1645-9180, nº22 TEIP, Matosinhos, 1-14.
- VAZ, Armindo dos Santos, “A imagem de Deus criador”, In *Bíblica* 55, nº 322, 2009, 396-398.
- VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, In *Bíblica*, 49, 284, 2003, 35-40.
- VAZ, Armindo dos Santos, “Narrativa da criação: Mito e contemplação”, In *Humanística e Teológica* 33:2, 2012, 157-172.
- VAZ, Armindo dos Santos, “No princípio da Bíblia está o mito: A espiritualidade dos mitos de criação”, In *Didaskalia* 37:1, 2007, 39-67.
- VAZ, Armindo dos Santos, “Origem da terra segundo a Bíblia – Mito e fê”, In *Bíblica* 50, nº 290, 2004, 36-42.
- WHITE, Lynn Townsend, JR., “Historical Roots of our ecologic crisis”, In *Science Magazine*, Vol 155, n. 3767, March 10, 1967, 1203-1207.

#### **1.4. Imprensa**

- BENTO XVI, «*Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2010*», in *L'osservatore Romano*, Ano XL, nº 51, Edição Semanal em Português, Cidade do Vaticano, sábado 19 de Dezembro de 2009.

#### **1.5 Legislação**

- AGRUPAMENTO DE ESCOLAS da DAMAIA, “Projeto Curricular de Escola”, 2008/2009.
- AGRUPAMENTO DE ESCOLAS da DAMAIA, “Projeto Educativo do Agrupamento”, 2009/2010.
- AGRUPAMENTO DE ESCOLAS da DAMAIA, “Projeto Curricular do Agrupamento”, 2008/2009.

Decreto-Lei n.º 3/2008, 7 de janeiro.

Recomendação 1720 da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa - 04/10/2005.

## 1.6 Relatórios

DELORS, Jacques et al. (Org.), *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília: UNESCO, 2010.

MESQUITA, Maria, *Portefólio de PES*, Leiria/Lisboa, 2012-13.

Relatório “Um Amigo Hoje... Um Futuro Amanhã” EB 2/3 Pedro D’Orey da Cunha, do N.G.I.C., 27 de novembro de 2008.

## 1.7 WebGrafia

*Eco-Escolas* (consultado em 16.04.2014)

<http://www.abae.pt/EcoEscolas/>

*A Missão UP | Unidos pelo Planeta* (consultado em 16.04.2014)

<http://www.missaoup.com/projecto>

*Hino do Grupo: Vai e Faz* (consultado em 26.04.2014)

<http://www.voluntariado.pt/left.asp?01.06.04>

*Carta da Terra* (consultado em 26.04.2014)

<http://www.earthcharterinaction.org/content/>

<http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/index.html>

*Discurso aos Estudantes e Professores das Escolas Italianas, 2014* (consultado em 10.06.2014)

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140510\\_mondo-della-scuola.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html)

## 1.8 Outras Fontes:

AA. VV., org. Stefano de Fiores e Tullo Goffi, *Dicionário de Teologia Moral*, Paulus, S. Paulo, 1997, 292-304.

*Roma, 19 de Março de 2013 (Zenit.org)*. Discurso do Papa Francisco por telefone, aos fiéis reunidos em Buenos Aires às 4 da manhã para acompanhar o início do seu pontificado.

## 2. Bibliografia Consultada

### 2.1 Documentos da Igreja

BENTO XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini*. Editora Paulus. Lisboa, 2010.

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Educar é um ato de amor”. Nota Pastoral, In *Pastoral Catequética*, n.º 4, SNEC, 2006, 11-13.

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, “EMRC um contributo para um novo humanismo”. Nota Pastoral, In *Pastoral Catequética*, n.º 2, SNEC, 2005, 9-10.

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensinos Básico e Secundário”, Lisboa, SNEC, 2007.

- CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “A Escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana”, Carta Pastoral, Secretariado Geral da CEP, n.º3, 2008.
- CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “A Escola em Portugal. Educação integral da Pessoa Humana”, Carta Pastoral, In *Pastoral Catequética*, SNEC, n.º14, 2009, 9-22.
- CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “EMRC – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, Carta Pastoral, In *Pastoral Catequética*, SNEC, n.º5, 2006, 7-16.
- CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Crise de Sociedade, Crise de Civilização”, Nota Pastoral, Secretariado Geral da CEP, n.º2, 2001.
- CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Responsabilidade solidária pelo bem comum”, Carta Pastoral, Secretariado Geral da CEP, 2003.
- CONGREGAÇÃO para a EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar na Escola. Documentos do Magistério para a Educação*. Paulinas, Prior Velho, 2007.
- FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, Edições Paulinas, Prior Velho, 2013.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, Rei dos Livros, Lisboa, 1995, n. 42.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*. Editora rei dos livros. Lisboa, 1989.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Veritatis Splendor*. Editora São Paulo. Lisboa, 1993.
- JOÃO XXIII, Encíclica Social *Pacem in Terris*, Edições Paulinas, Lisboa, 1990.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. Roma, 1993.

## 2.2 Livros

- AA VV., *Pentateuco*, Coleção Los Libros Sagrados Ediciones, Madrid, 1970.
- AA. VV., *Génese. Do sonho à esperança da terra prometida*. Conferências, Comunicações. IX Semana Bíblica Nacional. Coleção Dinamização Bíblica, 7, Difusora Bíblica, Lisboa, 1987.
- AA.VV., *Escolas de Futuro. 130 Boas Práticas de Escolas Portuguesas*. Porto Editora. Porto. 2009.
- ABRANTES, Pedro – *Os sentidos da Escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade*. Celta: Oeiras, 2003.
- ALEXANDRE, Monique, *Le Commencement du Livre Genèse I-V : La Version Grecque de la Septante et sa Réception*. Coleção Christianisme antique-3, Beauchesne, Paris, 1988.
- AMARAL, Amílcar, *Génese: os onze primeiros capítulos*. Coleção A palavra da salvação-1, Edições Paulinas, Lisboa, 1987.
- AZEVEDO, David, *S. Francisco de Assis Fé e Vida. Espiritualidade Franciscana: Meditações*. Editorial Franciscana, Braga, 1984.
- BARBOSA, Adérito G., *Jovens com valores*, Edições Paulinas, Lisboa, 2000.
- BARBOSA, Adérito G., *Os jovens e a nova evangelização*. UCP, Fundação Eng. António Almeida, Porto, 1993.
- BARCELOS, Paulo, CANTINHO, Mª João, MARCOS, Mª Lucília, (orgs.), *Emmanuel Levinas. Entre Reconhecimento e Hospitalidade*. Edições 70 Lda, Lisboa, 2011.

- BOFF, Leonardo, *Saber cuidar, Ética do humano – compaixão pela terra*, Editora Vozes, 3ª edição, Petrópolis, 1999.
- BOFF, Leonardo, *Virtudes para um outro mundo possível. Convivência, Respeito & Tolerância*, Editora Vozes, Vol. II, Petrópolis, RJ, 2006.
- BOFF, Leonardo, *A oração de São Francisco*. Uma mensagem de paz para o mundo atual. Editora Pergaminho, Cascais, 2006.
- BOFF, Leonardo, *Ética e ecoespiritualidade*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2011.
- BOFF, Leonardo, *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Editora Vozes, Cascais, 1982.
- BONHOEFFER, Dietrich, *Creation and fall: a theological interpretation of genesis 1-3*. SCM Press, London, 1962.
- BRIEND, Jacques, *Uma Leitura do Pentateuco*. Coleção Cadernos bíblicos-14, Difusora Bíblica, Lisboa, 1984.
- CARREIRA, José Nunes, *Pentateuco: Introdução E Exegese De Trechos SELECTOS*, Secção de Publicações da Associação de Estudantes da F. T. da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1975.
- CENTRE D'ÉTUDES DES RELIGIONS DU LIVRE, *In Principio : Interprétations Des Premiers Versets De La Genèse*. Études Augustiniennes, Paris, 1973.
- CHARPENTIER, Etienne, “Para uma primeira leitura da Bíblia”. In *Cadernos Bíblicos*, nº3, Difusora Bíblica, 1ª edição, Lisboa 1980.
- CIMOSA, Mário, *Gênesis 1-11: a humanidade na sua origem*. Pequeno comentário bíblico. Edições Paulinas, São Paulo, 1987.
- COSTA, Alcindo, *Gênesis: Das Lendas e Mitos da Criação à Fé no Deus-Criador*. Coleção Dinamização bíblica-5, Difusora Bíblica, Lisboa, 1986.
- COUTO, António, *O Livro do Gênesis*, Mínima Theologica - 4, Letras e Coisas, Leça da Palmeira, 2013.
- COUTO, António, *Pentateuco Caminho da Vida Agraciada*. Universidade Católica Editora, Volume 13. Lisboa, 2003.
- DANIÉLOU, Jean, Cardeal, *Au Commencement : Genèse I-II*. Seuil, Paris, 1963.
- DATLER, Frederico. *Gênesis. Texto e Comentário*. Edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- DELORS, Jacques et al. (Org.), *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília: UNESCO, 2010.
- DI SANTI, Carmini, L'io Ospitale, Edizioni Lavoro/Editrice Esperienze, Roma, 2001.
- DÍAZ, Carlos, *Dez palavras chave para educar nos valores*. Colección Sinergia, Serie Roja, Madrid, 2005.
- DINIS, Alfredo, PAIVA, João, *Educação, Ciência e Religião*. Gradiva Publicações, S. A. Lisboa. 2010.
- ED. BY CRAIG A. EVANS, JOEL N. LOHR, DAVID L. PETERSEN, *The book of genesis: composition, reception, and interpretation*. Leiden, Boston, Brill, 2012.
- FERREIRA, Vítor Sérgio, *Marcas que demarcam. Tatuagem, body piercing e culturas juvenis*. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2008.
- FREIRE, Alfredo dos Santos, PINHO, António de Almeida. *Francisco de Assis Mestre e Guia*. Manual de Formação Franciscana. Edições Tau, Porto, 1980.
- GARCIA LÓPEZ, Félix, *El Pentateuco. Introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia*. Editorial Verbo Divino, Navarra, 2003.



- GRACIANO, O.M.C., *Personalidade e Espiritualidade de S. Francisco de Assis*. Editorial Franciscana, Braga, 1963.
- GRELOT, Pierre, *Homem, quem és tu?: as origens do homem: os onze primeiros capítulos do genesis*. Cadernos bíblicos – 4, Difusora Bíblica, Lisboa, 1980.
- HUBAULT, Michel, *Caminhos de interioridade com São Francisco de Assis*. Editorial Franciscana, Braga, 2012.
- ISAACS, David, *Virtudes Humanas. Educar e Avaliar*. Colégios Fomento, Diel, Lda, Lisboa, 2009.
- LAPPLE, Alfred, *Bíblia: Interpretação atualizada e catequese*. Volume I. O Antigo Testamento I, 2ª edição, Edições Paulinas, São Paulo, 1982.
- LECLERC, Elói, *Desponta o sol em Assis*, Editorial Franciscana, Braga, 1999.
- LECLERC, Elói, *Retorno ao Evangelho. A gesta de Francisco de Assis*, Editorial Franciscana, Braga, 2002.
- LORETZ, Oswald, *Criação e mito: homem e mundo segundo os capítulos iniciais do gênese*. Coleção Estudos Bíblicos, Edições Paulinas, São Paulo, 1979.
- MALENZA, Enrica, *"In Principio ...": Testo e Commento dei Primi Undici Capitoli della Genesi*. Presbyterium, Padova, Roma, Napoli, 1955.
- MCKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico*. 2ª edição, edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- MERINO, José António, *D. Quixote e S. Francisco. Dois loucos necessários*. Editorial Franciscana, Braga, 2004.
- MERINO, José António, *São Francisco e tu*. Editorial Franciscana, Braga, 2007.
- MORIN, Edgar, *Os sete saberes para a educação do futuro*. Instituto Piaget, Bobadela, 2002.
- NEVES, Manuel Carreira, *São Francisco. Profeta da paz e da ecologia*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1992.
- PULGA, Rosana, *Bê-á-bá da Bíblia*. Edições Paulinas, Prior Velho, 2004.
- RAD, Gerhard von, *El Libro del Genesis*. Coleção Biblioteca de Estudios Bíblicos-18 Sígueme, Salamanca, 1982.
- RAD, Gerhard von, *La Genèse*. Labor et Fides – 1, Genève, 1968.
- RATZINGER, Cardeal, *Verdade, Valores, Poder*, Editorial Franciscana, Braga, 2006.
- RATZINGER, Joseph, *Jesus de Nazaré*. Editora: A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007.
- RAVASI, Gianfranco, *El Libro del Génesis: 1-11*. Coleção Guía espiritual del Antiguo Testamento Barcelona: Herder; Madrid: Ciudad Nueva, 1992.
- RENCKENS, Henricus, *Creación, Paraíso Y Pecado Original según Génesis 1-3*. 2ª ed. Guadarrama, Madrid, 1969.
- RENDSEBURG, Gary A., *The Redaction of Genesis*. Eissenbraune, Winona Lake, Indiana, 1986.
- ROBBINS, Gregory Allen, *Genesis 1-3 In the History of Exegesis: Intrigue in the Garden*. Coleção Studies in women and religion – 27, The Edwin Mellen Press, Lewiston, Queenston, 1988.
- ROGERSON, John, *Genesis 1-11*. JSOT Press, Sheffield, 1994.
- ROTZETTER, Anton, *Louvai o Criador, Assim falou Francisco de Assis aos Animais*, Editorial Franciscana, Braga, 2000.

- RUAH, Joshua, *Génesis: um código ético e moral da vida*. Três Sinais Editores, Lisboa, 2001.
- SCHARBERT, Josef, *Introdução à Sagrada Escritura*. Editora Vozes, Petrópolis, 1993.
- SOGGIN, J. Alberto, *Genesis 1-11*. Coleção Commentario storico ed esegetico all'Antico e al Nuovo Testamento. Antico Testamento - 1/I, Marietti, Genova, 1991.
- THOMPSON, Augustine, *São Francisco de Assis. O Homem por de trás da lenda*. Casa das Letras, Alfragide, 2012.
- VAZ, Armindo dos Santos, *A Visão das Origens em Génesis 2, 4b-3,24*. Edições Didaskalia, Edições Carmelo, Lisboa, 1996.
- VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra Viva, Escritura Poderosa. A Bíblia e as Suas Linguagens*. Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013.
- VIDAL, Marciano, *Para conhecer a Ética Cristã*, Editorial Perpétuo Socorro, Coleção Iniciação, Porto, 1997.
- WENHAM, Gordon J., *Genesis 1-15*. Word Books, Waco, Texas, 1987.
- WESTERMANN, Claus, *Genesis*. Coleção Biblischer Kommentar : Altes Testament ; 1,1 ; 1,2 ; 1,3, Neukirchener, Neukirchen-Vluyn, 1974-1982.
- WESTERMANN, Claus; Transl. By John J. Scullion, *Genesis: An Introduction*. Fortress Press, Minneapolis, 1992.

### 2.3 Artigos de Revistas/Cadernos de Estudo

- AA VV., “Ecoteologia: Nuevas cuestiones y debates” In *Concilium*, Editorial Verbo Divino, nº 331, 2009, 355-364, 451-457.
- AA. VV., “Combater as alterações climáticas: solidariedade humana num mundo dividido”, In *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*, 1-18.
- AA. VV., “Instrumentos de Paz”, in *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº 26, Editorial Franciscana, Braga, 2005, 49-55.
- AA. VV., “No espírito de Assis – as Religiões e a Paz”, In *Revista Paz e Alegria*, Ano XII, nº 67, Família Franciscana Portuguesa, Jan. – Fev. 1988, 2-10.
- ALVES, Herculano, “Ecologia nos Salmos”, In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº2, Editorial Franciscana, Braga, 1994, 46-60.
- ALVES, Herculano, “O rosto do Deus da Criação”, In *IX Semana Bíblica Nacional, Génesis: do sonho à esperança da terra prometida - Conferências Comunicações*, Difusora Bíblica, 1987, 31-77.
- ARANTES, Vitor, “Evangélizar pela Criação”, in *Bíblica*. Ano 53. nº 310, Difusora Bíblica, 2007, 412-413.
- AZEVEDO, David, “Perspetiva ecológica dos sacramentos”, In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº2, Editorial Franciscana, Braga, 1994, 28-35.
- BARBIERI, Helena, “Os TEIP, o projeto educativo e a emergência de ‘perfis de território’”, In *Educação, Sociedade e Culturas*, n.º 20, 2003, 43-75.
- BATTESTIN, C.; GHIGGI, G., “O Princípio Responsabilidade de Hans Jonas: um princípio ético para os novos tempos”, In *Thaumazein*, Ano III, n.º 6, Santa Maria, 2010, 69-85.
- BAYER, Adriana Elisabete, “Juventude: a travessia entre margens móveis”, In *ARTIGO Letrônica*, v. 1, n. 1, dezembro 2008, 266 – 280.

- BORREGO, Carlos, “A ética ambiental e a fé cristã”, in *Brotéria*, Vol. 172, I, 2011, 53-64.
- BRITO, José Henrique Silveira de, “Ética e Educação”, In *Brotéria*, Vol. 145, 2/3, 1997, 181-193.
- CABRAL, Francisco Sarsfield, “A Globalização e os novos desafios éticos”, In *Brotéria*, Vol. 151, IV, 2000, 339-347.
- CALVEZ, Jean-Yves, “A vida económica e social na Doutrina Social da Igreja”, In *Communio*. Ano XXIII, nº 1. UCP, 2006, 55-62.
- CARBALLO, José Rodriguez, “O empenho dos frades menores pela justiça e pela paz”, In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº 25, Editorial Franciscana, Braga, 2004, 6-15.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues, MARTINS, Carlos Henrique dos Santos, “A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar”, In *Educação, Santa Maria*, v. 36, n. 1, 2011, 43-56.
- CENTANO, Severino, “A fraternidade franciscana face ao futuro”, In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº12, Editorial Franciscana, Braga, 1999, 28-39.
- COQ, Guy, “Modelos de Sistemas Educativos na Europa de hoje. Estabelecer um referencial. Educação e democracia: uma relação problemática?” In *Pastoral Catequética*, Ano VIII, 2012, 43-68.
- COSTA, Alfredo Bruto da, “O homem como responsável da criação”, In *IX Semana Bíblica Nacional, Génesis: do sonho à esperança da terra prometida - Conferencias Comunicações*, Difusora Bíblica, 1987, 175-191.
- COSTA, Maria Amélia, “Ecologia na fraternidade”, In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº7, Editorial Franciscana, Braga, 1996, 56-63.
- DIAS, Manuel Rito, “2011 – Ano Internacional das Florestas”, In *Bíblica*. Ano 57. nº 333, Difusora Bíblica, Mar./Abr. 2010, 364-365.
- DURAND,, Olga Celestina, SOUSA, Janice Tirelli Ponde de, “Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais” In *Perspetiva*, v. 20, n.º Especial, 2002, 163-181.
- EDITORIAL, “O cuidado com a mãe Terra” In *Revista Mensageiro de Santo António*, Ano XXVI, nº1, Editorial, 1, 2011, 1.
- EYNG, Ana Maria, SCHERER, Daniel, “Currículo e Culturas Escolares e Juvenis: Identidades Híbridas?” In *Interações* n.º, 17, 2011, 57-71.
- FERRÃO, J. E. Mendes, “A boa gestão dos recursos. Uma necessidade dos nossos tempos e a garantia da peregrinação da vida”, In *Brotéria*. Vol. 151, II / III, Agosto/Set. 2000, 127-141.
- FRANÇA, M. Luísa, PEREIRA, Teresa M., “A educação para a Paz”, In *Communio*. Ano VI, nº 2. UCP, 1989, 152-160.
- GADOTTI, Moacir, “Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade” In *Revista Lusófona de Educação*, 6, 2005, 15-29.
- GADOTTI, Moacir, “Pedagogia da terra: Ecopedagogia e educação sustentável”, In *CLACSO*, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2001, 81-132.
- GARBIN, Elisabete Maria, “Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais” In *Revista Brasileira de Educação*, n.º 23, 2003, 119-135.
- GARCIA Angel Galindo, *Ecologia y creacion. Fe Cristiana y defensa del planeta*. Salamanca, Biblioteca Salamanticensis, Estudios 139, Departamento de ediciones y Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca Compañia, Salamanca, 1991, 34-35, 153-198, 314-320.

- GERMÁN Roberto Mahecha C., “Aproximación a los rasgos de una espiritualidad ecológica”, In *Theologica Xaveriana* - Vol. 60 No. 169, Enero-Junio 2010, 105-132. Bogotá, Colombia. ISSN 0120-3649.
- GOMES, Miguel Angelo, “Perfil do professor de religião e Moral”, In *Communio*, Ano VI, n.º1, 1989, 88-96.
- HAMIDO, Gracinda, UVA, Marta, “Ética Em Educação: Sentidos, Razões e Consequências” In *Interacções* n.º. 21, Santarém, 2012, 1-12
- JEUSSET, Gwenolé, “O encontro: São Francisco com o Sultão”, in *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº 27, Editorial Franciscana, Braga, 2005, 38-46.
- JOÃO PAULO II, “Francisco de Assis, homem da alegria, da paz e da fraternidade” In *Revista Lumen*, Ano 43 – II Série, Secretariado Geral da Conferencia Episcopal Portuguesa, 12, 1982, 501-507.
- LENCASTRE, Marina Prieto Afonso, “Ética ambiental e educação nos novos contextos da ecologia humana” In *Revista Lusófona de Educação*, 8, 2006, 29-52.
- LIMA, Gustavo F. da Costa, “Consciência Ecológica: Emergência, Obstáculos e Desafios”, In *Revista Eletrônica "Política e Trabalho"*, 1998, 139-154.
- LOURENÇO, Francisco, “Educação Moral e Religiosa Católica. Pedagogia, objetivos gerais, conteúdos”, In *Communio*, Ano VI, n.º 1, 1989, 39-53.
- MATHIEU, De Luc, “A ecologia e o recurso a São Francisco de Assis”, in *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº1, Editorial Franciscana, Braga, 1994, 30-35.
- MERINO, José António, “Escoto e a Ecologia” In *Cadernos de Espiritualidade franciscana*, n.º38, 2010, 13-31.
- MOITA, Fernando, “Os jovens e a educação moral. Uma atitude de vida”, In *Communio*. Ano XI, nº 6, 1995, 530-540.
- MOITA, Luís, “Terra habitável: paz e ecologia. A habitable earth: peace and ecology.” In *AmbientalMENTE sustentable*, Universidade Autónoma de Lisboa, ano IV, n.º 8, 2009, 7-14.
- MORGADO, José Joaquim Lopes Morgado, “A fraternidade franciscana e a construção da Paz”, In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº 19, Editorial Franciscana, Braga, 2001, 6-25.
- MORGADO, José Joaquim Lopes Morgado, “Falar de Deus – Metáforas para a inclusão social à luz de São Francisco”, In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº15, Editorial Franciscana, Braga, 2000, 8-39.
- NEGREIROS, Miguel de, “Humanismo Franciscano e ecologia” In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, n.º2, s/d, 38-44.
- NEGREIROS, Miguel, “Humanismo franciscano e ecologia”, in *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº2, Editorial Franciscana, Braga, 1994, 38-44.
- NUNES, Tomaz Silva, “Sobre as finalidades da EMRC”, In *Pastoral Catequética*, n.º 5, 2006, 75-80.
- OSSWALD, W., “Ecologia e ética: moda ou dever?”, In *Brotéria*, Vol. 169, IV, 555-562.
- PAIS, José Machado, “A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse” In *Saúde Soc. São Paulo*, v.18, n.3, 2009, 371-381.
- PAIS, José Machado, “A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse”, In *Saúde e Sociedade* vol. 18, n. 3 jul/set. 2009, 371-381.
- PAIS, José Machado, “Cotidiano e Reflexividade”, In *Educação & Sociedade*, vol. 28, n. 98, 2007, 23-46.
- PAIS, José Machado, “Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea”, In *Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude*, Lisboa, 1998, 17-58.

- PAIS, José Machado, “Jovens e Cidadania” In *Sociologia. Problemas e Práticas*, n. 49, 2005, 53-70.
- PAIS, José Machado, “Lazeres e sociabilidades juvenis - um ensaio de análise etnográfica”, In *Análise Social*, vol. XXV, n. 108-109, 1990, 591-644.
- PAIS, José Machado, “Lazeres e sociabilidades juvenis — um ensaio de análise etnográfica”, In *Análise Social*, vol. XXV (108-109), 1990 (4.º e 5.º) 591-644.
- PALHARES, José Augusto, “Os Sítios de Educação e Socialização Juvenis. Experiências e representações num contexto não-escolar”, In *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 27, 2008, 109-130.
- PAPPÁMIKAIL, Lia, “Juventude(s), autonomia e Sociologia” In *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, 2010, 395-410.
- POLICARPO, José da Cruz, “A Escola tem futuro? A dinâmica da esperança”, In *Pastoral Catequética*, n.º 23, 2012, 11-26.
- REIMER, Haroldo, “Sustentabilidade e cuidado contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica” In *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano III*, n. 18, 2008, 85-95.
- RIBEIRO, Abílio Pina, “Ecologia Humana”, in *Revista Mensageiro de Santo António*. Ano XXVI, nº 3, PPFMC Messaggero di S.Antonio Editrice, 2010, 12.
- RIBEIRO, António, “Francisco de Assis, um Santo para o nosso tempo” In *Lúmen*, Ano 42 – II Série, Secretariado Geral da CEP, 1981, 471-474.
- RINCÓN, Omar, “Reseña de "Culturas juvenis no século XXI" de Silvia H. S. Borelli y João Freire Filho”, In *Matrizes*, Vol. 3, n.1, 2009, 241-246.
- ROSA, Humberto D., “A biodiversidade como criação cósmica”, in *Communio*. Ano XX, nº 3, 2003, 269-275.
- SANTOS, António francisco, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional” In *Pastoral Catequética*, 21/22, 2011/2012, 9-19.
- SCHMUCKI, Oktavian, “A Mística franciscana em São Francisco”, In *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº18, Editorial Franciscana, Braga, 2001, 20-33.
- SEVERINO, “Preservar a Criação” In *Revista Mensageiro de Santo António*, Ano XXVI, nº1, 2010, Editorial, 1.
- SILVA, João Justino de Medeiro, “Indicações para uma espiritualidade do cuidado à luz da teologia da criação” In *Atualidade Teológica*, Ano XIV, nº 36, 2010, 410-418.
- SONNET, Jean-Pierre, “Génesis 1 e a vocação científica do homem” In *Brotéria* 5, Vol.169, 2009, 639-653.
- SUAREZ, Hugo José, “Ecología, Mundializacão, Espiritualidade: A Emergencia de um Novo Paradigma” In *Sociedad y Religión* nº 12, 1994, 135-138.
- VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”, In *Theologica*. Vol. XXXVIII, II série, Fac. 2, UCP, Braga, 2003, 287-306.
- VERACK, Etienne, “A missão dos educadores cristãos: «Caminhar com Árvores» ” In *Pastoral Catequética*, n.º 27, 2013, 99-111.
- VICTORINO Pérez P., “Espiritualidad ecológica: una nueva manera de acercarse a Dios desde el mundo” In *Theologica Xaveriana* - Vol. 60 n.º. 169, Bogotá, Colombia, 2010, 191-214.
- VLOET, Johan Van der, “Religião, Espiritualidade e Educação”, *Communio* XXIII, 4, 2006, 411-421.
- WAINWRIGHT, Elaine M., SUSIN, Luiz Carlos y WILFRED, Felix (eds), “Ecoteologia: Nuevas cuestiones y debates” In *Concilium*, Editorial Verbo Divino, nº 331, 2009, 7-157 ou 335-485.

## **2.4. Imprensa**

BENTO XVI, “Se quiseses cultivar a paz preserva a criação” In *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XL, nº 51, Edição Semanal em Português, Cidade do Vaticano, sábado 19 de Dezembro de 2009, 1, 8-10.

BENTO XVI, “O Papa pediu à Comunidade Internacional: A salvaguarda da criação para as gerações futuras”, In *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XL, nº 50, Edição Semanal em Português, Cidade do Vaticano, sábado 12 de Dezembro de 2009, 1.

BENTO XVI, “A salvaguarda da criação para os pobres e as gerações futuras”, In *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XL, nº 50, Edição Semanal em Português, Cidade do Vaticano, sábado 12 de Dezembro de 2009, 9.

BENTO XVI, “A paz constrói-se também respeitando o meio ambiente” In *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XLI, nº 2, Edição Semanal em Português, Cidade do Vaticano, sábado 9 de Janeiro de 2010, 1, 5 e 7.

BENTO XVI, “Preservar a criação fator de paz e de justiça”, In *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XLI, nº 3, Edição Semanal em Português, Cidade do Vaticano, sábado 16 de Janeiro de 2010, 1, 8-9.

BENTO XVI, “Uma resposta responsável às mudanças climáticas” In *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XLII, nº 49, Edição Semanal em Português, Cidade do Vaticano, sábado 3 de Dezembro de 2011, 1.

## DECÁLOGO PARA UM AMBIENTE À MEDIDA DO HOMEM

---

### no Compêndio da Doutrina Social da Igreja

Da autoria do Observatório Internacional Cardeal Van Thuân sobre a Doutrina Social da Igreja.<sup>180</sup>

**1.** A Sagrada Escritura indica os critérios morais fundamentais para encarar a questão ambiental: a pessoa humana, feita à imagem e semelhança de Deus Criador, é colocada acima de todas as outras criaturas terrenas, que deve usar e cuidar de um modo responsável, para corresponder ao grande projeto divino sobre a criação. A Encarnação de Jesus, Verbo divino, e a Sua pregação testemunham o valor da natureza: nada de quanto existe neste mundo é estranho ao desígnio criador e redentor divino (nn. 451-455).

**2.** Ao abordar a questão ambiental, o Magistério social da Igreja pede para se ter em conta duas exigências fundamentais: a) não se deve reduzir de forma utilitarista a natureza a um mero objeto de manipulação e desfrute; b) não se deve absolutizar a natureza, nem sobrepô-la em dignidade à própria pessoa humana (nn. 461-464).

**3.** A questão ambiental atual envolve todo o planeta e a tutela do ambiente constitui um desafio para toda a humanidade: trata-se do dever, comum e universal, de respeitar um bem coletivo. A responsabilidade para com o ambiente, património comum do género humano, estende-se não só às exigências do presente, mas também às do futuro. Trata-se de uma responsabilidade que as gerações do presente têm em relação às futuras (nn. 466-467)

**4.** No que diz respeito à questão ambiental, deve-se fazer valer o primado da ética sobre a técnica e, portanto, a necessidade de salvaguardar sempre a dignidade do ser humano. Ponto de referência central para toda a aplicação científica e técnica é o respeito pelo homem, que deve acompanhar uma indispensável atitude de respeito para com os outros seres vivos (nn. 456-460).

**5.** Num delineamento correto da questão ambiental, a natureza não é considerada uma realidade sagrada ou divina, subtraída à ação humana. É, antes, um dom oferecido pelo Criador à comunidade humana, confiado à inteligência e à responsabilidade moral do homem. Por isso, ele não comete um ato ilícito quando, respeitando a ordem, a beleza e a utilidade de cada ser vivo e da sua função no ecossistema, intervém modificando-lhe algumas das suas características e propriedades. São deploráveis as intervenções do homem quando danificam os seres vivos ou o ambiente natural, ao passo que são louváveis quando se traduzem no seu melhoramento (nn. 472-480).

**6.** A questão ambiental evidencia a necessidade de harmonizar as políticas de desenvolvimento com as políticas ambientais, tanto a nível nacional como internacional. A programação do desenvolvimento económico deve considerar atentamente a necessidade de respeitar a integridade e os ritmos da natureza, já que os recursos naturais são limitados e alguns não são renováveis. Toda a atividade económica que se valha dos recursos naturais deve também preocupar-se com a salvaguarda do ambiente e prever-lhe os custos, que devem ser considerados como um elemento essencial do verdadeiro custo da atividade económica (nn. 469-470).

---

<sup>180</sup> Os números entre parênteses remetem para o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, editado pelo Conselho Pontifício Justiça e Paz. Este texto está em CREPALDI, Giampaolo, TOGNI, Paolo. *Ecologia ambiental e ecologia humana. Políticas do ambiente e a Doutrina Social da Igreja*. Diel, Lda. Lisboa, 2008, 125.

**7.** A questão ambiental requer que se trabalhe ativamente para o desenvolvimento integral e solidário das regiões mais pobres do planeta. A este respeito, a doutrina social convida a ter presente que os bens da terra foram criados por Deus para serem sabiamente usados por todos: tais bens devem ser divididos com equidade, segundo a justiça e a caridade. Na concretização de um desenvolvimento integral e solidário, o princípio do destino universal dos bens oferece uma fundamental orientação, moral e cultural, para desatar o complexo e dramático laço que une questão ambiental e pobreza (nn. 481-485).

**8.** A questão ambiental requer para a proteção do ambiente a colaboração internacional, através da ratificação de acordos mundiais sancionados pelo direito internacional. A responsabilidade em relação ao ambiente deve encontrar uma tradução adequada a nível jurídico. O conteúdo jurídico do direito a um ambiente saudável e seguro deverá ser elaborado segundo as exigências do bem comum e numa vontade comum de introduzir também sanções para aqueles que poluem (n.468).

**9.** A questão ambiental exige uma mudança efetiva de mentalidade que induza a adotar novos estilos de vida. Tais estilos de vida devem ser inspirados na sobriedade, na temperança e na autodisciplina

nos planos pessoal e social. É necessário sair da lógica do mero consumo e promover formas de produção agrícola e industrial que respeitem a ordem da criação e satisfaçam as necessidades primárias de todos.

Uma semelhante atitude favorece uma renovada consciência da interdependência que une entre si todos os habitantes da terra (n. 486).

**10.** A questão ambiental requer também uma resposta a nível da espiritualidade, inspirada na convicção de que a criação é um dom, que Deus colocou nas mãos responsáveis do homem, para que a utilize com um cuidado amoroso. A atitude que deve caracterizar o homem perante a criação é essencialmente a da gratidão e do reconhecimento: de facto, o mundo reconduz-nos ao mistério de Deus que o criou e sustém. Se se coloca entre parêntesis a relação com Deus, esvazia-se a natureza do seu significado profundo, depauperando-a. Se, pelo contrário, se chega a descobrir a natureza na sua dimensão de criatura, é possível estabelecer com ela uma relação comunicativa, colher o seu significado evocativo e simbólico, penetrar assim no horizonte do mistério, franqueando ao homem a abertura para Deus, Criador dos céus e da Terra. O mundo oferece-se ao olhar do homem como rasto de Deus, lugar no qual se desvela a sua força criadora, providente e redentora (n. 487).



## CARTA DA TERRA

*Valores e Princípios para um Futuro Sustentável*

*A Carta da Terra é uma declaração de princípios fundamentais para a construção de uma sociedade global que no século XXI, seja justa, sustentável e pacífica. A mesma procura inspirar em todos os povos um novo sentido de interdependência e de responsabilidade compartilhada para o bem-estar da família humana e do mundo em geral.*

*É uma expressão de esperança que pretende contribuir para a criação de uma sociedade global no âmbito de uma conjuntura histórico-crítica.*

*A visão ética inclusiva do documento reconhece que a proteção ambiental, os direitos humanos, o desenvolvimento humano equitativo e a paz, são interdependentes e indivisíveis.*

*Isto constitui uma referência relativamente à maneira de pensar estes temas e à forma de os abordar. Inclui igualmente um conceito mais amplo sobre o que é o desenvolvimento sustentável.*

### PREÂMBULO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, temos

que reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça económica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos a nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida e com as futuras gerações.

### A Terra, Nosso Lar

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com os seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

### A Situação Global

Os padrões dominantes de produção e consumo estão a causar devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão a ser arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão a ser divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está a aumentar. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

### Desafios Para o Futuro

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou

arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano é primariamente ser mais e não ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia para abastecer a todos e reduzir os nossos impactos ao meio ambiente. O aparecimento de uma sociedade civil global está a criar novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Os nossos desafios, ambientais, económicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções includentes.

### **Responsabilidade Universal**

Para realizar estas aspirações devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com a nossa comunidade local. Somos ao mesmo tempo cidadãos de nações

diferentes e de um mundo no qual as dimensões local e global estão ligadas. Cada um comparte responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem estar da família humana e do grande mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo presente da vida, e com humildade considerando o lugar que o ser humano ocupa na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à emergente comunidade mundial. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas de negócios, governos e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

## **PRINCÍPIOS**

---

### **I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DE VIDA**

#### **1. Respeitar a Terra e a vida em toda a sua diversidade.**

- a) Reconhecer que todos os seres estão interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente do uso humano.
- b) Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.

#### **2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.**

- a) Aceitar que com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger o direito das pessoas.
- b) Afirmar que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder comporta responsabilidade na promoção do bem comum.

#### **3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.**

- a) Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades

fundamentais e dar a cada uma a oportunidade de realizar o seu pleno potencial.

- b) Promover a justiça económica propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.

#### **4. Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.**

- a) Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração com referência ao meio ambiente é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.
- b) Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, a longo termo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.

## **II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA**

#### **5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.**

- a) Adotar planos e regulações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação integral sejam parte de todas as iniciativas de desenvolvimento.

- b) Estabelecer e proteger uma natureza viável e as reservas da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de apoio à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar a nossa herança natural.
- c) Promover a recuperação de espécies e ecossistemas em perigo.
- d) Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.
- e) Manejar o uso de recursos renováveis como a água, solo, produtos florestais e a vida marinha com maneiras que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.
- f) Manejar a extração e uso de recursos não renováveis como minerais e combustíveis fósseis de forma a que diminua a exaustão e não cause sério dano ambiental.

**6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, tomar o caminho da prudência.**

- a) Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica seja incompleta ou não conclusiva.
- b) Impor o ônus da prova àqueles que afirmam que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que os grupos sejam responsabilizados pelo dano ambiental.
- c) Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas consequências humanas globais, cumulativas, de longo termo, indiretas e de longa distância.
- d) Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou perigosas.
- e) Evitar que atividades militares causem dano ao meio ambiente.

**7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.**

- a) Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.
- b) Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e confiar-se de forma crescente nos recursos energéticos renováveis como a energia solar e o vento.

- c) Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais saudáveis.
- d) Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e permitir aos consumidores identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.
- e) Garantir acesso universal ao cuidado sanitário que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.
- f) Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e o suficiente material num mundo finito.

**8. Aprofundar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação do conhecimento adquirido.**

- a) Apoiar a cooperação científica e técnica internacional com respeito à sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.
- b) Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuem para a proteção ambiental e o bem-estar humano.
- c) Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.

### **III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÓMICA**

**9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, económico e ambiental.**

- a) Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não contaminados, ao abrigo e à higiene segura, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos.
- b) Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e dar seguro médico e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se a si mesmos.
- c) Reconhecer o não instruído, proteger o vulnerável, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver as suas capacidades e alcançar as suas aspirações.

**10. Garantir que as atividades económicas e instituições em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.**

- a) Promover a distribuição equitativa da riqueza dentro e entre nações.
- b) Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e aliviar as dívidas internacionais onerosas.
- c) Garantir que todas as transações comerciais apoiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas laborais progressistas.
- d) Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício da população e responsabilizá-las pelas consequências das suas atividades.

**11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades económicas.**

- a) Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com a violência contra as mesmas.
- b) Estabelecer a participação ativa das mulheres em todos os aspetos da vida económica, política, civil, social e cultural como parceiros plenos e paritários, formadores de opinião, líderes e beneficiários.
- c) Reforçar as famílias e garantir a segurança e a amorosa criação de todos os membros da família.

**12. Apoiar, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, dando especial atenção aos povos indígenas e minorias.**

- a) Eliminar a discriminação em todas as formas, como as baseadas na raça, cor, sexo, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.
- b) Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas com as formas sustentáveis de vida.
- c) Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os para cumprir o seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.
- d) Proteger e restaurar lugares notáveis, de significado cultural e espiritual.

**13. Reforçar as instituições democráticas em todos os níveis e garantir-lhes transparência e credibilidade no exercício do governo, a participação inclusiva na tomada de decisões e no acesso à justiça.**

- a) Garantir o direito a todas as pessoas de receber informação clara e em tempo hábil sobre assuntos ambientais e desenvolvimento de todos os planos e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tivessem interesse.
- b) Apoiar sociedades locais, regionais e globais e promover a participação ativa de todos os indivíduos e organizações na tomada de decisões.
- c) Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de assembleia pacífica, de associação e de oposição.
- d) Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo mediação e retificação dos danos ambientais e da ameaça de tais danos.
- e) Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.
- f) Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes e definir responsabilidades ambientais a nível governamental onde possam ser cumpridas mais efetivamente.

**14. Integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.**

- a) Oferecer a todos, especialmente a crianças e a jovens, oportunidades educativas que os ajude a contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.
- b) Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências na educação sustentável.
- c) Maximizar o papel dos meios de comunicação de massas no sentido de aumentar a consciencialização dos desafios ecológicos e sociais.
- d) Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.

**15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.**

- a) Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e diminuir o seu sofrimento.
- b) Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento externo, prolongando o evitável.

**IV. DEMOCRACIA, NÃO-VIOLÊNCIA E PAZ**

- c) Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies ameaçadas.

#### **16. Promover uma cultura de tolerância, não-violência e paz.**

- a) Estimular e apoiar os entendimentos mútuos, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro e entre nações.
- b) Implementar estratégias combinadas para prevenir conflitos violentos e animar a colaboração de todos para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.

- c) Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.
- d) Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição de massa.
- e) Afirmar que o uso de espaços orbitais e exteriores apoiam a proteção ambiental e a paz.
- f) Reconhecer que a paz é a integridade criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com o grande Todo do qual somos parte.

### **COMO CONTINUAR**

---

Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa dos princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que comprometer-nos a adotar e promover os valores e objetivos da Carta.

Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável a nível local, nacional, regional e global. A nossa diversidade cultural é uma herança preciosa e diferentes culturas encontrarão as suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender da continuada busca de verdade e de sabedoria.

A vida, muitas vezes, envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum,

objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo o indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresa é essencial para uma governabilidade efetiva.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar o seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com as suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra junto com um instrumento legal vinculante com referência ao ambiente e ao desenvolvimento.

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça e pela paz e pela alegre celebração da vida.

## CÂNTICO DAS CRIATURAS ou Cântico do Irmão Sol

---

*Altíssimo, onnipotente, bom Senhor, /a ti o louvor, a glória, /a honra e toda a bênção.  
A ti só, Altíssimo, se hão-de prestar/e nenhum homem é digno de te nomear.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor, / com todas as tuas criaturas, / especialmente o meu senhor irmão Sol,  
o qual faz o dia e por ele nos alumias. / E ele é belo e radiante, / com grande esplendor:  
de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor, / pela irmã Lua e as Estrelas:  
no céu as acendeste, claras, e preciosas e belas.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor, / pelo irmão Vento  
e pelo Ar, e Nuvens, e Sereno, / e todo o tempo,/ por quem dás às tuas criaturas o sustento.  
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Água,  
que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor, / pelo irmão Fogo,  
pelo qual alumias a noite: / e ele é belo, e jucundo, e robusto e forte.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor, / pela nossa irmã a mãe Terra,  
que nos sustenta e governa, / e produz variados frutos,  
com flores coloridas, e verduras.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor, / por aqueles que perdoam por teu amor  
e suportam enfermidades e tribulações.  
Bem-aventurados aqueles / que as suportam em paz,  
pois por ti, Altíssimo, serão coroados.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor, / por nossa irmã a Morte corporal,  
à qual nenhum homem vivente pode escapar. / Ai daqueles que morrem em pecado mortal!  
Bem-aventurados aqueles / que cumpriram a tua santíssima vontade,  
porque a segunda morte não lhes fará mal.*

*Louvai e bendizei a meu Senhor, / e dai-lhe graças  
e servi-o com grande humildade.*